



A espera do fim da greve, no aeroporto da Portela, esta manhã

CONSELHO DE GERÊNCIA DIZ QUE JÁ CEDEU "TUDO" TAP mantém greve

A paralisação da frota da TAP mantém-se durante o dia de hoje como consequência do prosseguimento da greve de uma parte dos trabalhadores de manutenção determinada pelo Sindicato dos Técnicos de Manutenção (SITEMA), uma organização paralela do sector.

Segundo apurámos esta manhã, não foi possível encontrar um acordo entre o Conselho de Gerência da TAP e os dirigentes do SITEMA, durante uma reunião que se efectuou até de madrugada. Por seu turno, um porta-voz sindical afirma que houve uma proposta

concreta no sentido de ser posto termo à greve, ainda hoje, mas os responsáveis da TAP recusaram-na.

Tudo indica, portanto, que o debate das questões prossegue esta tarde, numa altura em que o CG da TAP afirma já ter cedido até ao «extremo limite». E, entretanto, mantém-se todos os problemas originados pela greve, particularmente no que respeita aos Açores e Madeira que continuam praticamente isolados em consequência da suspensão dos voos.

Pág. 8

ACIDENTE QUÍMICO NOS EUA Descarrilamento provoca evacuação precipitada de milhares de pessoas

Peritos de segurança vão hoje efectuar uma primeira análise do comboio de mercadorias que ontem explodiu e libertou gases altamente tóxicos num pantano do noroeste da Florida, obrigando a retirada da área dos seus cinco mil residentes.

A despeito do aparato do acidente, só se registou um ferido ligeiro. Não é possível determinar, por enquanto, as causas do descarrilamento de 22 vagões dos 116 da composição, dos quais 65 iam cheios de produtos químicos voláteis.

Os 65 vagões-tanques do comboio continham produtos como amoníaco anidro, acetona, ácido carbónico e álcool metílico,

e a mistura dos gases dos 22 vagões descarrilados resultou em gigantescas labaredas que podiam ser avistadas a 2 quilómetros e meio do local do acidente.

O incêndio prolongou-se por onze horas. A chuva manteve os gases a superfície do terreno, e as autoridades resolveram iniciar os trabalhos de recuperação da linha só esta manhã.

Elementos da base aérea de Elgin, situada nas imediações do local do acidente, fizeram análises da atmosfera, descobrindo gases químicos num raio de cinco a oito quilómetros e a uma altura de 600 metros sobre o pântano.



HOJE HA
«EXCLUSIVO»

«A morte nuclear ainda vive em Bikini» constitui um importante e oportuno artigo inserido no «Exclusivo» de hoje. Nele se publicam mais textos da maior actualidade sobre Andorra, Bangladesh, Checoslováquia, Brasil, Inglaterra, Alemanha Federal, etc. Outros temas do maior interesse completam este suplemento dedicado a vida internacional.

TEMPORAL NO NORTE

Fechado o porto de Leixões

Pág. 11



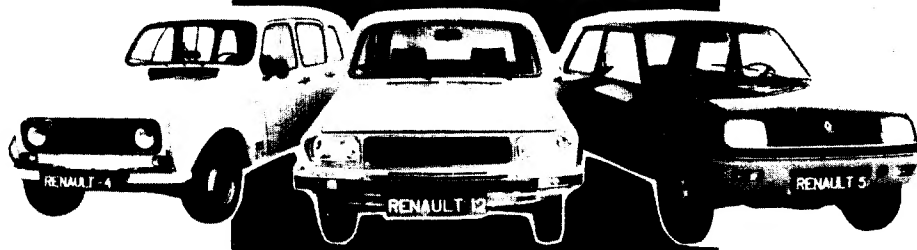
Os ecologistas não estavam lá

Dois anos de reparações em estradas e em pontes, um trajecto de quatro mil quilómetros preferido a outro de apenas 240, um sigilo absoluto — eis alguns dados relativos ao transporte de elementos para centrais nucleares, conseguido pelas autoridades francesas sem que os movimentos ecologistas dele se apercebessem. A «história» deste transporte só agora se tornou conhecida, a partir da divulgação de fotografias obtidas por um jornalista da agência Sipa Press

pág. 20

concurso DL

3
AUTOMÓVEIS
58 PRÉMIOS



Ainda pode concorrer!

O leitor que hesitou e deixou passar os dias sem guardar os cupões que o habilitam aos magníficos prémios ainda vai a tempo! Compre já o «DL» e recorte os cupões que se vão seguir, pois ser-lhe-á dada mais tarde uma oportunidade de completar a sua colecção.

Hoje o 8.º Cupão
(na pág. 2)

...e o caderno especial 1928

COMUNICAÇÃO SOCIAL

Os 58 anos do "DL"

De todo o País, recebemos aqui no «Diário de Lisboa» mensagens de leitores e anunciantes assinalando efusivamente a passagem do 58.º aniversário do nosso Jornal.

Entretanto, a receptividade do público a nossa edição de aniversário, com um suplemento especial voltado para Lisboa, constitui magnífica prenda de anos para o «DL», que queremos sempre melhor, e ao serviço do povo português.

Noutra oportunidade referir-nos-emos, com mais pormenor, as manifestações de simpatia e amizade recebidas na Luz Soriano, e que, mais do que justificarem, exigem que o «Diário de Lisboa» prossiga, com uma orientação afinal imposta pelos seus leitores.

No suplemento de aniversário por erro técnico, a crónica «Conversa dobrada» do nosso camarada de redacção Mário Lindolfo, não aparece assinada do que pedimos desculpa ao autor e aos nossos leitores.

CI PARA A RTP/EP

Programas de análise política vão ser seguidos mais de perto

O Conselho de Informação para a RTP deliberou por maioria manifestar a sua «preocupação quanto aos critérios utilizados pela RTP em matéria da informação que veicula» e em relação «a programas de análise e debate político».

O Conselho, que também não esconde a sua preocupação quanto «a forma como os problemas da actualidade política aí são tratados», decidiu para o

efeito criar um grupo de trabalho «para analisar aquela problemática» a fim de poder tomar, no mais curto prazo de tempo, as «posições que houver por convenientes».

Uma vez que abandona o partido (PSD) que vinha representando, o social-democrata António Galaz, um dos conselheiros até agora em representação da força do «chefe» Sá Carneiro

(mais Amândio de Azevedo e Moura Guedes, entre outros), comunicou ao CI para a RTP/EP que vai deixar de fazer parte daquele órgão.

Carteira profissional preocupa jornalistas

Dirigentes do Sindicato dos Jornalistas encontram-se esta tarde com o ministro Proença de Carvalho, no Palácio Foz, para debater alguns dos problemas que afectam o sector da Comunicação Social.

Entre outras, serão discutidas questões ligadas a Carteira Profissional e Estatuto dos Jornalistas, contratação colectiva, desemprego no sector e «O Século».

Se é certo que o problema da Carteira Profissional preocupa a classe, dada a importância do documento e os direitos nela consignados, é também líquido que aspectos relacionados com a contratação colectiva (presentemente nas mãos do Governo) e a situação de «O Século» (desde há dias posto a venda) motivam a atenção da direcção do Sindicato dos Jornalistas e da classe em geral.

Sines em questão

As possibilidades de utilização do porto de Sines podem ser drasticamente reduzidas no próximo Inverno, salvo se se proceder a reparação imediata do molhe — foi sublinhado no II Encontro de Jornalistas Económicos no último fim-de-semana reunidos em Sines, por iniciativa

da Sociedade Portuguesa de Petroquímica, e a que já fizemos referência na nossa edição de ontem dando conta das intervenções de João Cravinho, Daniel Amaral e Silva Pinto (director das refinarias portuguesas).

A impossibilidade de utilização do Cais 3 impede a atracagem de navios de grande tonelagem como o petroleiro «Nogueira» da Sopotata, recentemente construído na Setenave. Por outro lado, e ainda segundo Silva Pinto, dificulta (o Cais n.º 3) ou torna economicamente inviável o «transhipment».

Técnicos da refinaria e da Companhia Nacional de Petroquímica consideraram também uma necessidade urgente a construção do terminal mineiro já programado há alguns anos, cujo arranque se torna agora mais indispensável dada a decisão da EDP de construir naquela vila a nova central térmica a carvão.

No Peru: 15 deputados vão acompanhar jornalistas na greve da fome

Jornalistas peruanos continuam em greve da fome na sede da sua Federação, tendo já alguns deles sido levados para clínicas e hospitais, afirm de serem assistidos.

A greve da fome, como tem sido noticiado, pretende pressionar a abertura de dez publicações da oposição encerradas pelo governo militar em Janeiro. Entretanto, Pedro Caceres, um deputado peruano, encontra-se

na Assembleia Constituinte em greve da fome, por solidariedade com os jornalistas. E espera-se que, amanhã, na altura em que o chanceler da Alemanha, Helmut Schmidt, chegar ao Peru, mais 15 deputados de esquerda entrem em greve da fome.

Entretanto, pelo menos, dois jornalistas da publicação bimensal «Caretas» já foram hospitalizados.

post-scriptum

Resposta a um leitor

Do «Grupo Segurador M. S. A., Empresa Pública», resultante da fusão das seguradoras «Mutualidade», «Soberana» e «Aliança Madeirense» recebemos a seguinte carta, que responde a reclamações do nosso leitor sr. Jaime Felício Mouzinho por nós publicadas nesta secção:

«Publicou o jornal que V. dirige, em 13 do corrente, na secção «Post-Scriptum», uma carta do sr. Jaime Felício Mouzinho na qual se fazem determinadas acusações a esta seguradora que há a esclarecer.

Porque o desejo de V. será, por certo, o de elucidar os seus leitores, tal como o nosso, julgamos desnecessário invocar o direito de resposta consagrado na Lei de Imprensa.

Além disso, a presente resposta servirá para, mais uma vez — já que tivemos oportunidade de o fazer directamente antes, em mais de uma ocasião — tentarmos elucidar o sr. Jaime Mouzinho. Devemos afirmar que, até certo ponto, compreendemos o desabafo do referido leitor, se considerarmos o tempo decorrido desde o acidente. Mas tal demora não nos é imputável, pelas razões que passamos a expor.

1 — No acidente em questão verificaram-se elevados danos, corporais e materiais, e vários lesados — além de uma morte; ora, a responsabilidade civil da respondente estava, pelo contrato de seguro, limitada a 100.000\$00 (cem mil escudos).

2 — Sucede que, por lapso de escrita, e em resposta de 29-10-75, a uma carta do sr. Mouzinho, o informamos que a responsabilidade da seguradora era de 200 contos — e esse o documento que o sr. Mouzinho refere ter em seu poder, o qual, como é evidente, não se sobrepõe ao capital contratual constante da apólice, o mesmo sucedendo se a situação fosse a oposta, isto é, se a companhia o tivesse informado por carta, que o capital era de 100 contos se, na apólice, constassem 200 contos...

3 — Acontece que, a resposta à nossa carta de 29-10-75 (o documento de que fala o sr. Mouzinho) já foi subscrita pelo sr. dr. Orlando Marcelo Curto, advogado constituído pelo sr. Jaime Mouzinho pelo que, como é evidente, o esclarecimento e rectificação do capital seguro foi prestado a esse advogado e não ao sr. Mouzinho — com o qual, como é óbvio, deixámos de nos corresponder.

4 — Aliás, no processo que corre em tribunal e ao qual adiante nos referimos, ficou provado, documentalmente, que a responsabilidade da seguradora era de 100 contos e não de 200 contos.

Daí que o sr. Mouzinho não tenha razão ao pretender que o seguro seja de 200 contos — com base num lapso de escrita constante de uma carta, prontamente rectificado e provado judicialmente — e não de 100 contos.

5 — Malogradas as negociações extrajudiciais, aliás difíceis, face ao número de lesados e à responsabilidade da seguradora constante da apólice, vieram o sr. Mouzinho e sua mulher, através do seu douto advogado, a intentar uma acção civil em Lisboa, contra a Comp. de Seguros «Aliança Madeirense» e outros, pedindo a indemnização de... 1.164.726\$30 (um milhão cento e sessenta e quatro mil setecentos e vinte e oito escudos e trinta centavos). A seguradora em causa foi citada para contestar em 24-6-76 — ou seja, quase três anos após o acidente! É evidente que esta primeira demora, tal como as outras, não pode ser atribuída à seguradora, como pretende o sr. Mouzinho. Mas há mais:

6 — Tendo o acidente ocorrido na área do Tribunal Judicial de Benavente, era este o Tribunal competente para apreciação do caso e não o de Lisboa, onde a acção foi distribuída (dispensamo-nos, para não alongar a resposta, de tecer quaisquer outras considerações sobre o problema da competência territorial dos tribunais). Acresce que a seguradora era a MUTUALIDADE — e não a Aliança Madeirense, contra a qual foi intentada a acção (hoje estão ambas, bem como a SOBERANA, fundidas no GRUPO SEGURADOR MSA — ep).

Daí que, na contestação se tenham deduzido as excepções de incompetência territorial do Tribunal e de ilegitimidade da ré «Aliança Madeirense».

7 — Por sentença de 25-11-76, foi a excepção de incompetência territorial julgada procedente e, por via dela, remetido o processo para o Tribunal de Benavente.

Entretanto, o segurado da Mutualidade, também réu na acção, veio chamar a autoria esta última seguradora, que foi citada em 13-10-76.

Nessa contestação, a seguradora requereu a intervenção principal (isto é, para os que não estão metidos nos meandros do Direito, que serão a maioria dos leitores, «chamou à acção») dos outros lesados, em número de dez, como se impunha, entre eles, 4 estabelecimentos hospitalares, uma empresa pública e outra seguradora.

Todos eles, como é lógico, tiveram de ser citados. 8 — Acontece que uma das lesadas «chamadas à acção» já falecera, pelo que houve que requerer a habilitação judicial de herdeiros, com a obtenção de certidão de óbito e de certidão de nascimento e inquirições de testemunhas noutra comarca.

Só em 9-7-77, os herdeiros da falecida foram julgados, por sentença, habilitados.

9 — Prosseguindo o processo, foi necessário ouvir testemunhas (agora, quanto ao acidente de viação) noutras comarcas. Assim, só em 31-7-78 foi proferida sentença, atribuindo indemnizações a três dos lesados, sendo dois deles o sr. Mouzinho e sua mulher — aos quais foi atribuída a indemnização de... 92.457\$00 (noventa e dois mil quatrocentos e cinquenta e sete escudos) — compare-se com os seus pedidos iniciais de quase mil e duzentos contos!

10 — Desta sentença recorrem (através do seu advogado) o sr. Jaime Mouzinho e mulher.

11 — Acontece que, por lapso (devido, certamente, à grande aglomeração de serviço do tribunal, sabido, como é, que os juizes, em comarcas como a de Benavente, estão «afogados» em processos) na sentença, embora dando como provado o capital seguro e que, deste, a seguradora já dispendera uma verba de 6092\$00 com pagamentos a hospitais, não se considerou na parte decisória, este último pagamento, condenando-se a companhia a pagar, rateadamente, 100 contos, quando deveria ratear apenas 93.908\$00 pelos três lesados.

12 — Daí que se tenha pedido uma aclaração da sentença quanto a esse ponto específico.

Sucede que, para cúmulo, a comarca de BENAVENTE — como aliás, mais do que um centena de outras — ficou sem Juiz, em Novembro de 1978 e ainda hoje o não tem!

13 — O sr. Mouzinho deslocou-se pessoalmente à Companhia, onde foi esclarecido de todos estes factos e remetido, para melhores esclarecimentos, ao seu Advogado — como se impunha.

14 — Assim, esta Companhia não é responsável pelo atraso no recebimento da indemnização e esclareceu oportunamente o Advogado do sr. Mouzinho (e não apenas agora, como vem afirmando) do capital seguro — que é de 100 contos, como ficou, aliás, provado no processo.

15 — Entretanto, por despacho de 28 de Fevereiro último, notificado a respondente em 9 do corrente, foi aclarada a sentença, no sentido pretendido pela seguradora. Isto é, de que a quantia a ratear por esta é a de 93908\$00 (e não a de 100 contos).

Há, agora, que aguardar o prazo legal para saber se alguma parte recorre. Para já, sabe-se que o sr. Jaime Mouzinho recorreu de sentença — a qual, portanto, não transitou em julgado, isto é, não é definitiva, a menos que o mesmo senhor venha a desistir do recurso.

Até lá ou seja, até que a sentença seja definitiva, por trânsito em julgado, a seguradora não pode pagar.

Esclareça-se — adiantando objecções — que o Grupo Segurador MSA-ep não recorreu de sentença.

16 — Por tudo o que ficou exposto, poderá verificar-se que a demora no recebimento da indemnização (que ficou muito longe da inicialmente pretendida pelo sr. Jaime Mouzinho e mulher) não é da responsabilidade da respondente. Esta não protelou qualquer pagamento e procedeu sempre — como é seu hábito — de acordo com a Lei, contrariamente ao afirmado pelo sr. Mouzinho.

Estes os esclarecimentos que se impunham, sendo certo que outros pontos referidos na carta a que se responde deverão (ou poderão) ser esclarecidos por outrem, por não dizerem respeito a esta seguradora.

Transportes colectivos de Lisboa e zonas vizinhas

Começando por abordar o preço «social», digo, se forem equacionados qualidade e rapidez por um lado e o custo de cada passagem por outro, creio que se obterá um resultado muito menos social do que aquele que por aí se apregoa. Senão vejamos.

Moro em Linda-a-Velha e trabalho na zona do Arco do Cego. Para este percurso penso que entre os trinta e quarenta minutos serão suficientes para se fazer. No entretanto, gasto normalmente 1 hora e 1/4.

ANO 77 LISBOA — SEXTA-FEIRA, 9 DE ABRIL DE 1978 N.º 2145

Diário de Lisboa

Propriedade de BENEFICÊNCIA ORATÓRIA
Redacção, impressão e distribuição
RUA LUIZ BORGES, 46
Lisboa (Tel. 212 11 11)
Código Postal 1100-000

Directores: JOAQUIM MANO
Secretários: ALVARO DE ANDRADE
Assistentes: ALVARO DE ANDRADE

ESTE JORNAL É PUBLICADO POR VÍCIO DA COMISSÃO DE CENSURA

O «CHRISTO» DE COLUMBANO



Primeiro estudo para o quadro «Christo» do pintor Columbano, que actualmente se encontra no atelier do grande mestre português

CONCURSO

Recorte e guarde este cupão bem como os demais cupões que, em número de 30, serão diariamente publicados neste mesmo local. Depois só terá que enviar para o «Diário de Lisboa», em data que será anunciada, esta colecção de 30 cupões, juntamente com um boletim de identificação que será publicado diversas vezes durante o período do concurso.

Se tiver alguma dúvida, telefone-nos: «DL — Concurso» 321154-5 — 320271/2/3

Relacionado ainda com o preço «social», pergunto se quem é obrigado a utilizar os novos autocarros, nas chamadas «horas de ponta» se pode considerar socialmente compensado?

Quando se fala em aumentar o preço das tarifas para compensar débitos de custos, por que não se tenta ver a possibilidade de redução de despesas e aumento de rentabilidade por outras vias?

Este problema, que interessa a todos, penso que não está a ser convenientemente tratado por quem o deve fazer. Por isso, quem pode resolver não me parece interessado, e quem está interessado não pode resolver. E aqui andamos neste marasmo.

Seio a Carris e a R.N. empresas públicas, por que não estudam o assunto com interesse? Há factores que contribuem grandemente para encarecer os preços, mas podem e devem ser revistos, como por exemplo:

— No que respeita a R.N. e aquilo que conheço, podiam ser mais rentáveis os veículos de que dispõe se fizesse carreiras directas entre Carnaxide, Linda-a-Velha e Lisboa, via auto-estrada. Pouparia tempo, combustível e material circulante. Oferecia melhor qualidade de transporte.

— A Carris também podia utilizar melhor os carros fazendo, nas horas de ponta, carreiras directas ou semidirectas entre Algés e Lisboa. Toda a gente sabe que a maior parte das pessoas que saem de Algés tem o destino da zona do Marquês de Pombal. Mas eu só tenho visto carros atrás uns dos outros dirigindo-se para o mesmo destino e vão parando em todas as paragens intermédias. Parece-me um grande erro pois um daqueles carros podia ser directo.

Há ainda como óbice o melhor aproveitamento dos transportes, as ruas apertadas com trânsito nos dois sentidos, cruzamentos que, de certa maneira, podiam ser supridos. Deviam ser criadas mais zonas BUS e mais extensas, haver mais apertada vigilância sobre os condutores, a sinalização automática ser respeitada. Não faz sentido que havendo sinais luminosos, seja necessária a utilização da Brigada de Trânsito da PSP para a regularização desse mesmo trânsito.

Hoje reparei que os utentes dos transportes diminuíram e isso deve-se ao facto de as escolas terem entrado em período de férias. Então, por que não diversificar os horários das escolas? A construção de escolas nos chamados dormitórios da cidade devia também ser intensificada. Em Linda-a-Velha, está em fase de acabamento uma escola há mais de dois anos.

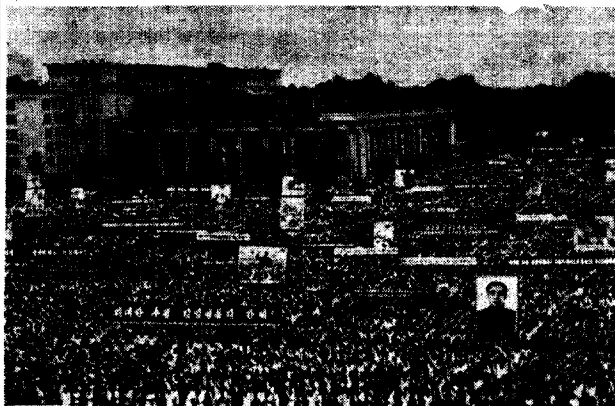
O transporte é um direito de quem trabalha e quem trabalha serve-se dele como complemento e não pelo prazer de viajar.

Eduardo Félix — LINDA-A-VELHA

DE-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 32 02 29

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

ponto a ponto



Alfredo Carvalho, membro da Comissão Directiva do Partido Socialista, parte, hoje, para a República Democrática da Coreia, onde, a convite do Governo daquele país, participará na Conferência Mundial «Suche».



De acordo com uma notícia difundida pelo diário do Rio de Janeiro «Última Hora» e correspondendo à solicitação feita pelo Primeiro-Ministro português, Mota Pinto, aquando da sua recente visita ao Brasil, o presidente brasileiro, general Baptista de Figueiredo, vai autorizar que os cidadãos portugueses residentes na nação irmã possam visitar Portugal sem terem de proceder a depósito prévio de 22 mil cruzeiros (cerca de 44 contos). Abre-se, assim, uma excepção ao regime que impõe aquele depósito a todos os que, estrangeiros ou brasileiros residentes no Brasil, desejem deslocar-se ao exterior em viagem turística.



Os deputados Anatólio Vasconcelos (PSD), Adriano Rodrigues (CDS) e Sérvulo Correia (independente) partiram para Liege, na Bélgica, onde durante os próximos três dias decorre um encontro dedicado ao problema das migrações, organizado pelo Conselho da Europa.

Os deputados Rudolfo Crespo (PS) e Cunha Leal (ind.) deslocaram-se a Roma, onde vão participar numa reunião efectuada no âmbito da União Interparlamentar.

O ministro dos Negócios Estrangeiros Freitas Cruz, visitará oficialmente Madrid, a convite do seu homólogo espanhol, nos próximos dias 17 e 18, onde assistirá à primeira reunião do Conselho Hispano-Luso, principal órgão de coordenação das relações entre os dois países no âmbito do Tratado de Cooperação e Amizade recentemente assinado.



O Primeiro-Ministro, Mota Pinto, recebeu ontem em audiência, na sua residência de S. Bento, os presidentes

e vice-presidente do Fundo de Fomento Mundial para a Protecção da Natureza.

Japão

Renascimento do nacionalismo?

O Japão está a ser agitado por um debate que, embora possa parecer simbólico ou académico, não deixa de ser um teste do estado em que a democracia se encontra neste país. Seja qual for o caminho que tomar, ele parece cheio de presságios para o futuro, na medida em que dá aos «velhos demónios» do passado ocasião de ressurgir.

Respondendo ao apelo dos partidos socialista e comunista, quinze mil pessoas manifestaram-se o mês passado contra a legislação do sistema das épocas (gengo) que faz com que o tempo seja ritmado em função da dinastia imperial e, em que cada imperador dá um nome ao seu reinado. É assim que, em 1979 segundo o calendário gregoriano, o Japão vive o quinquagésimo terceiro ano da época Showa («a paz iluminada»), que começou com a subida ao trono do actual imperador, Hirohito, em Dezembro de 1926. Em breve deve ser submetido ao voto do Parlamento um projecto de lei apresentado pelo Governo e que tem em vista dar ao gengo o seu estatuto legal. Essa manifestação, hostil ao gengo era uma resposta a outra, que teve lugar no passado mês de Outubro, e na qual quase vinte mil pessoas, com a testa cingida por um lenço com o círculo vermelho nipónico, pediam a legislação desse mesmo gengo. A 11 de Fevereiro, dia em que se festeja a fundação do Japão em 660a.C., realizaram-se em todo o país

manifestações favoráveis ou hostis ao gengo.

Foi no início de 1868, no início da restauração de Meiji (isto é, do movimento de reforma que, cristalizado em volta do imperador, permitiu a modernização do país depois de quase três séculos de isolamento sob a férula do regime Tokugawa), que se decidiu o princípio de um só nome de época por reinado (no passado ele mudava em função de acontecimentos felizes ou infelizes). Desde então tanto o imperador como o seu reinado usam o mesmo nome. A era Meiji (1868-1912) sucedeu à época Taisho (1912-1926), depois a actual Showa. Este sistema foi abandonado em 1945 com a nova Constituição (é por isso que o actual imperador se chama Hirohito e não Showa). Só sobreviveu como costume, de resto extremamente vivo, que todos os documentos civis (certidão de nascimento, carta de condução, etc.) importantes na vida interna da nação, são datados segundo esse sistema, visto o calendário gregoriano só ser utilizado para acontecimentos internacionais. Este duplo uso é particularmente notado nos jornais, por exemplo, onde se misturam com frequência os dois sistemas.

UMA TRADIÇÃO

O debate sobre o gengo está longe de ser uma simples quebra entre os antigos e os modernos. É certo que há razões con-

Philippe Pons

junturais que levaram o Governo a querer legalizar este sistema: o imperador Hirohito é um homem idoso (tem 77 anos) e a sua abdicação ou a sua morte darão de certo início a uma época de controvérsias acerca do sistema imperial. Gozar o novo imperador da mesma deferência desusada, do mesmo afectuoso respeito, que parte da população tem por seu pai, considerado como que um símbolo da nação? Isto está bem longe de ser evidente. Sentindo-se forte com uma legislação do gengo, que supõe a manutenção de uma dinastia ritmada pelo tempo, o governo estará em melhor posição de «impor» uma sucessão sem demasiados problemas.

Para mais, pode parecer legítimo a um país querer conservar aquilo que considera uma tradição. Embora seja surpreendente o facto de o Japão (que adoptou um sistema de desenvolvimento que modificou a sua maneira de viver, destruir o meio ambiente, sem falar do seu passado monumental e dos locais históricos cobertos por cimento armado ou por lixo, como o monte Fuji) de mobilizar de repente para «salvar» um sistema que, ao fim e ao cabo, não está em vias de desaparecimento.

Segundo Ishida, antigo juiz do Supremo Tribunal e presidente do Congresso Nacional para a

Legislação do Gengo, «este sistema é o símbolo da dinastia imperial e cimenta a unidade dos japoneses». É, para mais, um sistema com mais de mil e trezentos anos, e segundo os seus partidários, «único» no Japão. Asserção que, segundo os historiadores, não parece fundamentada: o sistema das épocas fora instalado na China no ano 140 a.C. e, utilizado na Coreia antes de chegar ao Japão. «Na realidade, diz-nos um crítico que se opõe à legislação do gengo, compete ao governo saber se os japoneses querem entender a história sob um ponto de vista internacional ou sob um ponto de vista nacionalista».

É esse aparentemente um dos pontos cruciais do debate. Porque a legalização do gengo inscreve-se na verdade, numa corrente subterrânea, hoje cada vez mais forte, que tenta fazer vir a lume um novo nacionalismo através de uma justificação do passado.

UMA REVISÃO DA CONSTITUIÇÃO

A iniciativa de legalizar o gengo cabe ao governo de Fukuda, político que no seio do

Continua na pag. 4



PIEDADE, PATRIOTISMO E CONSTITUIÇÃO

Que o sr. brigadeiro Marques Girão tenha por valores supremos a Família, Deus e a Pátria não é motivo para surpreender um cidadão deste «país lilás», que o sr. brigadeiro Marques Girão esteja desencantado não é motivo para o censurarmos, mas que, pela segunda vez depois de Abril, a cerimónia votiva, na Batalha, tenha sido aproveitada politicamente — ou num sentido que como tal se pode entender — já suscita apreensão e merece severa crítica. O ano passado ouviu o discurso insólito o então ministro da Defesa, coronel Firmino Miguel, este ano entre os ouvintes encontravam-se o Primeiro-Ministro, professor Mota Pinto, e o ministro da Defesa, coronel Loureiro dos Santos.

Em qualquer texto de «antigamente» se poderá respirar a frase: «Deus, Pátria, Família — valores eternos que, doce, mas fortemente, se entrelaçam e harmonizam a vida, enchem os corações, dilatam a alma e dominam a vontade dos portugueses». Estes retalhos de ideologia, mal cerzidos, mas adrede invocados, impõem-nos que recoloquemos o problema instantâneo da reeducação cívica dos quadros militares.

Nos termos da Constituição, art.º 273, n.º 1: «As Forças Armadas são parte do povo e, identificadas com o espírito do Programa do Movimento das Forças Armadas, asseguram o prosseguimento da Revolução de 25 de Abril de 1974». E o n.º 2 deste mesmo artigo precisa: «As Forças Armadas Portuguesas garantem o regular funcionamento das instituições democráticas e o cumprimento da Constituição».

Mas cumprir a Constituição não é só não a violar, é não atacar o seu espírito e a sua letra em cerimónias oficiais e na presença dos altos representantes do Estado democrático: o Primeiro-Ministro, o ministro da Defesa.

Para todos é evidente que na cerimónia comemorativa do 9 de Abril, no Mosteiro da Batalha, nem Mota Pinto nem Loureiro dos Santos estavam ali em nome pessoal. Não foi o aspirante a chefe do «partido unificador dos descontentes e decepcionados» quem escutou o brigadeiro Marques Girão, foi o Primeiro-Ministro da República Portuguesa.

CONSTITUIÇÃO E PARTIDOS

A Constituição reconhece a existência e a função dos «partidos políticos». Considera que eles «concorrem para a organização e para a expressão da vontade popular, no respeito pelos princípios da independência e da democracia política».

Do texto constitucional parece poder deduzir-se que não será legal o «partido político» que pretenda actuar contra a «independência nacional» ou que conteste, na doutrina ou na prática, a «democracia política». É a própria Constituição que

fixa essas balizas. Respeitar a Constituição será, portanto, ter em conta esses condicionamentos.

Também a Constituição se propõe garantir, com o pluralismo da expressão ideológica, o pluralismo de organização política democrática (artigo 2.º). E não será forçar a letra do preceito, nem atraiçoar o seu espírito, concluir que o pluralismo envolve a existência plural de partidos e que os propósitos federativos, unificantes, bipolarizantes, contrariam, ou simplesmente ignoram, a melhor inspiração teórica da Constituição.

Anote-se, como cumpre, que existe uma apreciável diferença, teórica e prática, entre a concepção de uma federação política (democrática, reformadora) e o apelo insolente, qualquer que seja o disfarce, a uma «nova união nacional» anti-partidos. Diga-se, embora, que essa se afigura ser a condição para barrar o caminho aos avanços da «extrema-esquerda» e da «extrema-direita».

Todos compreendem que esta tentativa, sem princípios, sem programa, se destina a perpetuar a permanência no Poder do «Governo mais a direita depois do 25 de Abril», como oportunamente lhe chamou Mário Soares. Mas alguns começam a compreender que o plano é mais complexo e mais ambicioso. Não é esta «união nacional» centrista, o «partido presidencial», ou a federação de forças, para recandidatar o general Ramalho Eanes a um segundo mandato. Mal seria para o cidadão e para o general CEMGFA se consentisse que o enleassem numa tal rede de enganos.

O «partido», contra os «partidos», acaba por ser o «partido» dos que são contra a existência de «partidos políticos», dos que são contrários ao «pluralismo democrático». E o cidadão Presidente, como garante da Constituição, como homem que sinceramente abraçou os ideais de Abril, não poderá deixar de denunciar um desvio político no qual se misturam retalhos de salazarismo, muita suficiência e alguma ambição pessoal.

PARTIDO E ELEITORADO

Não está assegurado que um novo partido, mesmo organizado a partir das posições do «aparelho-de-Estado» confiadas a este IV Governo Constitucional, possa mobilizar o eleitorado necessário para garantir a eleição de um Presidente da República contra o PSD, o PS e o PCP, a UEDS, o MDP-CDE, a UDP. As especulações quanto ao «espaço político» vazio não são extensíveis a um «espaço eleitoral» desde que os «partidos políticos» contrariem, unidos ou em competição, a candidatura. Uma eleição minoritária, ou extremamente fraca na expressão dos votos recolhidos, contribuiria para a instabilidade política e para o desprestígio institucional. O corpo eleitoral não tem o comportamento das falanges partidárias, determina-se por razões mais profundas, evolui mais lentamente. Não se reconhece nos homens, alguns dos quais sem carreira política, muitos sem provas de militância democrática, que para ele apelam na emergência de uma consulta ou de uma votação.

Aqueles que consideram reunidas as condições teóricas para a criação de um novo partido tendem a esquecer que são problemas distintos: um novo partido, uma união nacional (contra os partidos), uma movimentação de apoio a uma candidatura presidencial.

E por aqui deverão começar: por saberem o que querem e para onde querem ir. Muitos estão condenados a ficarem isolados na aventura. Porque se trata de uma aventura.

CARNE DE PORCO APRECIADA POR CM PARA ASSUNTOS ECONÓMICOS

Barreira da Ponte deixou reunião

O Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos parou-se esta manhã da questão da carne de porco, cuja escassez no mercado tem suscitado reacções diversas e o propósito, até, por parte dos industriais e comerciantes do sector, em tomar «medidas enérgicas» se o Governo não revogar a portaria das tabelas, publicada o ano passado pelo ministro do Comércio, Basílio Horta, criando assim condições para a liberalização precária do produto, medida que defende dever ser acompanhada pela importação maciça de carcaças de carne congelada (de porco).

A reunião, efectuada no edifício do Ministério das Finanças e Plano em Campo de Ourique, não durou mais que quatro horas, devendo os assuntos aí hoje abordados deverem ser, provavelmente já amanhã, apresentados ao plenário ministerial, que reunirá em S. Bento. O prof. Jacinto Nunes presidiu aos trabalhos. Vaz Portugal fez-se acompanhar dos secretários de Estado das Pescas (João Albuquerque) e do Comércio e Indústria Agrícola (Barreira da Ponte), que se ausentou da reunião a meio da manhã.

O facto de toda a equipa do MAP ter participado nos trabalhos poderá dar uma ideia aproximada da importância da reunião a propósito do problema da carne de porco, já que nestas sessões não é obrigatória, salvo em casos especiais, a presença de secretários de Estado.

Admite-se, entretanto, em círculos bem informados que a «saída» a apresentar pelo Governo para solução do problema não se amolde inteiramente à

posição e intenções manifestadas pelos industriais e comerciantes, sendo até susceptível (segundo um membro do Governo) de «suscitar uma reacção por parte dos interessados».

BATATA E ARROZ

Um pouco por toda a parte, as reacções à situação em que se encontra o sector relativamente à carne de porco, vão sendo desencadeadas. Assim, antecipando-se às «medidas enérgicas» que comerciantes e industriais estão decididos a tomar caso as suas reclamações não sejam atendidas, os talhos de Viana do Castelo não abriram hoje ao consumidor, enquanto que a Fiscalização Económica apreendeu vinte toneladas de carcaças de suíno em Aveiro, algumas com carimbos de 1976, que estão a ser analisados em laboratórios para, se as circunstâncias o exigirem, serem levantados os respectivos autos.

Questão igualmente importante para o consumidor, mas já fora do domínio das carnes, e a da batata, que em alguns locais de Lisboa está a ser comprada a 15\$00 o quilo. De acordo com fontes ligadas ao sector, o seu preço, por deficiente funcionamento da JNF, poderá subir (se não forem tomadas medidas em contrário) para cerca de vinte escudos. O arroz, por seu turno, continua fora do alcance do público, armazenado por especuladores do ramo que aguardam uma portaria que regulamente os preços dos produtos essenciais.

CÂMARA MUNICIPAL DE ÉVORA

A defesa da Reforma Agrária é matéria da sua competência

A Câmara Municipal de Évora veio mais uma vez lembrar ao Governo a sua competência para «intervir em defesa dos trabalhadores da Reforma Agrária e, consequentemente, em assuntos relacionados com a aplicação da Lei de Bases no concelho».

Esta deliberação, tomada por maioria, na última reunião municipal, surge na sequência de protestos dos vereadores do PSP, contra anterior posição da Câmara em que se decidira que representantes daquele órgão autárquico acompanhassem de

perto o processo de entregas de terras no concelho, ao mesmo tempo que se reconhecia competência à edilidade «para se debruçar sobre as consequências da aplicação da lei Barreto».

A propósito, num comunicado assinado por Abílio Fernandes, presidente da edilidade afirma-se que «está efectivamente em causa a defesa directa dos trabalhadores agrícolas que são parte dos municípios deste concelho, como também está em causa a defesa da população em geral».

Por outro lado o documento

refere que a atitude da Câmara ao aprovar a deliberação, deve-se ao facto de a política do MAP se ter traduzido no aumento de desemprego, na agressão aos trabalhadores, nas arbitrariedades do poder central que criam um clima de tensão social e de instabilidade.

PRODUTORES DE LEITE

Visitam LACTICOOP

Cerca de sessenta agricultores da região de Oliveira de Frades, empenhados no aumento da produção do leite, visitaram várias unidades da LACTICOOP, na zona de Aveiro.

A visita, que teve a colaboração dos Serviços Regionais do MAP, proporcionou aos agricultores o contacto com as salas de ordenha colectiva e com o posto de concentração de leite, na Tocha.

No final houve um colóquio sobre «O leite e a sua produção».

Tráfico de gado para Espanha

Foi detectado, pela Guarda Civil do Posto de Vilardebos, próximo de Orense, mais um caso de contrabando de gado.

Desta vez as autoridades espanholas apreenderam 38 cabri-

tos e 16 cordeiros, avaliados em cerca de 121 contos.

Com a Páscoa à porta os traficantes aproveitaram para introduzir cordeiros no País vizinho já que nesta época festiva aumenta o seu consumo...

PS deixa Câmara de Varzim

Póvoa de Varzim — O PS deixou de estar representado na câmara deste concelho, onde detinha dois lugares, segundo um comunicado divulgado ontem pela secção local daquele partido em que se denuncia a «falta de empenhamento» do CDS (3 representantes) e do PSD (2) e «a impossibilidade real de levar à prática o programa com que o PS se apresentou às eleições».

Entretanto, um dos representantes do PS, António Vasconcelos de Carvalho que se recusou a

abandonar o lugar, ficou com o estatuto de «independente».

Comissão do Cachão em vias de se demitir

O facto do Governo não tomar medidas concretas em relação ao complexo agro-industrial do Cachão poderá levar a sua Comissão Instaladora a demitir-se, segundo a própria afirmou em conferência de Imprensa, efectuada em Mirandela.

Aquele organismo considera possível «salvar» a empresa, tendo dado, aos órgãos do poder responsáveis, o prazo de 15 dias para definirem a sua posição no sentido de serem tomadas medidas urgentes que salvaguardem a viabilidade do complexo.

Reforma Agrária ganha acção em Tribunal

O Supremo Tribunal Administrativo pronunciou-se a favor da UCP «16 de Junho» no recurso interposto pela agrária Maria Helena Patrício Malta da Veiga Teixeira, intentado no sentido de que fosse considerado inconstitucional o Decreto-Lei n.º 406-A/75, de 29 de Junho, que determinava a ilegalização do processo de expropriação da herdade do Peso e Anexos.

Esta decisão foi uma vitória para a Reforma Agrária dado que no caso de terem sido atendidas as pretensões da referida proprietária se abria, assim, o caminho a outros agrários para contestarem muitas outras expropriações feitas ao abrigo do Decreto-Lei 406-A/75.

A representação da UCP «16 de Junho», neste processo, esteve entregue ao advogado Luso Soares.

Mais reservas no Alentejo

Técnicos do ex-CRRA de Évora, acompanhados por forças da GNR entregaram ao agrário José António Nunes uma reserva com cerca de 800 hectares, que abrange a herdade dos Deuses, terra que estava integrada na UCP dos Gregos, em Portel.

Também no distrito de Portalegre a cooperativa agropecuária «Bena vilense» foi amputada da herdade Terrugem de Cima em benefício dos agrários Laurinda Silvério e Pedro Paulo Pimenta Jacinto.

Renascimento do nacionalismo?

Continuação da pág. 3

Partido Liberal Democrata (PLD) não passa por possuir ideias progressistas. E o movimento favorável ao gengo tem os seus mais fortes apoios em pessoas como Na Kasone, várias vezes ministro, um dos «falcões» do PLD, que não esconde que a democratização do Japão em 1945 «foi uma flor artificial». «Nós devemos, diz ele, enraizar esse botão de democracia num nacionalismo real de que o gengo é o elemento mais importante». São estes mesmos políticos os partidários de uma revisão da Constituição, segundo a qual o Japão renuncia à guerra.

O Partido Liberal Democrata, no seio da qual foi criado em 1972 um subcomité para o estudo do gengo, obteve, por outro lado, da maioria das câmaras municipais, pedidos para a legislação do gengo.

Quando se sabe que o PLD é sobretudo poderoso nas circunscrições rurais, podemos recordar que o campesinato, formado em escolas primárias geridas pelo Estado, depois nos quartéis, foi o mais fiel apoio dos militares. E são na sua maioria camponeses esses soldados perdidos do Pacífico que emergem das florestas em Guam, nas Filipinas, trinta anos depois da derrota, como fantoches desvariados do grande sonho perdido dos seus chefes.

«Depois da derrota perdemos muitas coisas preciosas. A legalização do gengo, marca o início de uma época onde vamos encontrá-los; o movimento está a começar», declara-

rava recentemente Kutaro Shimizu, um crítico muito influente, outrora próximo dos comunistas e hoje um dos «pensadores» de direita. Na realidade, não são os membros dos movimentos de direita, desesperados, percorrendo Tóquio de uniforme de combate e vociferando contra a China dentro dos seus carros cheios de bandeiras, os portadores dos presságios mais sombrios. A maior ameaça vem da direita intelectual, culta, respeitável, cujos artigos se sucedem nas revistas de grande tiragem e de bom aspecto gráfico.

Depois do reaparecimento, em 1977, das pinturas da guerra do Pacífico, restituídas pelos Estados Unidos, toda uma juventude a quem os livros da escola primária nunca na verdade ensinaram como começou a guerra — esses livros referem-se mesmo por alto ao ataque-surpresa de Pearl Harbour em Dezembro de 1941, quando em Washington os americanos e os japoneses negociavam a paz — lê hoje artigos que justificam o período militar; «O Japão estava cercado por inimigos e foi obrigado a ir para a guerra». O que deixa na sombra toda a subida do fascismo muito anterior a essa pretensa «necessidade económica». Ao contrário do fascismo italiano ou do nazismo alemão, o militarismo nipónico não se instalou no poder depois de um golpe de Estado, mas penetrou nas instituições existentes sem modificar a Constituição baseada no poder transcendente do imperador. Esta «ambiguidade» facilita em nome da «salvação» da tradição, a justificação, no mesmo movimento, do fascismo.

De facto, num contexto ideo-

lógico de recuo da esquerda, em especial desde o fim da guerra do Vietname, é toda uma reavaliação, uma «reescrita» do período de antes da guerra e da ocupação que se operou no Japão. E de que a imprensa se fez eco. Shimizu, na revista «Chvo-karon» legítima, por exemplo, a opressão fascista afirmando que ela tinha simplesmente em vista evitar uma ocidentalização degradante e desmoralizadora.

Quanto a outro crítico, Jun Eto, que contribuiu para o lançamento do debate sobre o gengo, diz que o Japão não capitulou «sem condições» em 1945. Noutro artigo publicado em Fevereiro na revista «Bungaku-kai», ele afirma, vincando a legitimidade do governo de Vichy em França, que a ocupação japonesa acelerou a independência da Indochina francesa, esquecendo talvez que o imperialismo nipónico nada tinha de libertador.

Os japoneses alimentam, é certo, uma má consciência perante a China. Mas para toda uma geração nascida depois da guerra (quase metade da população tem menos de trinta anos) que não conhece, não somente Hitler, mas também a ideologia delirante que os pais viveram, que não conhece os crimes de guerra do Pacífico — o Japão também teve os seus campos, matou pelo gás milhares de camponeses, fuzilou-os em grupos, destruiu povos em nome de um «pan-asiatismo redentor» —, para toda essa geração a reabilitação do passado é um perigo para a democracia. Os japoneses deveriam, tal como a Alema-

nha com o filme *Holocausto*, deitar um olhar mais lúcido sobre o passado. O traumatismo de Hiroshima não dispensa a recordação, precisamente em nome de uma nova consciência nacional, daquilo a que os japoneses foram conduzidos pelo delírio dos seus chefes.

Podemos então perguntar, quando se inicia, a propósito do gengo, o que deveria ser um «debate moral» sobre o sentido da democracia dos japoneses, até que ponto uma corrente nacionalista exacerbada poderá ter eco numa sociedade que parece — mostram-nos todas as sondagens — preocupada com o futuro. O Japão, grande transformador, produz com frenesi, sem que o futuro se esclareça.

Pelo contrário. Grande potência industrializada, tendo copiado e ultrapassado o Ocidente, sente-se só e mal compreendida num contexto de estagnação económica e de conflitos com os seus parceiros comerciais. O que terão ido procurar, há algumas semanas, a exposição sobre Mishima, o escritor que em 1970 fez hara-kiri em nome de um «japonesismo» defunto, vinte mil pessoas, a maioria das quais eram jovens sérios e atentos? Pensariam no escritor ou no homem que se suicidara pela «sua» verdade? «O actor morreu, resta o mito», diz-se à esquerda. As forças democráticas, antitotalitárias, são reais, mas este regresso dos «velhos demónios», mesmo limitado a um círculo de intelectuais e de políticos, nem por isso deixa de inquietar muitos japoneses.

Serviço Exclusivo
«Le Monde»-«DL»



Perfumes de «Guerlain»; águas de colónia de «Guerlain»; águas de «toilette» de «Guerlain» — os «extraits» que não esquecem, os inconfundíveis aromas que persistem. Para adquirir, para oferecer: «Chamade», «Chant d'Aromes», «Shalimar», «Parure», «Mitsouko», ou «L'Heure Bleue»

ENSINO

Professores defendem ensino do Português

PORTO, 9 — Uma articulação do ensino do Português nos vários graus de ensino (primário, CPES, Unificado e Complementar) foi defendida pelos professores desta disciplina que durante três dias estiveram reunidos na Faculdade de Letras desta cidade.

Foi igualmente proposta uma reformulação de programas que atenda a essa «articulação global em termos de objectivos, conteúdo e metodologia». Salienta-se ainda a necessidade de uma formação científica e pedagógica integrada e contínua dos professores da disciplina, com uma colaboração programada entre os professores dos vários graus e especialistas do ensino do Português.

No decorrer do encontro foi proposta a realização, já em Setembro próximo, de um curso de formação de professores, nomeadamente de reciclagem, curso esse que deverá continuar ao longo do ano. Os materiais deste encontro vão ser reunidos para divulgação e publicados com uma bibliografia anexa.

Formação Educacional debatida em estágio

Sessenta professores do ensino primário e educadores de infância de todo o País terminaram, este fim-de-semana em Lisboa, a frequência do XI Estágio do Centro de Formação Educacional Permanente.

No decurso do Estágio, que durou uma semana, foram debatidos os temas «Actividades Linguísticas na Escola», «Para uma Pedagogia do Meio Físico e Social», «Classes e Fases do Ensino Primário» e «Sobre Educação Pré-Escolar».

Integradas nas actividades de expressão, funcionaram oficinas de «palavra, som e movimento» e «plástica, som e movimento». Os trabalhos do Estágio foram orientados pelos professores Graça Vilhena, Fernanda Prim, Grazi Cintra Gomes, Maria Odete Nunes, Dulce Rebelo, Maria da Luz Leitão, Lucinda Atalaia, Catilinda Prudêncio e Salgado Sampaio.

SUÉCIA:

Crianças com ensino orientado para a vida de trabalho

Na Suécia, numa experiência conduzida durante três anos, pretende-se dar à criança em idade escolar um melhor conhecimento da vida de trabalho. O programa, levado a efeito em 60 das 270 áreas locais governamentais suecas, é dirigido para dar a crianças a experiência directa acerca dos principais sectores e económicos do país. Sob esse esquema, os alunos ocupam um total de seis a dez semanas da sua vida escolar em visitas de estudo a fábricas e escritórios. Para as crianças mais velhas existem oportunidades para dedicarem uma semana em cada ano

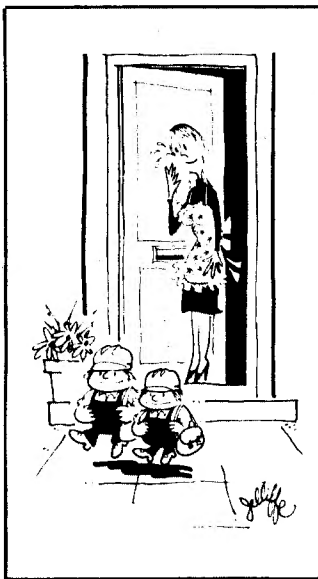
trabalho, do trabalho propriamente dito, de actividades sindicais e de condições de emprego tais como remuneração e prática ou treino», explica Gunilla Sahlström, funcionário do Conselho Nacional Sueco da Educação.

«Os alunos terão também oportunidade de aplicar no trabalho os conhecimentos que adquiriram na escola».

Professores estão a ser encorajados para se associarem à experiência, a fim de que eles, também, possam ganhar conhecimento mais profundo da vida de trabalho e das solicitações correspondentes. O esquema, permite-lhes que se integrem em empresas, por períodos de duas a quatro semanas, auferindo os seus vencimentos normais.

Eis uma ideia, uma notícia de acção experimental desenvolvida e um divertido e sensível «cartoon», que recortamos, com amável consentimento, da revista «Internacional Management» (Jan. 79).

Por extensão, talvez fosse de recomendar, entre nós especialmente e pensando em quadros para além do de professores, que alguns licenciados burocratizados e deslocados das suas especialidades, pudessem contactar (diplomaticamente encorajados), também por períodos de duas a quatro semanas, e com vencimento por inteiro (!), empresas reconhecidamente organizadas e eficientes. Para, assim, poderem avaliar como se encurtam prazos e passos em diversas tarefas e de como não é, necessariamente, a



académico, trabalhando numa empresa local como parte do seu programa escolar normal. «Esperamos que os alunos fiquem com uma ideia de como funciona um local de

R. Toulson A. Leite

produção de papel manuscrito, dactilografado, stencilhado ou impresso, em doses impressionáveis, que traduzem esforço útil ou rendimento, senão assinalável, ao menos minimamente significativo.

Estamos a pensar por exemplo, nas consequências desencorajantes, que poderiam resultar, de um licenciado em direito, especialista em legislação laboral ou em gestão de pessoal público ou administrativo, mas autoconvencido («self-assured», dir-se-ia, talvez mais intencional e saborosamente, em inglês) que, incapaz de medir consequências, se atrevesse, ultrapassando-se, a «raciocinar» (!) sobre alguma questão técnica, digna-se de arquitectura ou urbanismo. E que lhe tivesse chegado às mãos, para «parecer» ou «recomendar» que se lhe impusera por autoconvencimento, simplesmente porque, por impedimento ocasional, nem um seu superior nem um equiparado, mas ambos devida e competentemente habilitados, tivessem podido «despachar» essa questão.

Problemas dos invisíveis debatidos em encontro luso-português

Viana do Castelo, 10 — Realizou-se nesta cidade um encontro de cegos portugueses e espanhóis promovido pelo «Lions Clube» local. Um dos objectivos deste encontro visou a sensibilização da opinião pública portuguesa no sentido dos cegos portugueses virem a usufruir as mesmas regalias dos invisíveis espanhóis.

Todos os edifícios onde os cegos espanhóis se encontram instalados pertencem à organização nacional de cegos através dos fundos da sua lotaria, que não paga qualquer imposto ao Estado.

Os vencimentos mensais dos invisíveis espanhóis vão de 28 mil a 600 pesetas até 40 mil, conforme as actividades profes-

sionais a que se dediquem. Todos têm direito a assistência médica sanitária gratuita, fora e dentro dos hospitais.

O representante da organização nacional de cegos de Espanha, Jorge Freitas, citou o exemplo de Vigo onde os cegos podem recorrer a onze especialistas de Cardiologia, sem pagar nada. Salientou ainda que quando um cego adoece, tem direito ao vencimento por inteiro, durante um ano.

Os invisíveis espanhóis beneficiam de várias outras regalias, designadamente reforma, pensões de viuvez para mulheres e filhos, gratificação de apoio familiar quando se casam e reduções de 75 por cento em viagens de comboio e outros transportes.

Infantário Ribeiro dos Santos aguarda veredicto do tribunal

O proprietário do edifício onde se encontra instalado o infantário Ribeiro dos Santos, a Sociedade Comercial Santana Comissões e Representações, SARL, tem em tribunal uma acção contra os ocupantes de quem exige uma renda mensal de 300 contos.

O litígio ameaça complicar-se pois a empresa, cujo principal accionista é Manuel Bulhosa, pretende ainda uma indemnização por estragos.

O infantário, cujos responsáveis procedem desde 1975 a diligências para legalizar a ocupação, recorreu também já aos tribunais. A direcção prontifica-se

a pagar uma renda simbólica de quatro mil escudos para o que argumenta invocando a afirmação de Bulhosa que pretende instalar no palacete outro infantário destinado a crianças galegas.

A instituição foi considerada de «utilidade pública» pelo executivo Nobre da Costa e beneficiária de subvenções do MEC, MAS, Fundação Gulbenkian e Caritas, o infantário popular Ribeiro dos Santos aguarda agora o veredicto do tribunal que lhe fixará entre quatro mil e 300 mil escudos, a renda mensal.

SINDICATO DO COMÉRCIO DE LISBOA

4.ª feira
11 Abril - 19,45 h.
REUNIÃO GERAL
NO COLISEU

ORDEM DE TRABALHOS

-Defesa da Semana Inglesa.
-Greve do Comércio Retalhista.



PUB.



SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA METALÚRGICA E METALOMECÂNICA DO DISTRITO DE LISBOA

CONVOCATÓRIA

ÀS COMISSÕES SINDICAIS! COMISSÕES INTERSINDICAIS!
ABERTO ÀS COMISSÕES DE TRABALHADORES!

Tendo em vista algumas das mais importantes tarefas que neste momento se põem ao Movimento Sindical, as quais só poderão ser concretizadas com a tua participação, convocam-se os Plenários de Zona nos dias, horas e locais abaixo designados, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

- 1 — Organização — Plenário Distrital de 21/4/1979
- 2 — Campanha de Fundos
- 3 — 25 de Abril
- 4 — 1.º de Maio

PLENÁRIOS DE ZONA

ZONA	DIA	LOCAL
AMADORA	17/4/79	Delegação do Sindicato Químicos
LISBOA	18/4/79	Sindicato dos Telefonistas
MEM MARTINS	11/4/79	Delegação dos Metalúrgicos
SACAVÉM	16/4/79	Delegação dos Metalúrgicos
V. FRANCA	10/4/79	Delegação dos Metalúrgicos

TODOS ESTES PLENÁRIOS TÊM LUGAR ÀS 15 HORAS

Durante estes Plenários será feita a projecção do Filme do Congresso dos Sindicatos Metalúrgicos

A TUA RESPONSABILIDADE DE DELEGADO SINDICAL IMPÕE QUE NÃO FALTES!
UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS!

Lisboa, 6 de Abril de 1979

A DIRECÇÃO

Mário Soares critica actuação de Mota Pinto

«Política moralmente inaceitável» foi como Mário Soares classificou o envolvimento de Mota Pinto na organização de um novo partido político. «O professor Mota Pinto não assumiu a chefia do Governo para se interessar na organização de um novo partido» — disse o secretário-geral do PS que falava em Lisboa momentos antes de seguir para o México onde participa numa reunião da Internacional Socialista, de que é um dos vi-

ce-presidentes.

Mário Soares referiu-se à situação política portuguesa como «preocupante», designadamente face às últimas declarações do actual Primeiro-Ministro as quais «não são de molde a afastar as suspeitas de que ele estará interessado na organização de um novo partido». Estas declarações, que põem directamente em xeque o actual Chefe do Governo, não pretendem, no entanto, demonstrar excessiva

preocupação no que apenas respeita ao aparecimento de um novo partido, pois, é a opinião de Soares, ele «não afectará o PS, dado que terá uma conotação de direita com pretensões a criar um reordenamento na direita ou centro-direita».

Para o dirigente socialista a situação, no que lhe concerne, é ainda «muito nebulosa», com «declarações confusas» de uma série de «pessoas que são apontadas como eventuais chefes». Este seria, aliás, um dos aspectos sublinhados pelo dirigente socialista: a existência de «muitos chefes possíveis» sem sequer se saber ainda qual poderá ser a sua base social de apoio.

Quanto à situação no PSD disse que o seu partido vê com preocupação os problemas com que se debate a formação de Sá Carneiro. «O PS considera, ao contrário do que se possa pensar, que podem ser muito negativos para a democracia os efeitos na crise no PSD» — disse, reforçando anteriores declarações de outros dirigentes socialistas e dando expressão ao que no Parlamento se comenta sobre as repercussões da cisão dos «inadiváveis».

DIVERGÊNCIAS LISBOA — MAPUTO

Moçambique continua a responsabilizar Portugal

A imprensa moçambicana continua a publicar comentários e documentos referentes à recente ruptura das negociações com Portugal sobre o contencioso económico-financeiro entre os dois países. Esta campanha dos órgãos de informação moçambicanos reflecte os efeitos que a posição da delegação portuguesa provocou nas mais altas instâncias governamentais de Maputo.

O jornal «Notícias», que se publica na capital, descreve hoje a posição da delegação portuguesa como sendo «em toda a linha, uma procura da valorização do colonialismo. E pergunta: «A tentativa de estabelecer relação na base de ultimatums e ameaças não será ainda a reminiscência frustrada dos 'diktats' imperiais do Terreiro do Paço e dos poderes dos antigos vice-reis, capitães-mores e governadores coloniais?»

Como reforço destas críticas o jornal publica um carta que o an-

tigo Primeiro-Ministro português Vasco Gonçalves dirigiu em 9 de Maio de 1975 ao presidente da Frelimo, Samora Machel, como exemplo de uma posição que já fora assumida por Portugal antes das mais recentes divergências.

Essa «posição correcta do Governo português» — lê-se no jornal «Notícias» — «permitiu a assinatura do acordo geral de cooperação, do acordo sobre Cabora Bassa e de outros importantes documentos que são uma base sólida para o desenvolvimento das relações de amizade e cooperação entre os dois países.»

Na carta de Vasco Gonçalves afirma-se que «Portugal considera definitivamente encerrado aquilo que se tem designado por contencioso económico-financeiro, reforçando-se assim o já afirmado pelo major Melo Antunes, como enviado do Governo, no recente encontro de Haia, havido com o vice-presidente da Frelimo.»

Acordo comercial Portugal - Angola saiu no Diário da República

Em decreto datado de hoje é aprovado o Acordo Comercial entre Portugal e Angola, assinado no princípio deste ano em Luanda pelos ministros do Comércio dos dois países, Repolho Correia e Roberto de Almeida, respectivamente.

Ao abrigo deste acordo cujos termos são hoje publicados no «Diário da República», as duas partes concedem-se reciprocamente o tratamento de nação mais favorecida em tudo o que respeite ao seu comércio externo, desde que as mercadorias transaccionadas sejam originárias dos territórios das duas partes contratantes.

A sua validade é de um ano, podendo o acordo ser renovado automaticamente por períodos sucessivos de igual duração, a menos que qualquer das partes notifique, por escrito, à outra até três meses do fim da sua validade, o desejo de o denunciar.

Ao abrigo do disposto pelas duas partes são estabelecidas duas listas de produtos transaccionáveis, englobando a de Angola vinte produtos (sisal, café, petróleo, algodão, entre outros) e a de Portugal 95 produtos (que envolvem desde produtos alimentares até manufacturas diversas, electrodomésticos e maquinaria industrial).

Símbolo dos Açores ou do separatismo?

Aprovados pela Assembleia Regional e promulgados pelo respectivo presidente, saem hoje no «Diário da República» os contestados símbolos heráldicos da Região Autónoma dos Açores.

Num preâmbulo ao decreto regional 4/79/A aquela região

autónoma passa a ter bandeira, brasão de armas, selo e hino próprios.

Quanto à bandeira e brasão os símbolos escolhidos e a sua disposição gráfica assemelham-se aos utilizados pelo movimento separatista e conotações fascistas, razão da forte contestação de que foram alvo por parte de parlamentares regionais do PS e, de forma isolada, por alguns do CDS. Trata-se especialmente da colocação do ano voante encimado, em semicírculo, por nove estrelas iguais.

Quanto ao hino, diz aquele diploma que será ainda executado «em saudação à bandeira, ao presidente da Assembleia Regional e ao presidente do Governo Regional».



Este é o símbolo da FLA (Frente de Libertação dos Açores) conforme o difundem os separatistas açorianos. O Governo Regional propõe uma bandeira que poucas diferenças apresenta: uma delas é a colocação das nove estrelas que se vêem sob o açor por cima, mantendo a mesma disposição em semicírculo.

Candidaturas para a Presidência da República

Três candidatos a Belém estão já dados como certos, pelo menos no plano das intenções confessadas já que nada garante que consigam o número de assinaturas necessárias para concretizarem, no plano legal, a sua propositura. O «trio» completou-se com o anúncio ontem, de que o advogado Meneses Alves se juntará a Galvão de Melo e Pinheiro de Azevedo na corrida para a Presidência.

A informação foi prestada aos órgãos de Informação pelo major Santos Ferreira, que se apresenta como um dos seus colaboradores. Meneses Alves, que é presidente da pouco conhecida Associação de Amizade Portugal-Estados Unidos, tenciona apresentar-se como independente de grupos políticos ou económicos com vista, a segundo os primeiros dados «congregar todas as pessoas na reconstrução do País e, particularmente, as camadas jovens».

A este grupo de candidatos que já confirmou a intenção de concorrer nas eleições presidenciais, outros potenciais pretendentes a Belém poderão ser Franco Nogueira, cujo nome foi proposto pelo semanário fascista «A Rua», e Pires Veloso, embora o seu nome se mantenha afastado das últimas notícias depois, de há alguns meses, ter estado em foco.

Exceptuando porventura o caso de Pires Veloso, os restantes candidatos não se apresentam como sérios concorrentes, podendo dizer-se que as verdadeiras candidaturas estão ainda por surgir. E, neste campo, alguns nomes correm com maior ou menor insistência nos bastidores políticos. É o caso de Loureiro dos Santos, actual ministro da Defesa, de Lemos Ferreira, chefe do Estado-Maior da Força Aérea e de Soares Carneiro, director de Instrução do Exército.

Isto no plano militar. No campo dos civis, há menos nomes em foco. Mário Soares, no entanto, no dizer de alguns círculos seria uma figura a não excluir. Outra hipótese é Nobre da Costa. Mas tudo isto não passa, por enquanto, de especulação. Até porque a grande incógnita, que poderá condicionar o aparecimento de outras candidaturas, continua a ser o actual Presidente da República Ramalho Eanes.

SOCIEDADE DE ORGANIZAÇÕES DE REPRESENTAÇÕES E COMÉRCIO GERAL TERRA MUNDO, LDA.

OTM

- Representações, comissões e consignações
- Importação
- Exportação
- Comércio Geral
- Agências
- Quer comprar um terreno?
- Deseja comprar ou vender um apartamento, uma vivenda ou um prédio de rendimento?
- Pretende mandar construir a sua casa ou um prédio?
- Deseja remodelar ou decorar?

ENTÃO CONSULTE-NOS. POIS DAREMOS SOLUÇÃO RÁPIDA E EFICIENTE AO SEU CASO

Consulte-nos acerca dos nossos agradáveis apartamentos de ALAPRAIA

Beco Torto, 3-1.º Esq. Cascais (nas traseiras do Hotel Baia)

Telef. 286 60 77/8

Democratas algarvios comemoram Constituição

Um grupo de democratas do Algarve tendo presente, segundo afirma em comunicado, «que a defesa da Democracia e das Liberdades, no actual momento histórico, passa, necessariamente, pela defesa dos direitos consagrados no quadro institucional definido pela Constituição, que, já de si, e uma consequência social e política do 25 de Abril; e desejando dar devido relevo ao 3.º aniversário da promulgação da Constituição e do 5.º aniversário do Movimento do 25 de Abril», vai organizar diversas iniciativas subordinadas ao tema «Defender Abril, Respeitar a Constituição», tendo já programado uma sessão pública no Teatro Lethes, em Faro, e a difusão dum comunicado à população do Algarve.

Da comissão promotora fazem parte, entre outros: Emídio Serrano, Emilia Rodrigues, Elídio Esteves, João Barros Madeira, João Botelho, João Vargas, Jose Rosado, Julio Almeida Carrapato, Luis Catarino, Luis Filipe Madeira, Manuel Ramires Fer-

nandes, Vasco Garcias, Vitor Neto.

SESSÃO EM ALCOBACA

A Aliança Povo Unido (APU) de Alcobaca levou a cabo, na antiga sala do Tribunal da Comarca, uma sessão comemorativa do 3.º aniversário de Constituição.

Nela usaram da palavra Virgínia Varela (empregada de escritório), António Almeida (trabalhador da Fábrica de Fiação e Tecidos), dr. Avelãs Nunes (que foi secretário de Estado da Acção Social, Juventude e Desportos de um dos Governos Provisórios), actualmente a leccionar na Universidade de Coimbra, e o nosso director adjunto, Fernando Piteira Santos.

Temas apresentados pelos dois últimos intervenientes na referida sessão: «Honrar a Constituição Democrática do Portugal Democrático» (Avelãs Nunes) e «A Revisão Constitucional e a Conjuntura Política» (Piteira Santos).

CIÁTICA

LUMBAGO • TORCICOLOS • NEVRITES
ESPONDILOSES • ENXAQUECAS
ELIMINAÇÃO TOTAL DAS DORES
ACUPUNCTURA

SISTEMA MILENARIO CHINES

COLUNA

DEFORMAÇÕES • PARALISIAS • ATROFIAS
GINASTICA DE RECUPERAÇÃO • MASSAGENS
FISIOTERAPIA

ROGERIO CID

ENTRETERE MASSAGISTA

DEPARTAMENTO DE MEDICINA INTERNA DO HOSPITAL DE ESPECIALIDADES MEDICAS E MAIOR ESTAGIARIO DO CENTRO DE ACUPUNCTURA DE S. PAULO - BRASIL

BODY CLINIC • CLUBE DE SAUDE

RUA RODRIGUES SAMPAIO, 18 - 2.º - TEL. 502680

estude!

GANHE MAIS DINHEIRO!

CURSOS POR CORRESPONDÊNCIA Desde 1947

Recorte o cupão e envie-o HOJE MESMO (indique um só curso)

☐ COSTURA

☐ FOTOGRAFIA

☐ RELAÇÕES PÚBLICAS

☐ VENDAS / MARKETING

☐ CULTURA GERAL

☐ RADIO, ELECTRONICA, TV

☐ DESENHO E PINTURA

☐ ELECTRICIDADE

☐ INGLES

☐ SECRETARIADO

Peço o envio do livrete colorido e ilustrado sobre o curso que indico com um ☒

GRÁTIS

DL/10

Nome _____

Morada _____

Localidade _____

CEC Alvaro Torrão * Rádio Escola

Rua Fernão Lopes, 8 (ao Saldanha) Lisboa 1 - Tel. 53 67 52

NO ANIVERSÁRIO DA BATALHA DE LA LYS

Brigadeiro evoca divisa fascista e fala de "doloroso desencanto"

● Mota Pinto e Loureiro dos Santos estiveram presentes

«Deus, Pátria e Família» foram ontem exaltados no Mosteiro da Batalha, pelo brigadeiro Marques Girão, nas cerimónias evocativas de mais um aniversário da Batalha de La Lys, episódio dos mais cruentos daquela terrível sangueira que foi a guerra de 1914-18.

Promovidas pela Liga dos Combatentes, as comemora-

mocratas, somos «sempre e antes de tudo portugueses», pelo que já «é tempo de impor a lei e de repor a autoridade».

Os portugueses, no entender do brigadeiro Girão, estão «sem protecção, desarmados, inseguros, intranquilos e até angustiados».

Antes, durante a homilia da missa de sufrágio pelos combatentes falecidos, celebrada pelo capelão-chefe das Forças Armadas, José Agostinho Moita, este prelado criticara alegadas «pressões» que estavam a ser feitas sobre o povo «para que ele se esqueça daquilo que já foi», reforçando uma opinião expressa pelo brigadeiro Girão, segundo o qual «a actividade de

grupos de pressão dos partidos, e não só, conduziu a uma bem justificada descrença, profunda e generalizada».

Em anos anteriores também estas cerimónias têm sido qualificadas de «pressões», neste caso sobre os partidos e sobre a ordem constitucional vigente. Tal facto não deve ser alheio a que tenham sido este ano ilustradas com a presença de Mota Pinto, em quem declarações como as proferidas ontem, na Batalha, pelo brigadeiro Girão, têm encontrado ultimamente profundo eco.

Além do Primeiro-Ministro e do ministro da Defesa, associaram-se às cerimónias da Ba-

talha um representante do chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, os vice-chefes do Exército, Força Aérea e Armada, respectivamente generais Altino de Magalhães, Brochado de Miranda e vice-almirante Busto Guerra, o comandante da Região Militar Centro, brigadeiro Neves Adelino, o governador civil de Leiria, os adidos militares dos EUA, França, Grã-Bretanha, Itália e África do Sul, e ex-combatentes de vários pontos do País.

O aniversário da Batalha de La Lys foi também assinalado noutros locais, com particular relevo para as cerimónias realizadas no Porto e em Coimbra.

CRISE NO PSD NÃO É SÓ DO GRUPO PARLAMENTAR

Barbosa de Melo abandona o partido

Desmentindo afirmações de dirigentes sá-carneiristas, segundo os quais a crise do PSD seria apenas crise do seu grupo parlamentar, continuam a ser apresentados pedidos de demissão do partido de militantes que não eram membros do Grupo Parlamentar.

Barbosa de Melo, que foi líder na Assembleia da República e é também professor da Faculdade de Direito de Coimbra, confirmou ontem que iria abandonar o partido, atitude que foi também adoptada por Manuel Costa Andrade, e Manuel Lopes Porto, ambos assistentes daquela escola e este último presidente da Comissão de Planeamento da Região Centro.

A mesma atitude foi adoptada também pelo prof. Figueiredo Dias, membro da Comissão Constitucional, à semelhança do que já acontecera com o dr. Jorge Miranda, membro também daquele órgão.

De acordo com afirmações de Costa Andrade, praticamente

todos os membros fundadores do PSD em Coimbra abandonaram já o PSD ou estão em vias de o fazer, por solidariedade com os quatro deputados eleitos pelo círculo de Coimbra.

Amanhã será revelada durante uma conferência de Imprensa a saída de perto de 60 dirigentes e militantes da JSD. O grupo é encabeçado por António Fontes, antigo membro da Comissão Política do PSD e engloba, entre outros, o vice-presidente do Conselho Nacional da JSD, João Godinho.

Entretanto, os serviços de Imprensa do PSD, referindo uma «tentativa clara de empolamento da crise ora verificada no Grupo Parlamentar do Partido», desmente a demissão de três sindicalistas sociais-democratas, Manuel Osório, Joaquim Costa e Rui Oliveira e Costa, acusando os órgãos de Comunicação Social de «inequívoca intenção de manipulação da opinião pública».

O elogio de Caetano

«A 'coisa pública' está em boas mãos» — diria o brigadeiro Marques Girão em Novembro de 1969, quando abandonava, três anos depois, o lugar de presidente da JAE em que tinha sido empossado pelo ministro Arantes de Oliveira. Dizia ainda o brigadeiro Girão: «Dou graças a Deus pelo meu sacrifício e rogo-lhe as maiores venturas e êxitos para os servidores do apaixonante departamento a que dediquei, sem reservas, o melhor de mim próprio, curvando-me admirativa e respeitosamente perante S. Ex.ª o Sr. Presidente do Conselho» — que na altura era Marcelo Caetano.

ções foram este ano presididas pelo Primeiro-Ministro, que se fez acompanhar pelo ministro da Defesa, Loureiro dos Santos. Ambos ouviram o brigadeiro Girão, que usou da palavra, na sua qualidade de sócio da Liga dos Combatentes, dizer que «estamos dolorosamente desencantados» e que, embora sendo de-

EANES RECONHECE NA SETENAVE

Um bom exemplo de como o trabalho consegue efectivamente o progresso

«Creio que se poderá dizer que aqui se colhe um bom exemplo de como o trabalho consegue efectivamente o progresso. E creio que deste cenário se pode dirigir uma palavra aos portugueses, e essa palavra é que não há possibilidade de, sem trabalho, sem um trabalho planeado, um trabalho exigente, conseguir o que é indispensável para que a riqueza se forme e para que possa depois ser distribuída».

Isto afirmou ontem o Presidente da República aos jornalistas no decorrer de uma visita aos estaleiros navais da Setenave.

Ramalho Eanes reconhecia assim o mérito da empresa e dos seus milhares de trabalhadores, que desde o 25 de Abril têm vindo a ser sistematicamente difamados pelas forças do passado que pretendem apresentá-los como perturbadores do trabalho e obstáculos à produção. Daí a importância da visita do Presidente, que teve assim oportunidade de ver com os seus próprios olhos.

Ramalho Eanes fez algumas considerações sobre a problemática da construção naval su-

obra, que, não sendo propriamente intensiva nesta indústria «andará muito perto disso», às divisas que fornece, e reconheceu por outro lado que a construção naval «é uma indústria de tecnologia exigente, com pessoal qualificado e com uma gestão complexa» acrescentando que «tudo isso faz que ela seja de importância muito grande para o País, e deva ser considerada em certa medida como um património nacional que é necessário salvaguardar».

blinhando que a sua importância não se pode aferir apenas pela carteira de encomendas, ou mesmo pelos resultados de exploração das diferentes empresas, havendo outros pontos a tomar em consideração, o primeiro dos quais, «e talvez um dos mais importantes, é aquele que se reporta aos reflexos que esta indústria tem como estímulo noutras indústrias».

O Presidente referiu-se, depois, ao problema da mão-de-

CONSELHO DE MINISTROS PREPARA ORÇAMENTO PS e PSD hoje em S. Bento

O Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos reuniu esta manhã em S. Bento para apreciar novos projectos do Orçamento Geral do Estado e das Grandes Opções do Plano para 1979.

O vice-primeiro-ministro para os Assuntos Económicos, Jacinto Nunes, preside à reunião, supondo-se que amanhã será fixada a data em que ambos os documentos serão apresenta-

dos ao Parlamento.

Entretanto, e com o objectivo de discutir com os partidos os dois projectos, o Primeiro-Ministro começa hoje à tarde a receber os líderes partidários. O PS e o PSD têm audiências marcadas para hoje, enquanto o PCP, o CDS e a UDP serão recebidos amanhã.

De acordo com afirmações de membros do Governo, este pretende manter os pontos mais

contestados da proposta de OGE, nomeadamente o tecto salarial de 18%, recentemente recusado pela Assembleia da República e o imposto extraordinário sobre o 13.º mês.

Sabe-se também que Mota Pinto poderá, logo após a aprovação do Orçamento, proceder a uma remodelação governamental, cuja amplitude é ainda desconhecida.

O ministro acrescentou que um relatório sobre as causas dos incêndios no nosso país indica que na sua origem está a intervenção humana devida, por vezes, a causas acidentais ou fortuitas, mas também intencionais e criminosas. A fim de o problema ser analisado mais em profundidade, o MAI e outros departamentos do Governo irão proceder a um estudo.

No discurso da tomada de posse, Gonçalves Ribeiro salientou que a criação do Conselho Coordenador do Serviço Nacional de Bombeiros é um primeiro passo na estruturação reorganizativa dos bombeiros, com vista a uma maior eficácia da sua gestão e funcionamento. Acrescentou que no entanto qualquer reestruturação deve salvaguardar princípios como o associativismo, voluntariado e entreatividade, que caracterizam a maioria das organizações de bombeiros do nosso país. Tal salvaguarda não justifica «que o Estado ou as autarquias locais se eximam das suas responsabilidades», esclareceu o ministro.

O presidente do Conselho empossado, Pinheiro de Melo Bragança, apontou como objectivo primordial do CC «a implementação gradual de uma estrutura para facultar instrumentos que permitam uma coordenação e orientação globais» das actividades desenvolvidas pelas instituições de bombeiros.

TRIBUNAL

DO TRABALHO

DE LISBOA

ANÚNCIO

10.º JUÍZO — 1.ª SECÇÃO

PROC.º 91/78-CIT

1.ª Publicação

O Dr. Luís Valente da Silva, juiz do 10.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa

Faz saber: — Que pela 1.ª Secção, correm editos de 30 dias citando a Ré Naniberna, Ld.ª — Indústrias e Comércio de Confeccões, que teve a sua última Sede conhecida na Rua da Beneficência, n.º 195-A — Lisboa, para no prazo de 8 dias, a contar da 2.ª e última publicação do presente anúncio, contestar a acção sumária n.º 91/78, que lhe move Teresa Rodrigues da Graça Martins, sob pena de não o fazendo ser condenada no pedido, no montante de 45.400\$000, referente a ordenados não pagos (16.900\$000); — subsídio de férias e de Natal (11.400\$000) indemnização por despedimento (17.100\$000).

O duplicado da petição inicial encontra-se à ordem do citando na Secção de Processos.

Lisboa, 20 de Março de 1979

O Juiz do 10.º Juízo
Luís Valente da SilvaO Escrivão Adjunto
Joaquim António Espanho
Tendeiro

CHEGOU A PRIMAVERA Black & Decker
GRANDE OFERTA EM ALFREDO A. MOREIRA, LDA.

BERBEQUIM DNJ50
8MM 1 VELOCIDADE
COM DISPOSITIVO
SERRA CIRCULAR

CONJUNTO GIRASSOL

SÓ 1599\$
POUPE 845\$

NUNCA MAIS HAVERÁ UMA OCASIAO COMO ESTA!
ALFREDO A. MOREIRA, LDA.

1 - R. Ferreira Borges, 16 — ☎ 66 21 46/66 86 56 - LISBOA
2 - Hobby — Drugstore Apolo 70 — ☎ 77 40 94 - LISBOA
3 - Hobby — Drugstore Alvalade — ☎ 80 49 13 - LISBOA
(lojas Hobby abertas até à meia-noite)

Ou encomende sem sair de casa, pelo correio, a cobrança, para: DOMICIL - Rua Tomás da Anunciação, 68 B — 1300 LISBOA. DNJ50 • D984 • 1.599\$00 MAIS PORTES DE CORREIO. MENCIONE COM LETRA BEM LEGIVEL O SEU NOME E MORADA.

Greve da TAP ainda sem solução

● Apelo: não vá ao aeroporto, telefone

A greve de um sector dos trabalhadores de manutenção da TAP (filiação no SITEMA, um sindicato paralelo) mantém-se esta manhã depois do malogro das conversações efectuadas durante a noite e parte da madrugada com o conselho de gerência da empresa.

No entanto, nova reunião está marcada para esta tarde, às 15 horas. Segundo conseguimos apurar, na reunião da noite passada houve progressos e a ANOP chegou mesmo a informar, baseando-se em declarações de «um informador dos grevistas», que se teria registado um «acordo de princípio». Tal poderia conduzir, ainda hoje à tarde, à desconvocação da greve.

O prosseguimento desta greve agravará ainda mais a situação dos transportes para as regiões autónomas dos Açores e da Madeira, cujos transportes são assegurados exclusivamente pela TAP. No que respeita aos voos internacionais, estão a ser assegurados por outras companhias. O mesmo acontecerá com os emigrantes que pretendam deslocar-se ao nosso País durante a quadra da Páscoa.

A situação no que se refere aos Açores e à Madeira vai, contudo, sofrendo um agravamento

progressivo. Enquanto a SATA (Açores) programou para hoje um voo extraordinário com capacidade para 80 passageiros, o Governo Regional da Madeira anunciou que, se não houver solução para o conflito, providenciará no sentido de assegurar ligações por intermédio de companhias estrangeiras.

Entretanto, para evitar aglomerações no aeroporto, onde, de resto, ontem, já se encontravam muitas dezenas de passageiros, a TAP difundiu um apelo no sentido de que ninguém compareça na aerogare sem, previamente, ter estabelecido contacto telefónico com os seus serviços. A informação de ontem previa que, antes de 24 horas decorridas, não seria possível assegurar voos com destino aos Açores e Madeira, apesar de prosseguirem as diligências nesse sentido.

PREJUÍZOS DIVERSOS

Embora não seja possível calcular, imediatamente, os prejuízos reais que a TAP está a sofrer com esta greve, é do conhecimento público que, por esse motivo, são perdidos, diariamente, 30 mil contos de receitas.

Por outro lado, os transtornos

causados são elevados, dado que, por exemplo, só na Madeira e durante o dia de ontem, foram cancelados dez voos. Aí, o Governo Regional determinou que continuem a ser fornecidos alojamento e alimentação aos hóspedes retidos por causa da greve.

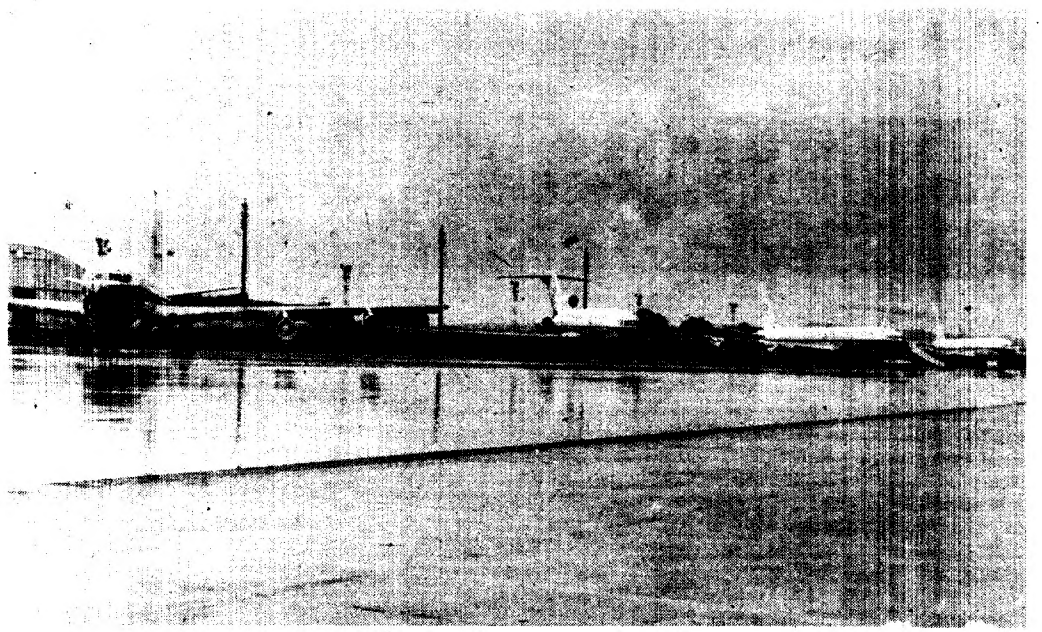
O regresso à normalidade está, portanto, dependente do andamento das negociações que, como já afirmámos, prosseguem à hora a que o nosso jornal está a circular.

No entanto, deve anotar-se que o conselho de gerência da TAP entende ter chegado ao «extremo limite das concessões admissíveis sem irremediável prejuízo para o sentido útil da análise e qualificação de funções» que está em estudo e «antes do início do processo negociado de revisão da tabela de remunerações».

Para interpretação do conflito que opõe o SITEMA e o CG da TAP, teremos de basear-nos exclusivamente nas informações prestadas pela empresa, uma vez que o sindicato não divulgou, até agora, qualquer comunicado à imprensa nem são comunicáveis os seus dirigentes.

Assim, segundo a TAP, existe uma obrigação assumida no quadro do ACT, de acordo com o qual se lançou um estudo de análise e qualificação de funções do seu pessoal, com o objectivo de possibilitar, na próxima revisão do clausulado, um melhor enquadramento de categorias.

O ACT da TAP não foi subscrito pelo SITEMA, continua o comunicado da empresa, «pela razão simples de que este sindicato ainda não existia à data da sua conclusão».



Sorefame: amanhã há greve e concentração

Os trabalhadores da Sorefame paralisarão as suas actividades entre as 15 e as 17 horas de amanhã, de acordo com uma proposta aprovada em plenário efectuado ontem nas duas unidades da empresa (Amadora e Amora).

O objectivo desta paralisação (e poderão ser encetadas outras formas de luta) é o de lutar contra a inflexibilidade da administração da empresa no sentido de prosseguir inquéritos disciplinares a elementos dos órgãos representativos dos trabalhadores.

Entretanto, continua convocada para amanhã uma concentração dos trabalhadores da zona da Amadora, às 18 horas, junto às instalações da Sorefame.

Na moção aprovada, ontem, no plenário, afirma-se que «os trabalhadores não aceitam os castigos já decididos ou a decidir

contra os elementos da CITS e CCS e exigem da administração a retirada imediata desses castigos».

No entanto, os esforços dos trabalhadores da Sorefame continuam a ser dirigidos no sentido de uma resolução dos problemas pelo diálogo e para tal mandataráram, também, na moção, os seus órgãos representativos.

Como já noticiámos, ultimamente tem-se registado uma ofensiva da administração da Sorefame contra os órgãos representativos dos trabalhadores, passando pela abertura de inquéritos em que se admite, desde logo, a hipótese de despedimento e transferência, pelo menos pouco ortodoxa, de insta-

lações da Comissão de Trabalhadores.

Quanto à concentração junto às instalações da Sorefame, na Amadora, foi divulgado, a propósito, um manifesto «dos trabalhadores, à população».

«A prática das administrações da Sorefame e do Ávila não encontram paralelo na zona da Amadora, assumindo com extrema gravidade atitudes e modos de actuação fascizantes, afastando-se da vivência democrática que se deseja» — afirma-se nesse comunicado, que assinala a ofensiva das forças reacçãoárias, fundamentalmente contra as empresas intervencionadas e as participadas pelo Estado.

2.º JUÍZO DO TRIBUNAL DE FAMÍLIA DE LISBOA ANÚNCIO

2.ª Publicação

Pelo 2.º Juízo e 1.ª secção, do Tribunal de Família de Lisboa, no processo n.º 2257, correm éditos de TRINTA DIAS, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando o réu FERNANDO FERREIRA, casado, com última residência conhecida na Costa do Castelo, n.º 40, r/c, em Lisboa, e, actualmente, ausente em parte incerta, para, no PRAZO DE VINTE DIAS, findo o dos éditos, contestar, querendo, o pedido formulado na acção de divórcio litigioso, que lhe move sua mulher, Ana Augusta Brito, residente na Rua Conceição da Glória, n.º 46 r/c, porta 5, em Lisboa, e ainda para, dentro do mesmo prazo, de-

duzir, querendo, oposição ao pedido de assistência judiciária formulado pela autora.

O pedido de divórcio é com o fundamento na alínea b) do artigo 1781 do Código Civil.

O pedido de assistência judiciária é com base na insuficiência económica da autora.

Lisboa, 19 de Março de 1979

O Juiz de Direito
a) Orlando de Faria Saraiva Lima

O Escrivão de Direito

a) Henrique António dos Santos

VOCÊ E O SEU CARRO DE COMBOIO



Diariamente entre Lisboa e Porto 6 COMBOIOS À SUA ESCOLHA

Lisboa - 8,50 - 18,50 e 00,25 Porto - 9,30 - 18,45 e 00,10

Consulte as secções de informações

PUB.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE LISBOA

Sede: Av. da República, 29-27 — Telef. 57 40 73 — LISBOA

6.ª FEIRA DIA 13/4 FERIADO OBRIGATÓRIO

1. Tendo chegado ao nosso conhecimento que nalgumas empresas do Comércio as entidades patronais estão a pretender trocar o feriado de 6.ª Feira Santa pela 2.ª feira — dia 16/4, vimos esclarecer os trabalhadores do seguinte:

2. A Contratação Colectiva em vigor dispõe inequivocamente que a **Sexta Feira Santa é feriado obrigatório**.

3. Entretanto o Dec. Lei 874/74, que veio regular imperativamente, novo regime de feriados, estabelece o seguinte:

CAP. IV — art.º 18.º

1. São feriados obrigatórios:

6.ª FEIRA SANTA

2. O feriado obrigatório de 6.ª Feira Santa poderá ser observado em outro dia com significado local no período da Páscoa;

4. Quanto a nós, o articulado atrás transcrito apenas permite que se observe o feriado **noutro dia de significado local no período da Páscoa**, e não se pode concluir que permita a troca por outro dia qualquer, ou que a troca possa ser estabelecida por esta ou aquela empresa.

5. Julgamos que a Lei, ao estabelecer aquela possibilidade de troca, pretende ir ao encontro de tradições regionais das populações e não para permitir às entidades patronais escolherem o feriado a seu belo prazer.

6. Deste modo e dado desconhecermos que no distrito de Lisboa haja outro dia de significado local no período da Páscoa, consideramos que deve ser respeitado o feriado de **6.ª Feira — dia 13 de Abril**, não devendo os trabalhadores aceitar qualquer troca apenas justificada pela conveniência das entidades patronais.

Lisboa, 9 de Abril de 1979.

A DIRECÇÃO

Pub

SINDICATO DOS ENFERMEIROS A TODOS OS ENFERMEIROS

Os quatro sindicatos de enfermagem do país, Norte, Centro, Sul e Funchal, reunidos na sede do SEZS, em Lisboa, no dia 7/4/79, face à suspensão do Conselho de Enfermeiros Gerais do Hospital de S. António do Porto, numa atitude de prepotente intromissão do Conselho de Gerência na gestão de um sector técnico (Enfermagem) sentem-se no dever e urgente necessidade de chamar a atenção dos enfermeiros para os constantes atropelos aos seus legítimos direitos, perpetrados por alguns elementos do sector médico, mesmo que para tanto tenham de fazer sucessivas vítimas nos órgãos de gestão de enfermagem, até encontrarem pessoas dóceis que lhes sirvam os fins, permitindo-lhes perpetuar o controlo de toda a actividade dos serviços de saúde do país.

Porque não é um acto isolado, antes se insere num conjunto de tentativas que anulem a acção dos enfermeiros na administração dos serviços de saúde (prevenção de excluir os enfermeiros das ADSS, não inclusão dos enfermeiros na gestão do projecto «Departamento dos Cuidados Primários de Saúde», obstáculos levantados à concretização de órgãos de gestão e coordenação do sector de enfermagem nos diversos hospitais do país; perseguições e tentativa de anulação aos que se instituíram) mais sentem os sindicatos a necessidade urgente de numa acção conjunta e concertada que anule, à nascença, quaisquer tentativas de neutralizar a responsabilidade que compete exclusivamente aos enfermeiros, sejam quem for os autores da ingerência.

Por isso alertamos os enfermeiros de que iniciámos um processo de luta, cujo termo não é ditado por nós, mas pela dificuldade ou facilidade que os nossos opositores demonstraram na adaptação aos princípios que intransigentemente defendemos que são, entre outros:

Autonomia técnica e administrativa na gestão e coordenação dos serviços de enfermagem, em todos os sectores dos serviços de saúde do país.

Pelos quatro sindicatos

NORTE José Correia Azevedo
CENTRO Fernando Correia
SUL Rogério Pernes
FUNCHAL Maria Isabel Ponte



DE MAL A PIOR

Meses volvidos sobre a desintervenção da Torralta, os trabalhadores vêem integralmente confirmados os seus piores prognósticos. Esta a conclusão que se retira de um comunicado emitido pela Federação Nacional dos Sindicatos da Indústria de Hotelaria, a propósito daquela empresa. Temos, por um lado, um tipo de «gestão autenticamente repressiva», com a instauração de processos disciplinares, despedimentos, intimidações, supressão de regalias, etc. Enquanto isso, desconhecem-se os termos do contrato de viabilização celebrado pela empresa, suspeitando-se que o CCT do sector não irá ser integralmente cumprido. Os sindicatos, naturalmente, não vão «nisso», e têm em estudo as «medidas adequadas».

ALTERNATIVA

O Sindicato das Madeiras do Norte (Porto e Aveiro) exigiu à administração da Mola-flex que forneça «todos os elementos necessários ao estudo da situação na empresa e à elaboração de uma alternativa para o despedimento colectivo de 156 trabalhadores», que o patronato pretende efectivar a coberto da «má situação» daquela unidade industrial.

BASE E AUTONOMIA

Cerca de 120 activistas e simpatizantes da Base-FUT (Frente Unitária de Trabalhadores) estiveram reunidos este fim-de-semana em Coimbra, num Encontro Nacional que adoptou como princípio a participação activa no Movimento Sindical unitário, com vista a contribuir para a sua autonomia em relação ao Estado, aos partidos políticos e à religião. Os presentes defenderam um «sindicalismo revolucionário» como forma privilegiada de atingir a sociedade socialista autogestionária, e condenaram a instrumentalização partidária dos sindicatos, censurando a UGT por ser um «instrumento de divisão dos trabalhadores».

PARALELO INSTALA-SE

Vem aí o Sindicato Paralelo da Função Pública, que promete integrar-se na UGT e orientar-se pelos «princípios básicos do sindicalismo democrático». A comissão instaladora foi eleita no domingo, numa «assembleia» de que (pelo menos) a ANOP teve conhecimento. Os trabalhadores da administração local e os professores não poderão filiar-se no novo «sindicato», que se destina apenas a funcionários dos organismos de Estado da administração central. A «assembleia constituinte» está prevista para 6 de Junho. Desconhece-se o local.

VENCE A UNIDADE

Listas unitárias foram recentemente eleitas para os corpos gerentes do Sindicato dos Trabalhadores de Calçado, Pele, Malas e Similares do Centro, Sul e Ilhas e do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do Distrito de Castelo Branco. No primeiro, a afiliação rondou os 41 por cento, recebendo a lista unitária 975 dos 999 votos expressos; no segundo, a percentagem de votantes andou pelos 25 por cento.

1.º DE MAIO

Iniciativas culturais, desportivas e artísticas assinalarão o 1.º de Maio em Coimbra, consoante o programa já divulgado pela União dos Sindicatos do distrito. Nesse dia haverá também uma concentração na Praça da República, seguida de desfile pelas ruas da cidade até ao Parque Dr. Manuel Braga, onde se realizará um comício.

A CONSTITUIÇÃO

As organizações de trabalhadores continuam a assinalar o terceiro aniversário da Constituição da República. Assim, amanhã à noite a lei fundamental do nosso país será o tema de um colóquio organizado pelo Sindicato dos Gráficos do Sul e pela comissão de moradores da Encarnação, e que decorrerá na sede daquele Sindicato (Rua da Barroca), em Lisboa.

NA 7.ª ZONA

O Conselho de Trabalhadores da 7.ª Zona de Lisboa (Beato, Marvila e Olivais) efectua amanhã, às 19 horas, na UTIC, um plenário para análise da situação dos trabalhadores e eleição do seu novo secretariado. Foram também convocados os delegados sindicais daquela zona.

REESTRUTURAÇÃO QUE TARDA

Uma hora de greve amanhã nas pescas e no sector naval

Os trabalhadores da indústria de construção e reparação naval e das empresas nacionalizadas das pescas levam amanhã a efeito uma paralisação de uma hora, como forma de pressionar o Governo a adoptar medidas urgentes de reestruturação daqueles sectores.

Segundo foi ontem revelado à imprensa pelas organizações sindicais representativas desses sectores, a situação na indústria naval «é cada vez mais difícil, devido ao facto de estarmos praticamente dependentes do mundo capitalista em crise, e por os sucessivos governos não terem até ao momento tomado medidas no sentido de ultrapassar a situação».

No sentido de superarem estes problemas, que põem em risco os postos de trabalho e ofendem os interesses da

economia nacional, os trabalhadores têm em preparação o Sexto Encontro da Indústria Naval, a realizar em Almada, no dia 16 de Junho.

Em tempo oportuno foram já sugeridas diversas medidas que contribuiriam para resolver os problemas do sector, nomeadamente: criação de um organismo da coordenação; definição de um plano para a renovação e desenvolvimento das frotas de pesca e mercante; planificação e desenvolvimento das indústrias subsidiárias; reorganização das empresas; introdução de novos sistemas de financiamento; diversificação do mercado de trabalho.

Por seu turno, no sector nacionalizado das pescas, os trabalhadores deifrontam-se com graves problemas, que fazem suspeitar da existência de um plano visando a sua

destruição a favor do capital privado e das forças neotendentes.

A frota que operava na Mauritânia continua imobilizada, enquanto as empresas que se dedicam à captura do pescado sofrem uma série de estrangulamentos. Além disso, foi-lhes imposta «uma tabela de preços de peixe que não cobre os seus custos de produção, originando assim o desvio da mais-valia para os intermediários parasitas e especuladores».

«Como se tudo isso não bastasse», O Governo Mota Pinto declarou em situação económica difícil as empresas Docapesca, Snapa e Companhia Portuguesa de Pesca, com as inerentes consequências para os trabalhadores (redução de salários, insegurança de emprego, etc.).

Desemprego juvenil em campanha da JS

Por iniciativa da Juventude Socialista está em curso uma campanha nacional que visa sensibilizar a opinião pública para o problema do desemprego juvenil.

É este precisamente o «problema que mais grandemente afecta a juventude portuguesa», conduzindo a situação de «marginalização social e ao desespero de muitos jovens», segundo se lê num documento distribuído pelo secretariado nacional da JS. Esta organização propõe-se, por isso, incentivar «formas de solidariedade e cooperação para com os jovens desempregados ou à procura do primeiro emprego», e reconhecer a estes o estatuto de parte interessada na discussão deste problema a nível do Governo e da Assembleia da República.

Quantificar o desemprego dos jovens? Segundo a JS, supõe-se que há cerca de 300 mil nessa situação, dos quais 200 mil à procura do primeiro emprego; ou, noutra estimativa, a taxa de desemprego é de 16% entre os menores de 30 anos, «existindo apenas oficialmente reconhecidos 320 mil desempregados» (oitenta por cento da população ac-

tiva).

Diagnosticando as causas desta situação, a JS aponta como factor principal «o atraso do desenvolvimento económico do País provocado pelo fascismo», evidenciado, designadamente, na grande corrente migratória, na falta de investimentos em infra-estruturas necessárias ao desenvolvimento, na fragilidade da industrialização.

Presentemente, e «mesmo na actual situação de crise económica, é possível tomar medidas para combater o desemprego». A JS adianta algumas tanto no que respeito à formação profissional como, mais frontalmente, no que se refere à criação de postos de trabalho. Entre estas, realcem-se as medidas excepcionais de crédito às empresas, o combate ao pluriemprego e às horas extraordinárias através de uma maior incidência fiscal, etc.

A campanha promovida pela JS decorrerá até ao dia 9 de Maio, envolvendo a realização de colóquios, debates e encontros sobre o problema. «Contamos, através do debate, aperfeiçoar e testar as nossas propostas», dizem os dirigentes da JS.

CA da RDP quer despedir Helder Fernando

Após mais de um mês de suspensão, durante a qual decorreu um inquérito ordenado pela CA/RDP, o locutor-redactor Helder Fernando recebeu uma nota de culpa em que Humberto Lopes, presidente da Comissão Administrativa, advoga o despedimento deste profissional de radiodifusão.

Helder Fernando (recorda-se) foi suspenso das suas funções por se haver recusado, liminarmente, a ler um comunicado da Administração dos CTT/TLP sem o devido tratamento jornalístico, a propósito da greve dos

trabalhadores dos telefones, que coincidiu com o temporal que fustigou designadamente a área ribatejana.

Na altura, lembra-se, a ordem de leitura do comunicado foi dada por um assessor da CA que não tinha qualquer competência para se imiscuir no trabalho das estruturas profissionais, num abuso flagrante de autoridade que não mereceu por parte do presidente da CA qualquer procedimento disciplinar.

Helder Fernando é militante do PS.

Ref. Com.

O GRUPO LEADER DA PUBLICIDADE EUROPEIA REFORÇA PRESENÇA NA INGLATERRA

O Grupo leader da Publicidade na Europa, a Intermark-Farner-Publicis opera agora com 21 Agências em 14 países europeus, após a integração da Agência de Publicidade inglesa McCormick-Richards, que passará doravante a designar-se por McCormick-Intermark-Farner. Quer os directores quer todos os quadros continuarão na nova Agência.

Acreditando na autonomia nacional das Agências integradas no Grupo, a Intermark joga na descentralização e na responsabilidade total das direcções locais, sem interferência de quadros da Sede. Este estilo de gestão tem garantido a possibilidade de servir bem tanto os

Clientes nacionais como os internacionais, carecendo de coordenação.

A integração daquela Agência inglesa vem reforçar ainda mais a cobertura europeia do Grupo Intermark, a que a Agência portuguesa Espiral está ligada há 6 anos por acordo de trabalho. Assim o total de facturação do Grupo ultrapassará em 1979 os 460 milhões de dólares.

Cobrindo total e exclusivamente a Europa o Grupo serve Clientes internacionais entre os quais Henkel, Nestlé, Renault, Philips, Johnson's, a que a nova Agência junta agora Guinness, Boots, Plumrose, Fisons, etc.

FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO
DIVISÃO DE PATRIMÓNIO
ANÚNCIO
CONSTRUÇÃO DE UM CINEMA

Para os devidos efeitos, faz-se público que está aberto concurso para atribuição de um lote de terreno com cerca de 750 m² em Mira-Sintra, em direito de superfície, destinado à construção de um cinema.

O «Programa» deste concurso encontra-se patente na Divisão de Património deste Fundo de Fomento (Av.ª Columbano Bordalo Pinheiro, 87-7.º Lisboa — Tels. n.ºs 769951/2/3/4), onde poderá ser consultado dentro dos horários normais de expediente.

O prazo para recepção das propostas terminará às 15 horas do dia 30 de Abril p.f., realizando-se o acto público da abertura das mesmas às 16 horas do mesmo dia e local.

Divisão de Património do F.F.H., em 30 de Março de 1979

O Chefe da Divisão do Património
António Augusto Serralha Ferreira

GITUS
TURISMO SOCIAL

A pensar nas suas férias programamos este ano viagens a

Hungria	de 29/6 a 9/7	18 500\$00
		(Intercâmbio)
Roménia	de 1/7 a 14/7	20 500\$00
	de 28/7 a 11/8	
de 26/8 a 8/9	de 9/9 a 22/9	
		Bulgária
de 6/6 a 20/6		22 000\$00
	De 30/8 a 13/9	
Jugoslávia	de 12/8 a 25/8	18 500\$00
	de 2/9 a 15/9	
A preços excepcionais		

Consulte-nos das 10h00 às 13h00
e das 14h00 às 19h00

Rua Victor Cordon, 1-3.º — Telef. 368192

Pub

Sindicato dos Enfermeiros
da Zona Sul

MOÇÃO

Os Delegados Sindicais reunidos no seu Sindicato em 5 de Abril de 1979 saudam calorosamente a passagem dos Aniversários do 25 de Abril e do 1.º de Maio.

Manifestam a sua firme determinação de lutar pelos princípios de Liberdade que consagram ao Povo as Conquistas de muitos e muitos anos de Luta em Defesa das Liberdades em particular das Sindicais e da Democracia, e da Instauração de uma Sociedade mais justa onde seja eliminada a exploração do Homem pelo Homem.

Manifestam ainda e apelam a todos os trabalhadores, a todos os democratas, a todos os antifascistas sejam quais forem as suas opções ideológicas, ou religiosas, que se devem unir e lutar, nestas Jornadas, para que todas as manobras dos inimigos da Democracia, da Constituição, da Reforma Agrária etc., por consequência do 25 de Abril, sejam derrotadas.

VIVA O 25 DE ABRIL
VIVA O 1.º DE MAIO

PROGRAMA DO 25 DE ABRIL Parada militar em Belém e uma sessão solene na AR

Uma parada militar em Belém e uma sessão solene na Assembleia da República são as duas cerimónias de destaque entre as numerosas iniciativas programadas pela comissão organizadora das comemorações do 25 de Abril, presidida pelo major Vasco Lourenço, cujo programa foi ontem divulgado.

As comemorações enquadram-se no esquema utilizado em 1978 mas prevêem que o 5.º aniversário do 25 de Abril tenha uma participação popular como nunca, para o que contribui um generalizado sentimento de defesa da liberdade que o 25 de Abril trouxe ao povo português.

A parada a realizar em Belém será presidida pelo general Ramalho Eanes e nela participarão forças dos três ramos das Forças Armadas, da GNR, PSP, Guarda Fiscal e estabelecimentos de ensino militar. A mesma hora, nas sedes das zonas militares do Funchal e Ponta Delgada e das Regiões Militares, serão realizadas cerimónias militares com a presença de forças reduzidas. Tanto a parada como as restantes cerimónias nas regiões militares realizar-se-ão às 10 horas. As 15 horas terá início a sessão na Assembleia da República a que assistirá o general Ramalho Eanes.

Estas duas iniciativas constituem o cenário de fundo para milhares de outras que ao nível das autarquias e do movimento popular se vão desenrolar por todo o País.

FESTAS POPULARES

Em Lisboa a Câmara Municipal promove, na noite de 24 para 25, grandes festas populares especialmente centralizadas na Praça do Comércio, cujo programa não foi ainda divulgado. Noutros locais do País, por iniciativa das autarquias e em coordenação com os órgãos regionais da Direcção-Geral dos Desportos e do FAOJ, estão programadas diversas cerimónias e actividades destacando-se realizações de carácter desportivo.

Na capital realizar-se-á pela segunda vez a «Corrida da Liberdade», aberta a concorrentes de todas as categorias, com partida do Terreiro do Paço, Largo do Carmo, Pontinha, Caçadores 5 e ex-Rádio Clube, e chegada à Avenida da Liberdade. A Federação Portuguesa de Ciclismo organiza uma prova para juniores no percurso Santarém-Lisboa, e a Associação de Vela de Lisboa, uma regata-festival em Belém. Junto à Torre de Belém a FAOJ promove uma festa juvenil.

Como inédita destaque-se a I Corrida da Comunidade Portuguesa, com eliminatórias distritais, nas regiões autónomas, em Macau e entre 15 comunidades portuguesas no estrangeiro, que permitirão seleccionar as equipas que estarão presentes na final a realizar em 10 de Junho na cidade de Vila Real.

A Torralta quer que Tróia volte à Assembleia da República

A Torralta enviou, ontem, a Teófilo Carvalho dos Santos, presidente da Assembleia da República, um pedido de anulação da votação que determinou a rejeição do decreto-lei que criava a zona de jogo de Tróia. Recorde-se que a ratificação do referido decreto-lei foi recusada pelo voto desfavorável dos partidos socialista e comunista. A Torralta pretendia entrar na posse da zona de jogo de Tróia, sem se sujeitar a concurso, de uma forma considerada ilegal pelos representantes daqueles partidos.

Agora aquela empresa volta à carga alegando ter existido erro na formação da vontade da assembleia. Diz a Torralta que a assembleia não remeteu as co-

missões parlamentares competentes a representação enviada pela empresa. Deste modo aquelas comissões «não puderam analisar factos novos que eram apresentados e o processo de formação da vontade da assembleia decorreu com violação das normas regimentais».

Argumenta, ainda, a Torralta que não foram consideradas as condições de jogo existentes para as comparar com o projecto em causa e que não se meditou sobre se é o princípio do jogo, ou o jogo em Tróia que está em causa, nem sobre os interesses da balança de pagamentos, nem sobre a salvação de uma empresa e o destino de 3 mil trabalhadores e de 26 mil accionistas.

Entretanto, o major Vasco Lourenço revelou ontem à ANOP, ter tomado pessoalmente a iniciativa de solicitar ao Ministério das Obras Públicas autorização para colocar o nome «25 de Abril» no pilar da Ponte sobre o Tejo, do lado de Lisboa.

Relativamente ao seu apoio à proposta de amnistia apresentada pelo PS na Assembleia da República, Vasco Lourenço disse que esse apoio era «meramente pessoal» não tendo discutido o assunto com a comissão das comemorações a que preside.

Entretanto, cartazes, autocollantes e outro material sobre as comemorações do 5.º aniversário do «25 de Abril» começaram a ser distribuídos pelas autarquias locais, sindicatos, partidos e órgãos de Comunicação Social.

O cartaz é da autoria de um jovem de 13 anos, de nome Dionísio, aluno do Liceu de Leiria, vencedor no ano passado, de um concurso sobre o 25 de Abril.

Relativamente ao seu apoio à proposta de amnistia apresentada pelo PS na Assembleia da República, Vasco Lourenço disse que esse apoio era «meramente pessoal» não tendo discutido o assunto com a comissão das comemorações a que preside.

Entretanto, cartazes, autocollantes e outro material sobre as comemorações do 5.º aniversário do «25 de Abril» começaram a ser distribuídos pelas autarquias locais, sindicatos, partidos e órgãos de Comunicação Social.

O cartaz é da autoria de um jovem de 13 anos, de nome Dionísio, aluno do Liceu de Leiria, vencedor no ano passado, de um concurso sobre o 25 de Abril.

Entretanto, cartazes, autocollantes e outro material sobre as comemorações do 5.º aniversário do «25 de Abril» começaram a ser distribuídos pelas autarquias locais, sindicatos, partidos e órgãos de Comunicação Social.

Entretanto, cartazes, autocollantes e outro material sobre as comemorações do 5.º aniversário do «25 de Abril» começaram a ser distribuídos pelas autarquias locais, sindicatos, partidos e órgãos de Comunicação Social.

VIAGEM PELO UNIVERSO DE E.P. JACOBS

A propósito da banda desenhada «O Mistério da Grande Pirâmide», que começamos a publicar no próximo sábado, vale a pena evocar a «história» do seu autor, Edgar P. Jacobs, cujo último álbum, o «Raio U», acaba agora de ser lançado em Portugal.

O «Raio-U» nasceu no tempo da guerra. Tem 36 anos de idade e o seu autor chama-se Edgar Pierre Jacobs.

Blake e Mortimer vieram depois: começaram a enfrentar o perigo amarelo em 26 de Setembro de 1946 nas páginas do «Tintin». Foi o ponto de partida para a fascinante saga destes dois heróis do nosso tempo.

E não mais pararam. O Mistério da Grande Pirâmide, a Marca Amarela, o Enigma da Atlântida, SOS Meteoros, Armadilha Diabólica, o Caso do Colar e as Três Fórmulas do Professor Sato constituem momentos diferentes de um mesmo percurso.

Mas que leitura da obra de Jacobs é possível fazer? Expressão sofisticada e burguesa de uma dada visão do mundo, sólida e coerente narrativa de antecipação científica ou corajosa cruzada contra as forças «do mal», eis algumas das respostas possíveis.

Pierre Jacobs é um autor solitário. Em trinta e tal anos, uma dezena de histórias que exigem um enorme esforço de elaboração e concepção. Exceptuando um breve período de trabalho com Hergé nos anos de 1944 a 47, toda a sua vida é um diálogo permanente apenas com os seus personagens.

Mas não foi sempre assim. Poucos saberão que Jacobs foi um barítono de ópera bastante conhecido antes da guerra e que foi nesse período que tudo mudou.

Durante a ocupação da Bélgica, ainda tentámos recomendar, fazer teatro, mas começou a ser cada vez mais difícil trabalhar. Tive de abandonar o teatro e procurar outro meio de subsistência.

Começou a desenhar a continuação de Flash Gordon, série que deixou de vir dos Estados Unidos quando a guerra começou.

Depois, veio o «Raio-U», réplica europeia à série de Alex

anglo-saxónica: Conan Doyle e Sax Rohmer (A filha de Fu-Manchu) são autores que Jacobs não deixa de evocar. Mena House é o pano de fundo para uma sequência nocturna notável e quartel-general de Mortimer, privado de Blake, que se crê morto; Nasir assume uma dimensão que o transforma, como Kadir Baksh do conto de Kipling, num ser capaz de intervir em todas as intrigas e peripécias, um Génio da lâmpada.

O Museu do Cairo ressuscita para nós a história fascinante do país dos faraós, e faz-nos mergulhar nos meandros das sucessões dinásticas e confronta-nos com a lenda. Uma outra face do Cairo, a que a exactidão do horário do autocarro Giza-Cairo fornece o contraponto da realidade concreta.

As pirâmides, com os seus contornos de estranhos e enigmáticos mausoléus, revestem uma significação perturbadora. A geometria imponente destas massas milenárias apenas en-

Blake, Mortimer e o Mistério da Grande Pirâmide

Raymond, interdita pelos alemães. É por esta altura (1944) que conhece Hergé, o famoso criador de «Tintin».

Participa na fundação da revista «Tintin», cujo primeiro número viu nascer a 26 de Setembro de 1946, Blake e Mortimer, em «O Segredo do Espadão».

Foi tortuosamente que concebi os meus personagens. Eu pensava numa história situada na Idade Média, mas apenas «O Templo do Sol» se passava nos nossos dias. Fui amavelmente levado a criar uma história contemporânea.

Durante algum tempo desenhava «O Espadão», trabalhava para Hergé e ilustra «A Guerra dos Mundos».

DA SOLIDEZ NARRATIVA AS SUGESTÕES ESOTÉRICAS

Seguem-se a ritmos regulares as restantes aventuras de Blake e Mortimer.

O «Mistério da Grande Pirâmide» surge no «Tintin» belga em 23 de Março de 1950. Três pontos de referência: Mena House, Museu do Cairo e as Pirâmides.

O Cairo dos anos 50 e a sua vida quotidiana em revista. O famoso Mena House figura em

muitas obras da literatura contra correspondência na dimensão do enigma que se deseja ardentemente ver revelado: e assim mergulha o leitor na espiral da história que se está a viver.

A resultante é uma narrativa coerente e consistente, como acontece com todas as obras de Jacobs.

Porquê situar a acção no planalto de Gisé, que parece um queijo «gruière», cheio de buracos de escavações?, perguntaram um dia ao autor de Blake e Mortimer.

Eu estava agarrado à minha ideia, pois era um local solar por excelência, nas proximidades do antigo templo de Heliópolis (uma escola extraordinária na sua época), com as grandes pirâmides tão fascinantes e a esfinge. Tive razão em escolher aquele local, porque creio que, dois anos mais tarde, eram descobertas no sopé da grande pirâmide as famosas barcas solares de Khéops. E, contudo, tinham espiolhado por todo o lado. Eu documentara-me e folheei muitos escritos sobre o assunto depois de Heródoto. Ele descreveu a cripta subterrânea que se supõe ter encontrado sob a pirâmide e que existe em Abydos. É uma espécie de grande fosso que rodeia uma ilha onde se encon-



trava o sarcófago. No leito do Nilo, abriam-se comportas e a água inundava o fosso. Isto tinha, certamente, uma significação esotérica que talvez se tenha perdido, mas que não foi inventada por Heródoto.

COMO LER JACOBS?

A consistência narrativa da obra de Jacobs não ilude uma outra questão — a da validade das propostas temáticas do autor.

A leitura de um produto cultural é exercida com a ferramenta do quadro teórico e da formação ideológica de quem a pratica. Para quem não esteja limitado e condicionado por uma visão parcelar e setária (porque sempre pretensamente exclusiva) das realidades, a fruição das obras de Pierre Jacobs encontra múltiplos motivos de interesse.

Dois heróis do nosso tempo, dissémos de Blake e Mortimer no início deste texto. Os heróis de Jacobs inserem-se, sem dúvida, no âmago de alguns dos mais preocupantes problemas da nossa época. Dos perigos da opressão total (O Segredo do Espadão) à guerra meteorológica (SOS Meteoros) e nos problemas da evolução tecnológica altamente sofisticada (As Três Fórmulas

do Professor Sato) há inúmeros assuntos que preocupam o cidadão comum da nossa época. Talvez seja esse o mérito maior da obra de Jacobs. Mas as críticas procedem igualmente.

Os heróis situam-se na instância do poder e veiculam em muito o seu discurso e prática. A estrutura narrativa é clássica, com uma «clara» delimitação dos campos ideológicos em presença. As propostas ficcionais poderão suscitar em muitas circunstâncias cepticismo ou mesmo repúdio.

A disponibilidade valorativa do leitor é condição essencial ao debate que a obra de Jacobs pode suscitar. Antes de mais, é necessário ler as aventuras de Blake e Mortimer. É o que o «DIÁRIO DE LISBOA» propõe.

CONSULTE
BUISSON
VIAGENS - TURISMO
Para obtenção de
passaportes urgentes
RUA BRAAMCAMP, 15 - D
Tels. 4 04 59 - 4 04 68 - 55 68 23
Teleg. BUISOUR - Telex 12762
UMA AGÊNCIA MODERNA COM
MAIS DE 50 ANOS DE EXPERIÊNCIA

CARRINHA DO "TOTTA"

Os assaltantes falavam castelhano e pediram "la llave"

— O roubo não excede os dois mil contos?

Não atinge os dois mil contos o volume do assalto à mão armada perpetrado ontem, às seis da tarde, em pleno centro do Estoril. O alvo foram três funcionários do Banco Totta e Açores, que transportavam do Casino para uma carrinha do banco três pastas cheias de dinheiro. Os assaltantes actuaram de cara descoberta e, sempre que falavam (pouco), exprimiam-se em castelhano. Ao condutor, por exemplo, apenas se dirigiram para pedir «la llave».

Em contacto com o Totta, um funcionário deste banco disse-nos que os jornais da manhã tinham exagerado ao referir uma soma de sete mil contos: o próprio banco lesado desconhecia ainda o montante do prejuízo, mas um primeiro cálculo apontava para mil e tal contos, não mais de dois mil.

O audacioso assalto ocorreu quando os bancários, de carrinha na mão alcançavam a carrinha. O condutor da viatura diz-nos que tudo se passou num ápice: os gátnos «deram a cara», exceptuando talvez o caso de um que tinha um boné de pala meio enterrado na cabeça. Falavam castelhano e, pelos menos ao motorista não pareceu que se

tratasse de **blague**, já que um deles «tinha uma fisionomia que... não sei, talvez de sul americano...».

Ao pedirem «la llave» ao motorista da carrinha, o objectivo dos assaltantes era, manifestamente, retardar a perseguição. E isto foi conseguido. Aos outros dois funcionários, os gátnos pediram «la mala» ou «la maleta», e também esta exigência foi satisfeita, como é natural, uma vez que os assaltantes se apresentavam armados e aparentemente dispostos a usarem as armas se necessário.

Refira-se que o dinheiro roubado não era apenas do Casino. A carrinha (que funciona como «posto móvel» do Totta e Açores) tir ha andado a fazer recolhimentos de depósitos durante o dia e, por sinal, o Casino era a última etapa.

Um elemento dos serviços administrativos do Casino Estoril não se mostrou particularmente interessado em dizer-nos qual a «fatia» correspondente a dinheiro do Casino («não sabemos, esse é um problema do banco»). Em todo o caso, poderá admitir-se, «apriori» que o depósito confiado pelo Casino ao «posto móvel» constituía o

«grosso» do movimento do dia. Por outro lado, o porta-voz do Casino fez questão de acentuar que o dinheiro do Casino (ou melhor do Totta) agora levado pelos assaltantes, não correspondia totalmente a resultados das salas de jogo, uma vez que a empresa tem outros negócios (agência de viagens, por exemplo) e, portanto, outras fontes de receita.

Registe-se que esta é a segunda vez que o Totta e Açores do Estoril é assaltado no espaço de dois, três anos: da primeira, os assaltantes entraram no banco e «levaram apenas o que estava à vista», cerca de trezentos contos.

Segundo estatísticas fornecidas esta manhã à imprensa pela Polícia Judiciária, desde 1971 e até 1978 inclusive, houve 152 assaltos a bancos em Portugal. O balanço de todos estes assaltos saldou-se, por cinco mortos e dezasseis feridos, tendo os assaltantes roubado, globalmente, 136 997 contos.

As mesmas estatísticas referem que o ano mais rendoso, para os assaltantes foi o de 1975 (31 633 contos) seguindo-se 1976 (30 865 contos) 1978 (27 912 contos) e 1977 (23 955 contos). Ainda assim, o maior número de assaltos registou-se em 1977 (39).

Outros elementos estatísticos assinalam disparos de armas de fogo nos assaltos verificados em 1973 (dois tiros, um ferido) 1974 (um tiro, um ferido) 1975 (quatro tiros, três feridos) 1976 (nove tiros, três mortos e cinco feridos) 1977 (quinze tiros, um morto e seis feridos) e, finalmente, 1978 (cinco tiros, um morto e três feridos).

DEPOIS DO ASPIRANTE MELRO

Mais um soldado morto em Tancos

Vítima «de acidente com arma de fogo», segundo refere um comunicado do Estado-Maior da Força Aérea, perdeu a vida, em Tancos, o soldado Júlio Cardoso Dias, de 21 anos, natural de Pedra do Altar (Proença-a-Nova), que prestava serviço na Escola de Tropas Para-Quedistas, unidade sediada naquele complexo militar. O comunicado não especifica as circunstâncias em que ocorreu o acidente.

Recorde-se que foi no mesmo local que, há poucos meses, o aspirante José António Melro seria atingido gravemente com um projétil, vindo a falecer dias mais tarde no Hospital de Santa Maria, em circunstâncias bastante estranhas. Tal facto, conforme ontem noticiámos, já levou a família do malogrado oficial a

nomear uma equipa de advogados, orientada pelo dr. Joaquim Pires de Lima, para apuramento de responsabilidades. De acordo com o dr. Pires de Lima, e ao contrário do que tem sido prática corrente até aqui, da existência de uma Jurisdição Internacional a que Portugal se vinculou recentemente, faz crer que o Estado terá interesse em que os seus órgãos de Justiça não sejam superados e desprestigiados perante tribunais internacionais. Recordá aquele advogado, a propósito, que ainda hoje, decorridos cerca de 14 anos, se aguarda o esclarecimento da morte, em Moçambique, também em circunstâncias pouco claras, do alferes Bação Leal, encontrando-se o processo pendente no Foro Militar há nove anos.

NORTE FUSTIGADO POR TEMPORAL

Fechado o porto de Leixões

PORTO, 10 — A cidade, como de resto quase todo o País, foi fustigada por forte ventania, acompanhada, por vezes, de aguaceiros e trovoadas. As condições atmosféricas pouco se alteraram e esta manhã, como medida de precaução, não entraram nem saíram barcos do porto de Leixões.

No entanto, os vapores «Silvia Maria Del Mar» (espanhol) e «Dory Bres» (dinamarquês), que pelas 8 horas, desconhecendo aquelas medidas, atracaram naquele porto, acabaram por ser afastados para longe pelo tem-

poral por desprendimento das amarras (foram garrados, como se diz tecnicamente).

Entretanto, os barcos da frota de Matosinhos, pelas razões acima referidas, não largaram para a pesca. A barra do Douro, por seu turno, e não só devido à ventania, mas também à agitação do mar, mantinha-se fechada ao fim da manhã.

A rajada máxima registada no Observatório da Serra do Pilar foi de 132 km/h e verificou-se às 8 horas.

A partir de quinta ou sexta-feira observar-se-á uma melho-

Guarda Nocturno assassinado?

PORTO — Um guarda-nocturno de uma fábrica de tecidos da Avenida da Boavista, no Porto, foi encontrado morto, na portaria da empresa, sentado numa cadeira e com um ferimento na cabeça.

Alexandre da Cunha, que contava 66 anos, foi descoberto por um afinador de tecidos da fábrica, cerca das seis horas, quando se preparava para pegar ao trabalho.

O cadáver foi removido para o Instituto de Medicina Legal e a Polícia Judiciária procede a averiguações por se suspeitar de crime.

A MORTE DE JOSÉ RAMOS

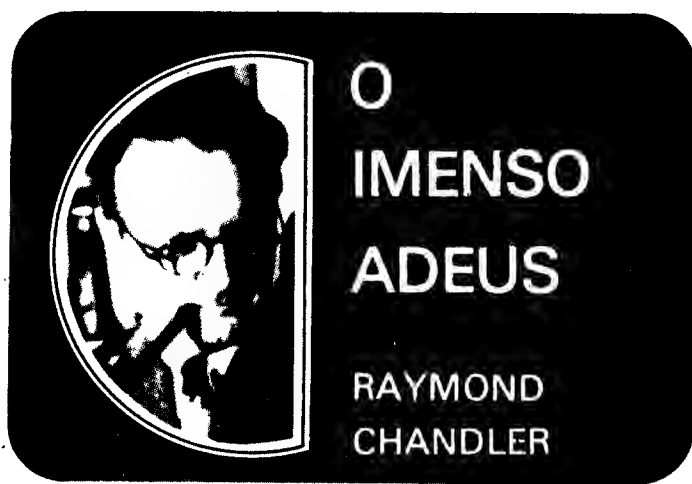
O primeiro caso de suicídio conhecido no Miguel Bombarda

Continuam indecifráveis (e sem grandes possibilidades de algum dia serem esclarecidas) as motivações que teriam estado na origem do suicídio pelo fogo do doente do Hospital Miguel Bombarda, José Ramos, o primeiro caso de suicídio conhecido naquele estabelecimento desde a sua remodelação em 1947, segundo afirmam esta manhã ao «DL» o enfermeiro responsável pelo departamento, a que a vítima pertencia há vários anos.

Segundo a mesma fonte, José Ramos, de 63 anos, natural de Alcoutim e há dezasseis anos internado no Miguel Bombarda, era «um doente bastante calmo», com autorização médica para sair à rua, que se deslocava com frequência a casa de um sobrinho residente em Cascais, utilizando para isso o comboio, sem que em qualquer momento tivesse criado problemas. «No entanto — referiu-nos —, com este tipo de doentes nunca se sabe, ou dificilmente se sabe, o que poderá acontecer, já que, em certas alturas, as suas reacções são imprevisíveis, quase incontrolláveis. Só que raramente surgem casos de suicídio, e muito menos com os aspectos de premeditação e até planeamento que este parece ter envolvido.»

Por outro lado, segundo conseguimos apurar junto de um dos empregados nos sanitários da CML, no Largo do Mastro, local da ocorrência, José Ramos aparecia ali com frequência, mantendo uma conversa bastante fluente e normal, apenas não gostando que o referenciassem como interno de um hospital psiquiátrico. «Eu não sou maluco», dizia, magoado.

Entretanto, ainda não é conhecido o resultado da autópsia ao cadáver de José Ramos, a cargo do Instituto de Medicina Legal.



© — Livros do Brasil/College Trustees

E, perguntarão ainda, que pensa o Harlan Potter do novo casamento? Só adivinhando. O sr. Potter nunca, mas nunca se deixa entrevistar. Mais exclusivo não há, meus queridos!»

Deitei o jornal para um canto e liguei a televisão. Depois do vomitório que é sempre a página dos acontecimentos da vida social, até nos sabe bem uns lutores. Mas os factos eram provavelmente exactos. Nestas páginas que atingem a nossa sociedade é melhor que o sejam.

Mentalmente tentei imaginar o tipo de cabana de dezoito divisões, produto dos milhõens dos Potters, para não mencionar as decorações por Duhaux, certamente no mais recente simbolismo sub-fálico. Mas não consegui imaginar o Terry Lennox preguiçando pelas piscinas em calções e telefonando ao mordomo para que gele o champanhe e asse o faisão. Se o tipo tinha planeado ser o cordeirinho de alguém, era com ele. Só que já me não apetecia tornar a vê-lo. Mas sabia que o veria, quanto mais não fosse devido à maldita mala de pele de porco com fechos de ouro.

Pelas cinco horas de uma tarde chuvosa de Março ele entrou no antro onde actua a minha cabeça. Estava mudado. Mais velho, absolutamente em estado normal, severo e maravilhosamente calmo. Vestia um impermeável cor de interior das cascas das ostras, luvas e não trazia chapéu. O cabelo branco estava liso como o peito de um pássaro.

— Vamos beber uma bebida a um bar sossegado — disse-me como se tivéssemos estado juntos dez minutos antes. — Se você tem tempo, já se vê.

Não apertámos as mãos. Nunca o fazíamos. Os ingleses não andam constantemente a apertar as mãos como os americanos, e embora ele não fosse inglês tinha alguns dos maneirismos próprios daquela raça.

— Vamos até minha casa buscar a sua famosa mala. Preocupa-me tê-la comigo — disse eu.

Abanou a cabeça.

— Agradecia que você a guardasse.

15

Hoje: Cinquentenário dos Inválidos do Comércio

Os Inválidos do Comércio comemoram hoje o 50.º aniversário da sua fundação. A associação foi fundada por um grupo de comerciantes, encabeçado por Alexandre Ferreira, e tem cerca de 30 mil contribuintes que pagam uma quota mensal que oscila entre os dez e os cinquenta escudos.

Contudo a obra de assistência que desmolda exige meios superiores ao que pagam os associados, pelo que a situação dos Inválidos do Comércio é, hoje em dia, bastante difícil. Diversos profissionais do sector procuram chamar a atenção para a necessidade de aumentar as quotas e o número dos contribuintes.

Sanitários de Lisboa vão ser reparados

Os sanitários e banheiros existentes na cidade de Lisboa que se encontram num estado de conservação que deixa muito a desejar, vão ser reparados brevemente. De facto a Câmara Municipal discutiu o assunto na última reunião e mandou elaborar, pelos serviços competentes, um plano destinado a servir de base para os trabalhos de conservação necessários.

A Câmara, naquela reunião, aprovou, também, o Relatório e Contas e Gerência do ano de 1978 e duas propostas para a construção de pavimentos e esgotos em diversos locais da cidade, no montante de 18 mil contos. A Câmara também analisou a alienação dos terrenos municipais em direitos de superfície, remetendo para a próxima semana a deliberação necessária.

Guarde este anúncio

LAVAGEM DE ALCATIFA

Limpeza, desinfecção, tratamento e conservação de alcatifas



ORÇAMENTOS GRÁTIS

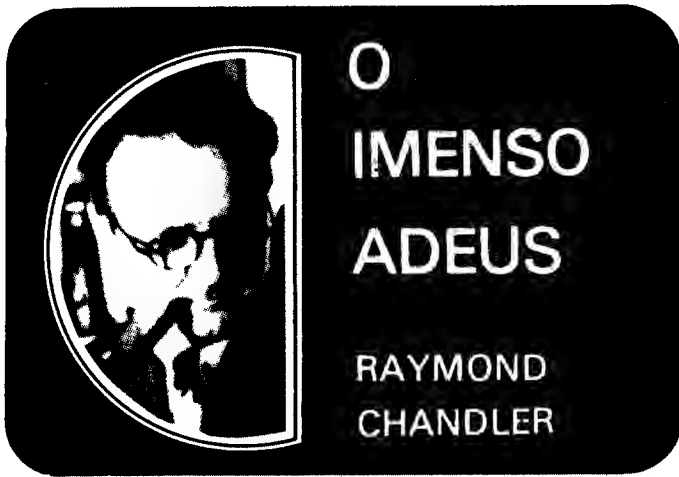
Telefone já para **700836**

tecnillipe
Comp. Técnica de Limpezas.
Higiene, Tratamento e Conservação, Lda.






Ver bem é importante... e de noite os faróis do seu carro são os seus olhos!



© — Livros do Brasil/College Trustees

—Estes tipos não os sabem fazer—disse-me.—Chamam *gimlet* a uma mistura de sumos de limão e lima com *gin*, um pouco de açúcar e *bitter*. Um *gimlet* dos autênticos consta de partes iguais de *gin* e sumo de lima, e mais nada. Bate completamente um *martini*.

—Nunca fui muito esquisito em matéria de bebidas. Que tal se deu você com o Randy Starr? Lá nos meus sítios ele tem fama de tipo perigoso.

Ele encostou-se e ficou pensativo.

—Provavelmente é-o. São todos perigosos. Mas nele não salta à vista. Podia dar-lhe o nome de alguns tipos, aqui em Hollywood, que estão no mesmo género de negócios e que não conseguem esconder que o estão. Mas no Randy não se dá por isso. Em Las Vegas ele é um negociante dentro da lei. Você deve procurá-lo quando por lá passar. Ele é compincha.

—Não é provável que o procure. Eu não gosto de feras.

—É só uma atitude, Marlowe. Nós vivemos num mundo que é produto de duas guerras e só nos resta aguentarmo-nos nele. O Randy e eu e outro tipo estivemos em tempos metidos num grande sarilho, o qual teve como consequência uma espécie de união entre nós.

—Então porque não lhe pediu auxílio?

Ele bebeu o resto da bebida e fez sinal ao criado.

—Porque não podia recusar-mo.

O criado veio com bebidas novas e eu disse:

—A meu ver isso é só conversa. Se o tipo lhe devia um favor, pense no ponto de vista dele. Certamente que gostaria de uma oportunidade de lhe pagar esse favor.

Abanou a cabeça lentamente.

—Eu sei que você tem razão. E é verdade que lhe pedi um emprego. Mas trabalhei enquanto estive nele. Mas quanto a pedir favores ou esmolas, não.

—Mas você aceita-os de um estranho.

Olhou-me de frente.

16

MÉDIO ORIENTE

Desacordos israelo-egípcios

Surgiu uma primeira crise nas relações israelo-egípcias, mal secou a tinta do tratado de paz assinado pelos dois países. O Governo israelita expressou ontem a sua inquietação e o seu descontentamento a respeito das declarações que são atribuídas ao primeiro-ministro egípcio, Mustapha Khalil, e segundo as quais o Cairo poderá conceder a sua ajuda à Síria se este país tentasse ocupar pela força os montes do Golan ocupados por Israel. Neste caso, efectivamente, tratar-se-ia de uma acção defensiva autorizando a intervenção do Egipto segundo o estipulado nos acordos de defesa interárabes que «têm a primazia sobre os compromissos que decorrem do tratado egípcio-israelita».

O ministro israelita dos Negócios Estrangeiros, Moshe Dayan, enviou ontem ao secretário de Estado Cyrus Vance uma carta de protesto considerando as afirmações de Khalil como sendo «contrárias ao espírito e à letra do tratado de paz

concluído entre os dois países». Este incidente nas relações entre o Cairo e Jerusalém coincide com o adiamento da cerimónia de troca de documentos do tratado de paz inicialmente prevista para hoje em Kachiba, no Sinai.

COMEÇARAM HOJE no Parlamento egípcio, em assembleia plenária, os debates sobre o tratado de paz israelo-egípcio.

AS CONVERSAS MILITARES egípcio-americanas sobre as necessidades militares do Egipto começaram, ontem, nesta capital, indicam no Cairo.

FORÇAS ISRAELITAS de ocupação impuseram hoje recolher obrigatório em duas áreas da margem ocidental do Jordão, depois de dois autocarros terem sido apedrejados e linhas telefónicas cortadas por habitantes árabes e refugiados palestinos, anunciaram fontes militares.

AFRICA

JULGAMENTO EM BISSAU

Réus negam envolvimento de elementos portugueses

Começou ontem em Bissau o julgamento dos implicados na tentativa de 18 de Novembro do ano passado, que visava, como fim último, a ruptura do projecto de unidade Guiné-Cabo Verde.

Segundo o libelo acusatório, cuja leitura levou quase duas horas, estava para tal planeada a

deposição do presidente Luís Cabral e o afastamento de todos os cabo-verdianos das fileiras do PAIGC, que seria por sua vez «reconstituído».

Uma vez estabelecida a «nova ordem», Rafael Barbosa, que juntamente com Malam Sanha

está a ser julgado como um dos principais «cabecilhas» daquilo a que a acusação também chama «tentativa de golpe de Estado», ocuparia na hierarquia do poder o cargo de presidente da República.

Por outro lado, e ainda segundo a acusação, enquanto Barbosa seria partidário do emprego de meios não violentos para depor o presidente e afastar os dirigentes cabo-verdianos, Sanha defenderia uma tese contrária.

Nas suas contestações, feitas no final da audiência, os implicados rejeitaram sobretudo a acusação de que elementos e organizações anti-PAIGC no exterior, nomeadamente em Portugal e no Senegal, estariam envolvidos na intenção.

O Tribunal é presidido por um membro do Estado-Maior das Forças Armadas guineenses, o comandante Abdulai Bari, e o julgamento está a decorrer à porta aberta para cidadãos da Guiné-Bissau.

Correspondentes estrangeiros foram no entanto autorizados a assistir à audiência de hoje, do mesmo modo que lhes será permitida a entrada na sala das sessões, instalada na base aérea, no dia da leitura das sentenças.

Além de Barbosa e Sanha, os restantes réus do «Processo dos Contra-Revolucionários», como é conhecido em Bissau, são Marcelino Pedro Delgado, João da Silva Cardoso, Claudino Pedro Santos, Arafam Sanha, Salvação António Bento, Domingos Nancassa, José Robins Azevedo Magalhães, Gregório Nazolimi, Ansumane Mane e Bubacar Bari.

JORNALISTAS FUZILADOS

A Polícia ugandesa abateu a tiro na passada sexta-feira quatro ocidentais, dois suecos e dois oeste-alemães, acusando-os de serem mercenários. Segundo tudo indica trata-se de quatro jornalistas, que no dia anterior tinham alugado um barco na cidade tanzaniana de Kisumu, com o objectivo de entrarem no Uganda, a fim de darem notícias sobre a guerra. Segundo parece os dois oeste-alemães eram redactores da «Stern» e chamavam-se Hans Bollinger e Wolfgang Stiens. Quanto aos suecos, eram Arne Lemberg do jornal «Expressen» e Carl Bergman, do «Svenska Dagbladet».

Amin resiste em Campala sob fogo dos adversários

Forças tanzanianas e de exilados ugandeses bombardearam Campala, às primeiras horas de hoje, no que parecia ser o prelúdio do assalto final à capital, anunciaram habitantes.

Disseram pelo telefone à Reuters que uma barragem de fogo de artilharia e de morteiros começara ao romper do dia e abalara a cidade durante hora e meia.

Foi o mais violento ataque de artilharia e de morteiros contra a capital do presidente Idi Amin, desde que os invasores ocuparam posições em redor da cidade, após tomarem o Aeroporto de Entebbe, há uma semana.

Os habitantes disseram ignorar se as forças tanzanianas e anti-Amin tinham avançado a coberto do bombardeamento.

Tropas de elite da reserva do presidente Amin estão entinchadas em plantações de bananas e de café logo ao sul de Campala, após se reagruparem e prepararem para enfrentar as forças invasoras.

Rádio Uganda, controlada ainda pelo Governo de Amin, começou hoje à tarde a sua emissão. Quando apareceu no ar não fez qualquer referência ao bombardeamento. Seguidamente, deixou de transmitir.

Entretanto, exilados ugandeses asseveraram ontem à noite que os invasores esperavam ocupar Campala muito em breve, embora acrescentassem que Amin lançara na batalha nas margens do lago Vitória unidades de elite do Exército ugandês. Os invasores deparavam com forte resistência ao avançarem sobre a capital.

As fontes revelaram que mais de 3000 soldados defendendo Campala incluíam nubianos do Regimento Bombo, muito leal ao marechal Amin e que vieram da sua região natal, a Nordeste do país.

Amin conta também com o regimento mecanizado Malire, cujos tanques o levaram ao poder em 1971.

GADHAFFI DESMENTE

O coronel Gadhafi afirmou que a Líbia «não participava no conflito ugando-tanzaniano».

Eleições brancas na Rodésia

Os eleitores brancos da Rodésia votam hoje em quatro circunscrições para eleger os seus representantes ao primeiro Parlamento do país eleito por sufrágio universal.

Os brancos deverão dispor de 28 lugares. Estão previstas mais oito eleições do mesmo tipo em fins do mês de Maio.

Os 72 lugares reservados aos negros serão atribuídos no escrutínio que deverá decorrer entre 17 e 21 deste mês.

Mineiros amotinados na África do Sul

Mineiros negros em greve manifestaram-se ontem na mais nova mina de ouro da Anglo-American Corporation (Fochville - África do Sul) que ficou gravemente danificada pelos motins da noite anterior.

A polícia foi chamada ontem à noite a ajudar agentes de segurança da companhia a restabelecerem a ordem na mina de ouro de Elandsrand, 100 km a oeste de Joanesburgo, perto de Fochville.

Deve ser inaugurada oficialmente hoje pelo presidente de Anglo-American, Harry Oppenheimer e pelo dr. Hermann Abs, presidente honorário do Deutsch Bank, da RFA.

Agentes de segurança e polícias lutaram durante mais de 2 horas para pôr termo aos motins e fogo-posto que começaram no lar dos solteiros.

Um porta-voz da mina declarou que os distúrbios foram iniciados por cerca de 700 trabalhadores migrantes do Lesoto.

Uma área comercial, sala de jantar, centro médico e vários edifícios foram danificados, mas não há notícias de vítimas.

Funcionários da mina declararam que a polícia continua de prevenção. Dois homens foram presos acusados de violência pública.

● O PARTIDO CONSERVADOR BRITÂNICO, que tem muitas hipóteses de vencer as próximas eleições legislativas antecipadas de 3 de Maio, deu ontem a entender que poderá apoiar o governo saído das «eleições» rodesianas de Abril. Recorde-se que estas «eleições» são contestadas pela comunidade internacional, mas os conservadores britânicos apoiam-nas para «conter» o comunismo em África.

"ALPES-CONSTRUÇÕES ELECTRO-MECANICAS, LIMITADA"

SEDE: Provisória na Avenida Ressano Garcia, n.º 41-4.º Dt.º, na freguesia de São Sebastião da Pedreira — Lisboa

Certifico narrativamente para efeitos de publicação no dia 15 de Março de 1979, de folhas 39v.º a folhas 41 do livro de notas para escrituras diversas número A-636 do 1.º Cartório da Secretaria Notarial de Sintra, a cargo do notário Lic. José Maria Martins Soares, foi constituída entre Emilio Sotiry; Carlos Alberto Martins Proença; José Crisóstomo Lucas, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, a qual se regerá pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a denominação «Alpes — Construções Electromecánicas, Limitada» e tem a sua sede provisória na Avenida Ressano Garcia, número quarenta e um, quarto andar, direito, na freguesia de São Sebastião da Pedreira, em Lisboa, podendo, mediante deliberação da assembleia geral transferi-la para qualquer outro lugar, provisória ou definitivamente, bem como criar filiais, agências, sucursais ou outra forma de representação;

Segundo — A sociedade durará por tempo indeterminado, a partir de hoje;

Terceiro — É seu objecto a indústria de fabricações metalomecánicas em geral, nomeadamente ventiladores, torres de arrefecimento de água, unidades de estação central, unidades de ar condicionado e monoblocos metálicos, podendo a assembleia geral ampliá-lo a outras actividades que não sejam proibidas por lei;

Quarto — O capital social é de setecentos e cinquenta mil escudos, encontrando-se integralmente reali-

zado em dinheiro e corresponde à soma de três quotas iguais, de duzentos e cinquenta mil escudos cada, pertencentes uma a cada sócio;

Quinto — Não serão exigíveis prestações suplementares, podendo, porém, qualquer sócio fazer suprimimentos à sociedade nos termos e condições que forem deliberados em assembleia geral;

Sexto — É livre a cessão de quotas entre sócios; na cessão a estranhos a sociedade em primeiro lugar e os outros sócios em segundo, têm direito de preferência; se mais do que um sócio quiser preferir, proceder-se-á a sorteio, salvo se os interessados acordarem em dividir a quota entre si;

Sétimo — Todos os sócios ficam, sem necessidade de caução, nomeados gerentes, com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral;

Parágrafo Primeiro — Por deliberação unânime da assembleia geral, poderão ser nomeados gerentes pessoas estranhas à sociedade;

Parágrafo Segundo — A sociedade poderá constituir procuradores, com os poderes que forem deliberados em assembleia geral e sistema de competente instrumento notarial;

Parágrafo Terceiro — Qualquer dos gerentes sócios poderá, com o acordo unânime da assembleia geral, delegar em outro gerente, seja ele sócio ou não, no todo ou em parte, transitória ou permanentemente, os seus poderes de gerência;

Parágrafo Quarto — A sociedade fica obrigada com a assinatura de dois gerentes ou de um gerente com um procurador, quando este tenha poderes para tanto; bastará, porém, a assinatura de um único gerente, se este tiver recebido delegação de outro nos termos do parágrafo ante-

cedente;

Oitavo — A sociedade não poderá, em caso algum, obrigar-se em letras, fianças, abonações, avales, ou quaisquer outros actos ou contratos que sejam estranhos aos negócios sociais;

Nono — É vedado aos sócios exercer ou fomentar, directa ou indirectamente, comércio ou indústria que a sociedade também explore; se algum o fizer, responderá por perdas e danos, sem prejuízo do que a este respeito preceitua o artigo seguinte;

Décimo — A sociedade poderá amortizar qualquer das quotas com o acordo do sócio que dela seja titular; além disso, a assembleia geral poderá deliberar, por maioria simples, amortizar a quota do sócio que infringir o disposto no artigo antecedente, a de qualquer sócio falecido, interdicto ou declarado em estado de falência ou insolvência e, ainda, qualquer quota, que seja objecto de penhora ou arresto judiciais;

Décimo Primeiro — É permitida a divisão de quotas, respeitado o condicionalismo da lei;

Décimo Segundo — As assembleias gerais, quando a lei não exigir outras formalidades, serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios com, pelo menos, dez dias de antecedência.

Na parte omitida desta escritura nada há que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

É certidão de narrativa que fiz extrair e vai conforme ao original.

Sintra e Secretaria Notarial, aos vinte e três de Março de mil novecentos e setenta e nove.

O Ajudante,
(Assinatura ilegível)

VALIDO ATÉ 30 DE ABRIL DE 1979

5040 R \$ 1.71

BANCO DA PRIMAVERA

Emita-se por este cheque no Portador

a soma de DOIS MIL ESCUDOS na aquisição de um(a) Frigorífico, congelador,
máquina de lavar roupa ou loiça e mobiliário

5040 = 2.000.000

RADIO PRIMAVERA, ELECTRODOMESTICOS, LDA.
Rua Gomes Freixo, 8-B - LISBOA - Telef. 374042-349406

Desencontros na cidade



O confronto entre a publicidade afixada nos muros da cidade e a vida real, oferece permanentemente imagens como esta, simbolicamente violentas. O leitor passa por elas dia-a-dia e os seus afazeres impedem-no de reparar seriamente nas situações assim criadas. Mas o nosso colaborador Bruno Neves, do Porto, não perde pitada.

"Rainha de Beleza" da África do Sul com presidente da CML

A «Rainha de Beleza» das comunidades portuguesas na África do Sul (Ana Carla Lobo), nascida em Moçambique e filha de pais portugueses, deslocou-se, ontem à tarde, à Câmara

Municipal de Lisboa, a fim de apresentar cumprimentos ao presidente, Aquilino Ribeiro Machado, no âmbito da visita que está a efectuar a Portugal. Entretanto, o presidente da

CML deslocou-se a Aix-la-Chapelle, entre 3 e 4 do corrente, onde participou numa reunião da Conferência dos Poderes Regionais e Locais no quadro do Conselho da Europa.

Ópera: à espera da primavera

Crítica de Música

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

Estando a começar a temporada de ópera da Primavera, recordo os dois últimos espectáculos, «de Inverno» aos quais, por vicissitudes várias, ainda não fiz referência. Reuniram eles, divididos por duas jornadas, quatro óperas de pequenas dimensões da tradição italiana do fim do século XIX e princípio do século XX: *Supor Angelica* e *Gianni Schichi*, de Puccini, *Cavalleria Rusticana* de Mascagni, *I Pagliacci* de Leoncavallo.

Baseadas que foram todas estas produções em «restos» de edições antigas, tivemos de novo em S. Carlos (e no Coliseu) a atmosfera da rotina mais tradicionalista que investe o cantor e as suas potencialidades vocais nos atractivos dominantes do espectáculo. Já não é a primeira vez que se denuncia aqui o equívoco, que constitui uma grosseira degradação do conteúdo da ópera, como manifestação artística onde são indissociáveis o teatro e a música.

Como não podia deixar de ser, a incoerência de base da concepção geral reflectiu-se na incoerência da composição das figuras por parte dos diferentes artistas. Gilda Cruz-Romo mostrou as suas qualidades de cantora, sem dúvida firmadas, mas perdeu completamente o pé, no plano da construção dramática da personagem de Soror Angelica. Deixada ao acaso da sua «inspiração» senão da sua «improvisação» cénicas (assim pareceu, pelo menos), fez a traço grosso, sem rigor psicológico, destilando demagogia, um papel que só ganha substância se desenhado com contenção. A mãe, segundo Gilda Cruz-Romo, sofrendo com a morte do filho de um amor tido por ilegítimo no meio aristocrático de que era originária (filho que nunca mais veria depois da entrada no convento) não deixava perpassar nada do que em tal personagem entusiasmou Puccini: o amor

à vida, o amor ao amor, a assunção da sua condição de mulher, em contradição com a hipócrita moral estabelecida, simbolizada, afinal, no convento e na pseudotranquilidade espiritual de quem o habita. Gilda só soube chorar abundante gundo Gilda Cruz-Romo, sofrendo com a morte do filho de um amor tido por ilegítimo no meio aristocrático de que era originária (filho que nunca mais veria depois da entrada no coito Todisco fez o Canio de *Os Palhaços* e o Turiddu da *Cavalleria*. Em ambos as qualidades intrínsecas da voz e da escola de canto estiveram acima da subtilidade dramática das inflexões e da composição cénica. Dir-se-ia o mesmo de Benito di Bella, respectivamente em Tonio e Alfio, ainda que este me parecesse de uma maneira geral menos dotado.

Continuando nas duas óperas, deixemos a Nedda de *Os Palhaços* (Antonelle Pianezzolla), cuja contribuição se integrou bem no nível global da interpretação e centremo-nos em Fiorenza Cossotto, que representou o seu próprio papel na figura de Santuzza, da *Cavalleria*. Numa encenação em que tudo ou quase tudo era deixado à imaginação e ao gosto pessoal dos actores-cantores, Fiorenza Cossotto deixou-se levar na onda de um patetismo exagerado, de um verismo entendido numa acepção demasiado simplista: um verismo dir-se-ia ao sabor da ocasião, não meditado hoje, à face das novas teorias e da experiência teatral de quase um século que decorreu sobre o seu aparecimento na tradição italiana. Não se pôe em causa a grande categoria de Cossotto, nem a justa admiração e popularidade que ela conquistou junto do público de Lisboa, mas uma vez patente na apoteose com que o Coliseu a recebeu. Por vezes, porém, esse estímulo do público, sentido intensamente por um artista, em sucessivos contactos (Fiorenza tem vindo frequentemente a Portugal nos últimos anos...), pode ser uma tentação para o fácil, se o contexto da representação (neste caso, a falta de um rigor mínimo no trabalho de conjunto) não actuar como factor de correcção. Fiorenza foi sobretudo ela e não Santuzza.

Onde houve um esboço de coerência na integração das diferentes componentes musicais-cénicas, foi na ópera Gianni Schichi de Puccini. Também, por isso, as personagens ganharam outra dimensão e os actores-cantores puseram à prova de forma mais concludente a sua arte vocal-cénica. Sesto Bruscantini, Manuela Castani, Ivo Vinco, Elsa Saque, Carlos Fonseca, estes sobretudo, garantiram a elevada qualidade de representação. Mas não deixaram de ser acompanhados pelos outros nu-

meros intervenientes: Vasco Gil, que defendeu o seu papel de Rinuccio, Armando Guerreiro, Carmen Stara, Fernanda Nunes, João Veloso e Manuel Leitão, os dois últimos compondo com desenvoltura aos personagens do médico e do notário (respectivamente).

Entre as participações portuguesas que merecem referência, nestas diferentes óperas, há ainda a registar as de Isabel Malaguerra (mais em evidência na Lola da *Cavalleria* do que numa das «irmãs» da *Soror Angelica*), e de Fernando Serafim, que fez muito bem o Beppe de *Os Palhaços*.

Convém notar, a este respeito, uma vez mais, que este tipo de produções não favorece uma verdadeira integração dos nossos valores artísticos na problemática do teatro musical. A «vedeta» estrangeira tende a apagar o trabalho sempre esforçado, muitas vezes de elevada qualidade, dos artistas portugueses. Importa abrir caminho para uma produção criativa, em que todo o espectáculo se construa de base com larga participação cantores, músicos, compositores, dramaturgos, homens de teatro nacionais. Já se sabe que Fernando Serafim não pode competir com Alfredo Kraus: mas um trabalho de equipa, feito com rigor e imaginação, na base das nossas potencialidades, pode dar lugar entre nós a uma nova tradição de teatro musical. Então, já não se tratará de comparar se temos ou não quem faça bem um Werther, por exemplo: tão-só verificaremos se os paradigmas nacionais que criamos como propostas de teatro musical exercem uma efectiva função artística, satisfazem uma missão social, abrem perspectivas de maior realização profissional e artística a todos quantos aí intervêm. Temos uma tradição operática portuguesa a redescobrir mais sistematicamente, mas temos sobretudo o mundo ignorado do que podemos criar de raiz como nossa contribuição original (dos portugueses de hoje) para o teatro musical do nosso tempo.

Voltemos, porém, a estas récitas, para assinalar, por fim, a participação do Coro e Orquestra do Teatro de S. Carlos (*Soror Angelica*, *Palhaços*) e do Coro de S. Carlos com a Orquestra da RDP (*Schichi*, *Cavalleria*), sob a direcção de Ângelo Campori, participação com altos e baixos, como os do próprio maestro. Quanto aos encenadores, Paolo Trevisi foi mais regular do que Giuseppe Giuliano, dentro do clima de relativo caos em que ambos trabalharam. Mas Giuliano, apesar de tudo, conseguiu o espectáculo mais equilibrado: o Gianni Schichi.

TRIBUNAL DA COMARCA DE LISBOA 4.ª VARA CÍVEL ANÚNCIO 2.ª Publicação

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilatação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação deste anúncio, na execução de sentença n.º 3638/A 2.ª secção; exequentes — Metalúrgica Duarte Ferreira, S.A.R.L.; executado — Sistecono — Companhia de Construções Mecano-Técnicas, Ld.ª com sede em Rio Seco - Faro.

Lisboa, 30 de Março de 1979

O Juiz de Direito a) Abílio Maria Peres

O Escrivão de Direito a) Henrique Pereira da Cunha

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA ANÚNCIO

Proc.º n.º 4225 3.ª Secção

Nos termos e para os efeitos legais, se anuncia que, pela 3.ª Secção deste Juízo Cível, corre editos com a dilatação fixada em 30 dias, citando a re — Habimoda-Grossistas de Mobilário e Vestuário, Ld.ª, que teve a sua sede na Praceta de Mansabá, Lote 6-A, na Amora Cruz de Pau — Seixal, e actualmente em parte incerta, para, no prazo de 20 dias, que se começará a contar da data da 2.ª e última publicação deste anúncio e depois de decorridos os dias da dilatação fixada, contestar a acção ordinária que lhe move a autora — Jijeti Sociedade de Representações, Ld.ª, com sede na Avenida Infante Santo, n.º 72-A e B, desta cidade, com a conação de que a falta de contestação importa a confissão dos factos articulados pela autora. A autora pede que a fe seja condenada a pagar-lhe a quantia de 253 344\$30 e juros de mora a taxa legal de 5% ao ano, desde 15 de Novembro de 1978 até 15 de Fevereiro de 1979, do montante de Esc.º 316\$800, tudo no total de 256 623\$30 e ainda os juros vencidos.

Lisboa, 30 de Março de 1979 O Juiz de Direito,

(a) José António Aguiar Ferraz e Silva O Escrivão Adjunto

(a) Manuel da Conceição Melo

Em frente, MARCHE!

HOJE, ÀS 21,45 HORAS

UMA NOVA MANEIRA DE RIR!

COM:

PEDRO PINHEIRO ■ CREMILDA GIL ■ JOSÉ BRAZ
LUÍS TESTA ■ FERNANDO JOSÉ

Em frente, MARCHE!

UMA FESTA DE ALEGRIA!

COM:

A PRESENÇA DO POETA MANUEL BRANCO OS BAILARINOS:
MARCELO FILIPE ■ MARIA BERMUDEZ ■ FLORINDA LOUREIRO
MARIA JOÃO E MANUELA, UMA VOZ NOVA A CANTAR

Em frente, MARCHE!

PARTICIPAÇÃO DE UM GRANDE CANTOR POPULAR
MÚSICA PELO CONJUNTO «UNIDADE»

Em frente, MARCHE!

UM FESTIVAL DE BOA MÚSICA, BONS ARTISTAS E BOAS PIADAS!
TEXTO DE PEDRO PINHEIRO E MANUEL GÍRIO
COLABORAÇÃO DE MANUEL BRANCO ■ CANÇÕES DE FERNANDO TORDO
E J. C. ARY DOS SANTOS ■ COREOGRAFIA DE MARCELO FILIPE ■ CENÁRIOS
DE F. FERREIRA D'ALMEIDA

Em frente, MARCHE!

UM PASSO EM FRENTE NO ESPECTÁCULO POPULAR!
13 ANOS — QUANDO ACOMPANHADOS PODEM ASSISTIR MENORES DE 13 ANOS

ACADEMIA DE SANTO AMARO

TELEF. 63 66 37

DE 8 A 18 DE ABRIL DE 1979

TODOS OS DIAS ÀS 21 e 45 — DIAS 14 e 15 TAMBÉM ÀS 16 e 30

ESPECTÁCULO INTEGRADO NA CAMPANHA DOS 10 MIL CONTOS PARA A ESCOLA DE FORMAÇÃO SINDICAL (USL)

UNIÃO DOS SINDICATOS DE LISBOA

Festival de Woodstock volta dez anos depois

O Festival de Woodstock, o mais célebre de toda a história da música «pop» e «rock», vai realizar-se de novo no próximo mês de Agosto.

Segundo a revista «Rock e Folk», Joan Baez, The Who, Crosby, Stills, Nash e Young, The Band e os Credence Clearwater Revival, são alguns dos artistas já contratados para actuar em Woodstock.

Destaque-se, neste programa, o reaparecimento do grupo «The Band» (... a «Valsa», afinal, não era a última...) e o reencontro de David Crosby, Stephen Stills, Graham Nash e Neil Young.

Os «Who», que já tinham participado no primeiro festival, apresentarão nesta segunda edição de Woodstock, o baterista que substituiu Keith Moon, falecido em Outubro do ano passado.

Woodstock, recorde-se, era, até há dez anos, uma pequena e anónima localidade do estado de New York.

Situada numa planície, perto de um lago, Woodstock entraria na história, em Agosto de 1969, como o símbolo de uma época e de uma geração.

Os próprios «hippies» passa-

ram, desde então a ser designados também por «Woodstock People» ou cidadãos da «Woodstock Nation».

Além do numeroso público que mobilizou (mais de trezentos mil jovens, provenientes dos mais diversos pontos dos Estados Unidos e do Canadá), o festival reuniu, durante três dias, algumas das maiores figuras de toda a história da «pop music».

Ciclo Pasolini no Cine-Camões

No Cine Camões (a sala da Rua do Loreto) está a decorrer um Ciclo Pasolini. Assim, desde ontem até ao próximo dia 12 passarão ali alguns dos melhores trabalhos do que foi um dos mais representativos valores da cinematografia italiana contemporânea. As sessões realizem-se às 19 horas, com o seguinte programa: hoje, «Os Contos de Canterbury»; amanhã, «As Mil e Uma Noites» e no dia 12 «Salo ou os 120 Dias de Sodoma». No dia 13 (sexta-feira) o Cine Camões passará (na sessão das 19 horas) o filme de Federico Fellini «Fellini Satyricon».

Canal da Crítica

Tu já viste a rainha Nofretari?

«Comarca das Artes» quer ser uma rubrica desengravatada, desportivamente intelectual, despenhada. Em resumo: sem peneiras. Literária? Pois sim, quando for caso disso mas para provar que «Literatura não é uma chatice». Bravo!, ou antes, para me integrar bem no clima eufórico, bravo!, Com pena de ter apenas duas mãos para bater de palmas. Só em casos destes uma pessoa avalia bem a dor de não ser centopeia.

Só que a «Comarca» diz isto muitas vezes. Diz isto sempre. E para meu gosto apreciava antes que ela falasse menos e cumprisse mais. O muito badalar é, segundo Freud, uma forma de esconder algo de que precisamente não se quer falar. Para além das suas intenções, a verdade é que a «Comarca» ainda elitiza demasiado quer por sua conta, quer por conta dos seus convidados. Poderia demonstrar com a transcrição de um ou outra eufraísa de Teresa Cruz de recorte literário tanto que mais parece para o «Colóquio» da Gulbenkian do que para a «Comarca» da TV.

A crítica de televisão, há muitos anos em exercício, bate-se exactamente pela possibilidade de proceder ao fomento da televisão. Considera mesmo que a televisão só se realizará plenamente quando deixar de ser um instrumento de passividade e levandade para se tornar no ponto de apoio de uma alavanca que ajudasse a mover o mundo, segundo Arquimedes.

Foram três os assuntos ontem levantados pela «Comarca»: o túmulo da rainha Nofretari, a exposição dos quadros que pertenceram a Anastácio Gonçalves e a entrevista a Manuel Alegre.

Merece referência especial o primeiro tema, a que quanto à exposição a reportagem cingiu por aspectos marginais, valorizados é certo com a exposição de Maria Margarida Marques Matias. O texto de Teresa Cruz cometeu falta ao relacionar o conhecimento da pintura naturalista com o interesse dos estudantes. Ao contrário: ela interessa a todos. É preciso que as pessoas fiquem saturadas de determinado processo ou maneira, artístico para ficarem mais receptivos à necessidade da mudança. O problema não tem a ver com o estudo: tem a ver com a cultura.

A entrevista de Manuel Alegre andou, ela também, pelos arredores da poeira, só muito raramente desembarcando nela. Além de que os versos da Nova do Achamento são, como direi, são pouco... audiovisuais. Curioso o contraponto das imagens que, parecendo nada terem a ver com os versos, dava a tradução deles, o seu avesso ou, se quiserem, a sua razão de ser «encoberta» pelas palavras. Guardemos ainda a memória que Manuel Alegre nos transmite

ao falar do 25 de Abril. É preciso que, à tendência para esquecer o que se fabrica dia após dia na televisão portuguesa, haja alguém de vez em quando a dizer não.

A reportagem sobre o túmulo da rainha Nofretari constituiu na verdade um bom contributo para uma chamada de atenção do público infelizmente tão esque-

cido nestas andanças. O Túmulo da Bem Amada egípcia, reconstituído na Gulbenkian devia ser de visita obrigatória. Estamos infelizmente a viver em Portugal um momento angustioso relacionado com o desemprego (fomentado exactamente para criar tensões e servidões) e com os ataques ao clareamento popular que o 25 de Abril despertou no nosso país. Um cada vez maior número de pessoas preocupa-se, naturalmente, mais com o túmulo que lhes querem dar, do que com o túmulo da Rainha Nofretari.

É certo. Mas o fenómeno cultural é muito complexo e a experiência mostra que o enriquecimento da arte e da cultura está intimamente ligado com a consciência da nossa situação no mundo. Quanto mais amamos o que é belo mais desejamos o que é bom.

Daqui a necessidade de não desperdiçar nada que de belo passe ao nosso alcance. Acho

bem que se organizem excursões para ir ver jogar o Benfica e o Porto. Mas por que não organizar também excursões para ir ver o Túmulo da Rainha Nofretari? Os trabalhadores teriam a maior vantagem nessa visita? Claro, mas como, se eles nem sequer têm conhecimento dessa possibilidade?

Aqui fica a recomendação: a exposição fecha no dia 22 deste mês. Seria importante que ninguém faltasse, pois se trata de um acontecimento que talvez não volte a repetir-se. Na Gulbenkian há excelentes monitores para, sábia e pacientemente, orientarem as visitas. A reportagem da «Comarca» sugeria o interesse exclusivo do Túmulo para as crianças estudantes. Nada mais falso. Os adultos, independentemente do seu grau de instrução, devem conhecer o tesouro artístico da Rainha Nofretari.

Para ficarem — é isso — para ficarem mais adultos.



Frederic March e Alex Smith numa cena do filme «As Aventuras de Mark Twain»

I PROGRAMA

- 18.30 Sumário e resumo de notícias nacionais e internacionais.
- 18.35 Há Fitas — a série filmada «Os Cinco» com o episódio intitulado «Os Cinco na Torre do Farol» (2.ª parte).
- 19.05 País, País — a actualidade regional vista e analisada por uma equipa de jornalistas da Informação/1.
- 19.25 Ciência a cada Passo... A cada Passo a Ciência — magazine de divulgação e informação dos aspectos mais curiosos da ciência.
- 20.00 Jornal RTP/1
- 20.35 O Astro — episódio n.º 126 da telenovela brasileira produzida pela Rede Globo de Televisão.
- 21.10 Boletim Meteorológico.
- 21.15 Zoom — em foco problemas da actualidade internacional.
- 21.45 A Comédia e a Vida — «As aventuras de Mark Twain» — grande metragem americana, produzida em 1944 e realizada por I. Rapper. Comédia dramática sobre a vida do famoso escritor e humorista norte-americano. Intérpretes principais: Frederic March e Alex Smith.
- 23.55 24 horas — último serviço noticioso do dia e fecho.

II PROGRAMA

- 20.30 Palavras herdadas — uma dedicatória à vida e à memória de Leon Tolstói.
- 21.00 Paco Ibanez ao vivo.
- 22.00 Informação/2.
- 22.30 Espaço audiovisual 6 «The Maluing - Music Festival». e Fecho.

Rua Tenente
Raul Carras, 1-A
200 Lisboa
T. 0615 5-06920

teatro
do barro
alto

teatro da Cornucopia

E não se pode
exterminá-lo?

cenas de
Karel Valentin

CURTA CARREIRA
3.ª a sáb. às 21.30
Dom. só às 17.30
A bilheteira abre às 18

-A ver e voltar a ver-
(E.C., A Capital)
Subs. Inst. Alemão
SECRETARIA DE ESTADO
DA CULTURA

Diário de Lisboa

vende-se
na TABACARIA

João E. Silva
Praça do Município,
n.º 7 COVILHÃ

EXPOSIÇÃO
RDA

SOCIEDADE NACIONAL
BELAS ARTES
LISBOA

R. Barata Salgueiro — LISBOA

ACTIVIDADES CULTURAIS
PROGRAMADAS PARA HOJE

TERÇA-FEIRA
(10 ABRIL)

17.00 — Sessão de cinema — «O velho novo mundo».

19.00 — «A RDA herdeira das melhores tradições democráticas, revolucionárias e humanistas da História da Alemanha» — mesa-redonda com Alexandre Babo, Alvaro Pina e Eduardo Chitas.

21.00 — Canto Livre com Vitorino e Adriano Correia de Oliveira.

ENTRADA LIVRE
Associação Portugal-RDA

A INADIÁVEL REVISTA!

ADÓQUE
teatro

2.ªs, 3.ªs e 5.ªs
as 21.45

6.ªs e sábados
2 sessões
20.30 e 22.45

TEL. 87 44 76

Com
Emelinda Duarte-Esmeralda Amoedo
Francisco Nicholson
e
Henrique Viana

Domingo Tarde
às 16 horas
Noite às 21.45

1926
NOVAS TENDÊNCIAS

CANTE COM
OS ARTISTAS
O ESTRIBILHO

«Ó ROSA
ENXOTA O
PINTO»

MAGDA CARDOSO
Extraordinária
no bailado «Valentino»

TRAGEDIA
INFANTIL

F. WEDKIN

PALÁCIO
DAS
GALVEIAS
CAMPO PEQUENO

2.ª A SAB. — 21h e 45
SAB. — 18h

FOLGA DOMINGO

SUB. INSTITUTO ALEMÃO.

GULBENKIAN C.M.L.
SECRETARIA DE ESTADO
DA CULTURA

PRODUÇÕES TEATRAIS

GIH

GRUPO TEATRO HOJE
TEATRO DA GRAÇA

Tr. S. Vicente 11 875626

IVONE SILVA

«FELIZ NATAL
AVOZINHA»

DE GILBERT LÉAUTIER
ENCENAÇÃO DE CARLOS FERNANDO

«Um belo
indispensável
espectáculo»
— Carlos Porto
(D. Lisboa)

TODAS AS NOITES ÀS
22.00 H
MATINEES AOS SÁBADOS
ÀS 16.00 H
DOMINGOS SÓ ÀS 16.00 H
FOLGA ÀS 2.ªs-Feiras

INTERDITO A MENORES
DE 13 ANOS

2.º MÊS

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!

DESTAQUES
I PROGRAMA

«As Aventuras de Mark Twain»
(21.45)

II PROGRAMA

Paco Ibanez ao vivo
(21.00)

Amanhã

I PROGRAMA

- 18.30 Sumário; 18.35 Binário; 19.05 País, País; Mulheres, Mulheres; 19.55 Manuel e Beatriz; 20.00 Jornal RTP-1; 20.35 O Astro episódio 128.º; 21.15 Vamos jogar no Totobola; 21.25 Espaço cultural; 22.05 Holocausto; 23.30 Fecho

II PROGRAMA

- 20.30 Ecologia; 21.00 Directissimo - 1.ª parte; 22.00 Informação/2; 22.27 Directissimo - 2.ª parte; 23.30 Fecho

NA ESTAÇÃO DO ROSSIO

AGORA +3 PISOS

Passo pela Estação do Rossio e entra! Lá, você encontra o maior Centro Comercial de Lisboa. O Terminal, e o ponto alto das suas compras na Baixa. No TERMINAL você compra em pouco tempo, tudo o que precisa. A dois passos do Metro. Um total de 5 pisos com escadas rolantes. Com cinema e restaurantes. Baby-sitting. Passe pela Estação do Rossio e entra. Venha ao TERMINAL. Aberto todos os dias, mesmo aos domingos e feriados.

No caminho das suas compras

Terminal
Centro Comercial do Rossio

HÓQUEI PATINADO

F.C. Porto perde em Espinho

Disputou-se ontem mais uma jornada, a 13.ª, do Campeonato Nacional da I Divisão em Hóquei em Patins. Dos resultados gerais ressalta a inesperada derrota do FC do Porto em Espinho, perante a Académica, desta cidade.

Foram adiados dois jogos: Sporting-Salesiana, e Cascais-Campo de Ourique, que deverão disputar-se quarta-feira. Nos demais jogos registaram-se os seguintes resultados: Zona Norte: Carvalhos, 5 - Fânzeres, 1; Infante de Sagres, 5 - Riba d'Ave, 2; Oliveirense, 9 - Académica de Coimbra, 3; Invicta, 2 - Valongo, 5; na Zona Sul: Seimbra, 4 - Oeiras, 3; Cuf, 8 - Paredes, 3; Benfica, 9 - Belesnenses, 5.

EM PORTUGAL O MUNDIAL DE 80

Poderá realizar-se em Portugal o Mundial de Hóquei em Patins de 1980. É isto pelo menos o que se depreende duma resolução da Federação Internacional da modalidade tomada ontem em Frankfurt, e segundo a qual a cidade de La Concepcion, no Chile, não reúne as condições consideradas suficientes para alojar as comitativas dos 22 países participantes.

A Federação deu ao país organizador (o Chile) um prazo para assegurar as condições indispensáveis em questão. Este prazo termina no dia 28 deste mês, e parece que os dados actuais não são considerados satisfatórios.

TOTOBOLA 50 COM 13

Foram apuradas 50 apostas com treze resultados certos, no último concurso do Totobola. Duas dessas apostas são de Moçambique. A cada aposta cabe um prémio de 291 234\$10. Com doze resultados certos, 1313 apostas, 40 das quais de Moçambique. A cada «doze», 11 090\$00.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA ANÚNCIO

PROC. 86/78-CIT

1.ª Publicação

O DOUTOR José Manuel de Paiva Carvalho, Meritíssimo Juiz do 7.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, FAZ saber que pela 2.ª Secção do 7.º Juízo, correu seus termos uns autos de contrato individual de trabalho em que é autora Maria Isabel Barroca da Silva do Carmo Serra, casada, costureira, residente na Rua do Arvoredo-Vivenda Domingas-2.ª andar na Encerra e ré Fabríport — Sociedade de Malhas, Lda que teve a sua última sede conhecida no Lugar de Achada — Mafra, e actualmente em parte incerta, que corre o prazo de oito dias, tendo o da dilacção de trinta dias, contado da data da segunda e última publicação, citando a ré para contestar a acção emergente de contrato individual de trabalho, com processo sumário, no valor de 56 107\$66, movida por aquela autora, sob pena de, não o fazendo, ser condenada no pedido feito pela autora na petição inicial, devendo ainda, no mesmo prazo, contestar, querendo, o requerido benefício de assistência judiciária. O duplicado da petição encontra-se neste 7.º Juízo e 2.ª Secção a disposição da ré.

O Juiz de Direito José Manuel de Paiva Carvalho

O Escrivão de Direito (Illegível)



O atleta do F. C. Porto, José Sena, esteve em evidência este último fim-de-semana, ao fazer os 3000 metros no tempo de 7.58.8. E o quarto melhor tempo feito até hoje por atletas portugueses, na distância. Menos do que Sena, somente Aniceto Simões, Fernando Mamede, e Carlos Lopes

ATLETISMO

"Corrida da Liberdade" dia 25 de Abril

Por iniciativa da Comissão Organizadora das Comemorações do 25 de Abril, Dia da Liberdade, e organização da delegação de Lisboa, da DGD, realiza-se no dia 25 de Abril, com início às 11 horas, a II Corrida da Liberdade.

A corrida está aberta aos residentes no distrito de Lisboa, a

partir dos 10 anos.

Quaisquer informações serão prestadas junto dos clubes, escolas e autarquias locais.

Inscrições com indicação de idade e residência a enviar à delegação da DGD, Av. Infante Santo, 65 - Lisboa.

10 DE JUNHO

Ainda por iniciativa das co-

missões organizadoras dos dias da Liberdade e de Portugal, e organizada pela DGD, efectua-se este ano a corrida da Comunidade Portuguesa, prova aberta a atletas masculinos não federados com mais de 17 anos.

Em Portugal continental e regiões autónomas, efectuar-se-ão asfases concelhia e distrital, tendo lugar esta última no dia 25 de Abril, sendo nela apurados os atletas participantes na final que se disputará em Vila Real no dia 10 de Junho.

Informações nas delegações regionais da DGD.

ATLETISMO: ALCobaça-CALDAS

A equipa da Casa do Povo de Penacova venceu a estafeta Alcobaca-Caldas da Rainha, no domingo. Iniciativa do Inatel, teve a participação de 35 equipas, tendo desistido duas ao longo do percurso. Em segundo e terceiro lugares ficaram a Casa do Povo da Marmeleira e a Coelima-Braga, respectivamente.

O anterior recorde pertencia, desde 20 de Março último à sua compatriota Svetlana Varganova, com 2.31,09 (em Minsk).

TÊNIS: BJORN BORG

O tenista sueco Bjorn Borg venceu o Torneio Internacional de Roterão, ao derrotar na final o norte-americano John McEnroe, por 6-4 e 6-2.

TÊNIS DE MESA: DO INATEL

António Ferreira e Maria Emília Fernandes venceram as provas masculina e feminina dos campeonatos nacionais de ténis de mesa do Inatel disputados o último fim-de-semana em Salvaterra de Magos.

BOXE: TÍTULO MUNDIAL

O panamiano Eusebio Pedroz mantém o título mundial de meios leves, versão Associação Mundial de Boxe: derrotou (KO técnico) o seu compatriota Hector Carrasquilla.

MINIMINIMOS

O japonês Yoko Gushiken venceu, em Tóquio, o panamiano Alfonso Lopez e mantém o título de campeão mundial na categoria de minimínimos.

LEVISSIMOS

O panamiano Jorge Lujan revalidou o título de campeão do

BASQUETEBOL

Balanço

A actividade basquetebolística do último fim-de-semana foi dispersa por provas de diversos níveis.

Em Lisboa decorreram as provas de iniciados e de juvenis femininos, a nível de selecções, que a Associação de Lisboa venceu, e efectuou-se também o Torneio Utilmóvel em que a selecção nacional, em preparação para o Campeonato da Europa de Seniores, foi a vencedora, em competição com o Benfica, Sporting e Selecção Americana da Base das Lajes, classificadas por esta ordem.

A selecção nacional voltou a manifestar certas insuficiências, como os resultados testemunham, não obstante as vitórias. O pior dos males são as lesões que afectam alguns jogadores, caso mais frisante do ginasta Eustácio, um dos jogadores mais influentes do «cinco» lusitano. Mas tudo se encaminha, felizmente, para a recuperação dos jogadores menos bem fisicamente de modo a poderem apresentar-se em perfeitas condições físicas no Europeu que está à porta.

Das competições federadas prosseguiram apenas as da II e III Divisões, com os apuramentos das Zonas Norte e Sul a decidirem-se, mas ainda sem se conhecer os finalistas. Entretanto o CIF, na I Divisão Nacional do feminino, ao bater por 40 pontos (83-43) o CDUL, está no caminho do título. As cistas têm para o jogo da segunda volta 29

pontos de vantagem perante o Académico, no Porto. É de crer que, embora possam perder, conservem vantagem no cesto-«average» e conquistem o título actualmente de posse do Académico. Entretanto o clube portuense teve o seu jogo de ontem adiado com o Olivais, segundo se sabe, a solicitação da Federação. O certo é que a turma de Coimbra (Olivais) se apresentou em campo e agora é a Federação a «descaçar» a bota.

Os cadetes portugueses tiveram um comportamento meritório no Grupo B da fase preliminar do Campeonato Europeu disputado na Alemanha Federal.

Não foram além do que se esperava, mas também não deixaram de confirmar as previsões, que indicavam vitórias para a equipa portuguesa perante o País de Gales e frente à Islândia. Já se sabia da supremacia de alemães e belgas, classificados nos dois primeiros lugares e apurados para a fase seguinte da prova e, portanto, mesmo a expressão pontual das derrotas portuguesas contra estes países eram esperadas. Contra a França a formação lusitana chegou a discutir o êxito, mas claudicou fisicamente no período final.

Os resultados da equipa portuguesa, que se classificou no 4.º lugar, foram os seguintes: País de Gales, 92-35, Bélgica, 46-84, França, 49-58, Alemanha, 41-73 e Islândia, 70-66.

China e Formosa no COI

O Comité Olímpico Internacional decidiu reintegrar a República Popular da China. A decisão foi tomada na reunião do COI em Montevideo, Uruguai, e demorou o tempo de um difícil debate sobre a questão da Formosa. No final, no entanto, apesar da aceitação da RPC, ficou decidido que Taipé não será excluído do Movimento Olímpico Internacional.

Passa portanto a haver, no seio da COI, dois comités olímpicos chineses. A decisão venceu a oposição do delegado de Pequim, à reunião Song Zhong, e alguma relutância de outros representantes do mundo socialista, e não só. A posição da URSS, no entanto, bem como a de outros países, não exclui a hipótese de participação da Formosa na Olimpíada de Moscovo em 1980. A posição soviética era a de aceitar a decisão do COI, qualquer que ela fosse.

Entretanto, o COI decidiu que a questão da possível reintegração da África do Sul só será examinada depois dos Jogos de Moscovo. A África do Sul pediu formalmente a sua reintegração no Comité, mas o pedido foi indeferido, até ver. Foi igualmente recusado um pedido de reintegração da Rodésia no COI. Num caso e noutro, como se sabe, é o «apartheid» que está em questão.

mundo na categoria de levíssimos, vencendo o nicaraguense Cleo Garcia, por KO técnico ao 15.º e último assalto, em Las Vegas, USA.

HALTEROFILIA: RECORDE MUNDIAL

O soviético Yurik Vardanian estabeleceu novo recorde mundial de halterofilia, na categoria de 82,5 quilogramas, ao levantar no arremesso 211,5 quilogramas. Aconteceu no último fim-de-semana durante um torneio disputado em Meisen, na RDA.

EUROPEUS EM COIMBRA

Três recordes europeus de França, categoria de juniores, foram batidos este fim-de-semana em Coimbra, no torneio europeu para juvenis que se realizou naquela cidade. Esta talvez a nota mais saliente dos resultados. Participaram levantadores de França, Espanha, Turquia e Portugal. Da parte portuguesa, apenas uma vitória: de Francisco Coelho, que competiu na categoria dos 82,5 quilogramas e levantou, no total dos dois movimentos, 225 quilogramas.

LUTA LIVRE: TORNEIO PRIMAVERA

Disputa-se no próximo fim-de-semana o I Torneio Internacional da Primavera. Iniciativa e organização da Federação de Lutas Livres, destina-se ao esca-

lão de «esperanças» e deverá contar com a participação de atletas de vários países: RFA, Argélia, Jugoslávia, Marrocos e Portugal.

OLIMPIADAS

A República Popular da China deseja organizar os Jogos Olímpicos de 1988, se for admitida no Movimento Olímpico — afirmou ontem em Montevideo o delegado de Pequim à reunião do COI, Shun Choung.

TOTOBOLA jogue connosco

MERCULES - R. VALMECANO	X	X	2
R. SOCIEDADE - SEVILHA	1	X	X
SARAGOÇA - SANTANDER	1	X	2
ESPAÑOL - VALENCIA	X	X	2
A. MADRID - SALAMANCA	X	X	2
GUÓN - REAL MADRID	1	X	X
CELTA - BARCELONA	1	X	X
HUELVA - LAS PALMAS	1	X	2
BURGOS - A. BILBAU	X	X	2
BOLONHA - LAZIO	X	X	2
INTER - JUVENTUS	X	X	2
ROMA - FIORENTINA	1	X	2
TORINO - MILAN	1	X	2



O Boavista fez no sábado uma partida de grande nível frente ao Sporting de Braga, a quem ganhou por 2-1, depois de ter estado a perder por 0-1 durante muito tempo. Foi — diz quem viu — um «boavistão», com os seus jogadores num alto momento de excelente forma. Aqui, Jorge Gomes vai perder a bola. Mas nem sempre foi assim. Diga-se entretanto que também o Sp. de Braga, empenhadamente pro-europeu, actuou muito bem, e aceitou naturalmente o ascendente final do adversário

FUTEBOL, I DIVISÃO

Pausa e perspectiva

A Páscoa, mais uma eliminação da Taça de Portugal, e a necessidade de a selecção nacional estagiar para o jogo contra a Noruega, em Oslo, dia 10 de Maio, são os três factores responsáveis pela paragem de um mês que o Nacional de Futebol da I Divisão vai sofrer. A prova recomeça no dia 13 do mês que vem. Entretanto, há um jogo em atraso: é o Boavista-Porto. Por acordo entre os dois clubes, é no próximo sábado à tarde, no Bessa. Entretanto, amanhã e dia 25 disputam-se as meias finais das provas europeias de clubes. Seria uma boa oportunidade para os portugueses que gostam de futebol verem um ou dois jogos de alta qualidade, se a RTP transmitisse o serviço da Eurovisão. Mas não transmite, tanto quanto se sabe. E é pena.

Quando o Nacional de Futebol da I Divisão recomeçar, é a 26.ª jornada. É cedo para falar do que esta jornada vai ser, e na altura, ou em vésperas, talvez seja mais próprio falar dela, e das que se seguem. Mas, por outro lado, ainda não passou muito tempo sobre a jornada do último fim-de-semana, e talvez não seja de todo descabido não falar desta jornada, mas do que o campeonato vai ser nas cinco jornadas do fim. Há questões em suspenso, como se sabe: o título, o quarto lugar, os lugares da despromoção. Trata-se de olhar o calendário dos jogos que faltam e antever designadamente aqueles em que entram os concorrentes implicados nas questões em suspenso. Mas não para fazer previsões, evidentemente.

Se o F. C. do Porto e o Benfica são os grandes candidatos ao título, não são muito diferentes as tarefas que os esperam. Pelo menos, são praticamente os mesmos os adversários que um e outro candidatos têm de enfrentar. Contingências do sorteio, esta situação curiosa: o adversário do F. C. do Porto na jornada de hoje é aquele que o Benfica vai enfrentar na próxima jornada. No Porto, vê-se aqui um favor da sorte ao Benfica. Aliás, apenas um entre outros, dirão os adeptos mais fervorosos do clube das Antas, pensando nos árbitros, nas altas instâncias do futebol português, e, naturalmente, também no que por vezes e pelo menos aparentemente de afortunado tem acontecido ao Benfica. Mas por outro lado, também já se vai dizendo, entre outras coisas que reflectem a descentralização da principal referência do mundo da bola em Portugal da Luz para as Antas, que a chamada «estrela de campeão», que tanto iluminou o Benfica, já por mais de uma vez fez o mesmo ao Porto. Divagações a despropósito.

Até ao fim do campeonato, o F. C. do Porto tem três jogos em casa e dois fora. Os jogos nas Antas são contra o Estoril, o Beira-Mar e o Barreirense. Os jogos fora são contra o Famalicão e o Académico de Viseu. Não esquecer entretanto o jogo que falta, contra o Boavista, no Bessa. Aparentemente, todos os jogos são «para ganhar» (mesmo aqueles em que o adversário é um Boavista ou um Famalicão).

O Benfica tem também três jogos em casa, e dois fora. Na Luz, o Benfica joga contra o Vitória de Guimarães, o Famalicão e o Académico de Viseu. Fora, os jogos que o Benfica tem são contra o Estoril e o Beira-Mar. Aparentemente, tudo jogos para fazer dois pontos. Contando que nos jogos que faltam a um e outro disputar, Benfica e F. C. do Porto não vão perder pontos, já se sabe o que acontece: o F. C. do Porto reválida o título que conquistou na época passada, porque, no balanço de dois jogos com o Benfica, empatou (na Luz) e ganhou (nas Antas).

O QUARTO LUGAR E OS ÚLTIMOS

O quarto lugar é uma questão entre o Vitória de Guimarães e o Sporting de Braga. E dizemos «entre», veremos porque.

Nos jogos que lhe faltam, o Vitória de Guimarães vai ao Benfica, ao Belenenses e ao Académico de Coimbra. Em casa, recebe o Braga e o Marítimo.

O Sporting de Braga tem, em casa, o Sporting, o Estoril e o Beira-Mar, fora, o Vitória de Guimarães e o Famalicão.

Nem para o Vitória de Guimarães nem para o Braga qualquer destes jogos é antecipadamente garantido que proporcionará a conquista de dois pontos.

Provavelmente, o embate decisivo para a definição do quarto lugar é o encontro entre os dois, em Guimarães, dia 27 de Maio. Aparentemente, portanto, o Vitória tem mais perspectivas de participar numa prova europeia a época que vem.

Quanto aos últimos, talvez não valha a pena falar dos Académicos, de Coimbra e de Viseu, e do papel activo que eles poderão vir a desempenhar na conquista de posições próprias. Presentemente, os outros dois concorrentes mais ameaçados pela perspectiva de descer são certamente o Beira-Mar e o Barreirense.

Ora, tanto um como outro não têm sequer um jogo que lhes consinta largo optimismo. O Beira-Mar, por exemplo, com 19 pontos actualmente, tem deslocações ao Académico de Viseu,

ao F. C. do Porto e ao Sporting de Braga. Em Aveiro, jogam o Barreirense e o Benfica. Que dizer sobre isto? Quantos pontos vai fazer o Beira-Mar nestes cinco jogos que lhe faltam, alguns deles com adversários tão «desmoralizadores» para uma equipa em situação tão aflitiva? O Barreirense, que tem 20 pontos, recebe o Famalicão, o Académico de Viseu e o Vitória de Setúbal. E vai a casa do Beira-Mar e do F. C. do Porto. É capaz de pontuar mais do que o Beira-Mar, mas talvez isso não lhe sirva de grande coisa.

Marítimo e Famalicão não estão fora de questão quando se trata dos últimos. A o Famalicão tem um calendário pelo menos tão pouco tranquilizador como o do Beira-Mar ou do Barreirense: em casa, o F. C. do Porto e o Sporting de Braga, fora, o Barreirense, o Benfica e o Belenenses. Perspectivas nada animadoras? No entanto, o Famalicão tem, nesta altura, mais um ponto que o Barreirense, e mais dois que o Beira-Mar.

O Marítimo também tem somente mais dois pontos que estes dois, mas nas últimas jornadas tem-se «desembaraçado»

tão felizmente de dificuldades, que não nos atrevemos a pensar que para a próxima época o Funchal não terá futebol de I Divisão. Os jogos em casa, contra o Varzim, o Sporting e o Estoril, fora, contra o Boavista e o Vitória de Guimarães.



Romeu — a próxima época ele trabalhará pelo F. C. Porto, mais do que certo. No domingo, alinhando pela sua actual equipa, o Vit. de Guimaraes, defrontou os seus futuros companheiros e foi, se não o melhor «vitória», pelo menos um dos melhores, com um apego a luta que nada desmereceu das suas excelentes qualidades técnicas. Aqui o vemos a ganhar uma jogada a Simões (caído do terreno), com o arbitro, Rudolfo e Simões a verem

JUNIORES

F.C. do Porto campeão

O FC do Porto conquistou ontem, pela sétima vez consecutiva, o título de campeão nacional de futebol na categoria de juniores.

No seu último jogo, a equipa do FC do Porto venceu a do Sp. de Espinho por 4-1.

Ao intervalo, o FC do Porto já venceu por 3-0.

No outro jogo da última jornada, o Sporting bateu o Alverca por 5-1.

A classificação final ficou assim ordenada: 1.º FC do Porto; 2.º Sporting; 3.º Sp. de Espinho; 4.º Alverca.

MUNDIAL DE 82

Vinte e quatro equipas

—garante João Havelange

O presidente da Federação Internacional de Futebol, o brasileiro João Havelange, considera prática a presença de 24 equipas na fase final do Campeonato do Mundo de 1982, em Espanha.

Havelange adiantou que no caso de esta proposta ser aceite deveriam formar-se quatro grupos de seis equipas.

Os 52 encontros do próximo «Mundial» poderiam efectuar-se em 26 dias. No Campeonato da Argentina jogaram-se 38 desfechos em 25 dias.

Em vez de uma receita bruta de 50 milhões de dólares, como em 1978, o presidente da FIFA conta com uma receita de 100 milhões em 1982.

GUINÉ-BISSAU

BISSAU, 10 — Resultados da 20.ª Jornada do Campeonato

Nacional de Futebol da Guiné-Bissau disputada no último fim-de-semana. Benfica - Ténis, 4 - 1; Canchungo - Farp, 1 - 1; Bula - Bolama, 4 - 1; Udib - Tomali, 0 - 1; Gabu - Farim, 2 - 3; Buba - Sporting, 1 - 2; Balantas - Bafatá, 2 - 2 e Ajuda - Bissora, 2 - 0.

O Benfica ocupa agora, isolado, o primeiro lugar da classificação, com 28 pontos, seguido dos Balantas, 27 e do Sporting, Farim e Farp, todos com 25 pontos cada.

NEESKENS NO COSMOS

O futebolista holandês Johan Neeskens jogará pelo Cosmos de Nova Iorque a partir da próxima temporada, informava ontem o jornal «De Telegraaf» de Amsterdão.

Páscoa feliz!

LOTARIA DA PASCOA

SANTA CASA DA MISERICORDIA DE LISBOA

1979

LOTARIA DA PASCOA

2ª EXTRAORDINÁRIA

12 de ABRIL

quedécimo 2000

5.ª feira

O PROVEDOR: *Rafael Brandão*

O TESOUREIRO: *João Gonçalves*

2.500 contos
na "cautela"

ROTEIRO CULTURAL

Chegámos ao meio da semana sem que sejam alteradas as regras normais da vida cultural portuguesa a que tantas vezes nos temos referido: não há novidades a assinalar. Tudo acontece, como sempre, a partir das sextas-feiras. Como também já temos dito, a vida não decorre em cima de novidades, de inaugurações e de «acontecimentos» e as pessoas que não foram as inaugurações que tiveram lugar no fim-de-semana — o número dos que vão a inaugurações é mínimo — têm, agora, oportunidade de ver o muito que há a ver, em paz e sossego. Começamos por chamar a atenção de todos, mais uma vez, para a importância das exposições de Relógio (Galeria Tempo) e de Botelho (Galeria III), acerca das quais já tecemos várias considerações e que julgamos deverem ser visitadas por todos. Note-se que dizemos por «todos» e não, apenas, pelos amadores de pintura, porque isto de pintura — não temos outro remédio senão recorrer a linguagem dos locutores para dizer «e não só» — não se destina a especialistas. É triste verificar que há milhares de pessoas pretensamente cultas que passam anos sem entrarem numa galeria ou num museu (quem sabe se, muitas delas não botarão sentença sobre

os pintores que nunca viram?), tal como é triste verificar que a grande maioria dos lisboetas se priva da espantosa festa que é viver com a pintura. As exposições de Relógio e de Botelho têm atraído centenas de pessoas à Tempo e à III. Têm, até, atraído mais gente do que era hábito ver nas galerias antigamente, o que mostra que há qualquer coisa em marcha, mas... o leitor já as foi visitar? Quantas, das pessoas que vivem a sua volta e com quem se dá, é que já as foram ver? Os seus filhos já as viram? Os «intelectuais» do seu escritório ou da sua fábrica já lá foram? Os barbudinhos de óculos de lentes grossas e de ar «intelectual» que conhece já lá deram um salto? No fundo, tudo isto se passa num mundo ainda fechado que é preciso alargar.

As exposições de Relógio e de Botelho não são, porém, as únicas que vale a pena ver neste momento. Já nos referimos à Celeste, uma jovem que expõe no Palácio Foz e cujo interesse é evidente a quem se dá ao trabalho de subir a escadaria do palácio. Trata-se, incontestavelmente, de uma pintora de quem se vai ouvir falar nos próximos anos, sem que, para tal, sejam necessários os elogios desta ou daquela facção política ou estética. (Sim, estimados leitores, nisto da pintura a política também interfere e, como toda a gente sabe, entre nós, os «bons» são os do nosso partido...). Outra exposição a que já nos referimos é a do jovem pintor

açoriano José Lúcio, patente ao público na Opinião.

Para ultimar, voltamos a referir a exposição de poesia e fotografia patente no Centro Nacional de Cultura. Trata-se de uma exposição em certa medida inédita que, até por isso, vale bem uma visita. Acresce que o ineditismo não é o seu único inte-

resse. Como já noticiámos, o Centro Nacional de Cultura vai desempenhar um papel mais activo na vida portuguesa e os seus projectos — a que fizemos uma referência, mas a que voltaremos, tem um incontestável interesse. Esta exposição é uma boa ocasião para que se comece a contactar com o Centro.

Alexandre Rabo, Álvaro Pina e Eduardo Chitas participam hoje numa mesa-redonda, que tem lugar às 18 horas, na SNBA, sobre «A RDA, herdeira das melhores tradições democráticas, revolucionárias e humanistas da História da Alemanha».

Ao contrário do que estava anunciado, ainda não é

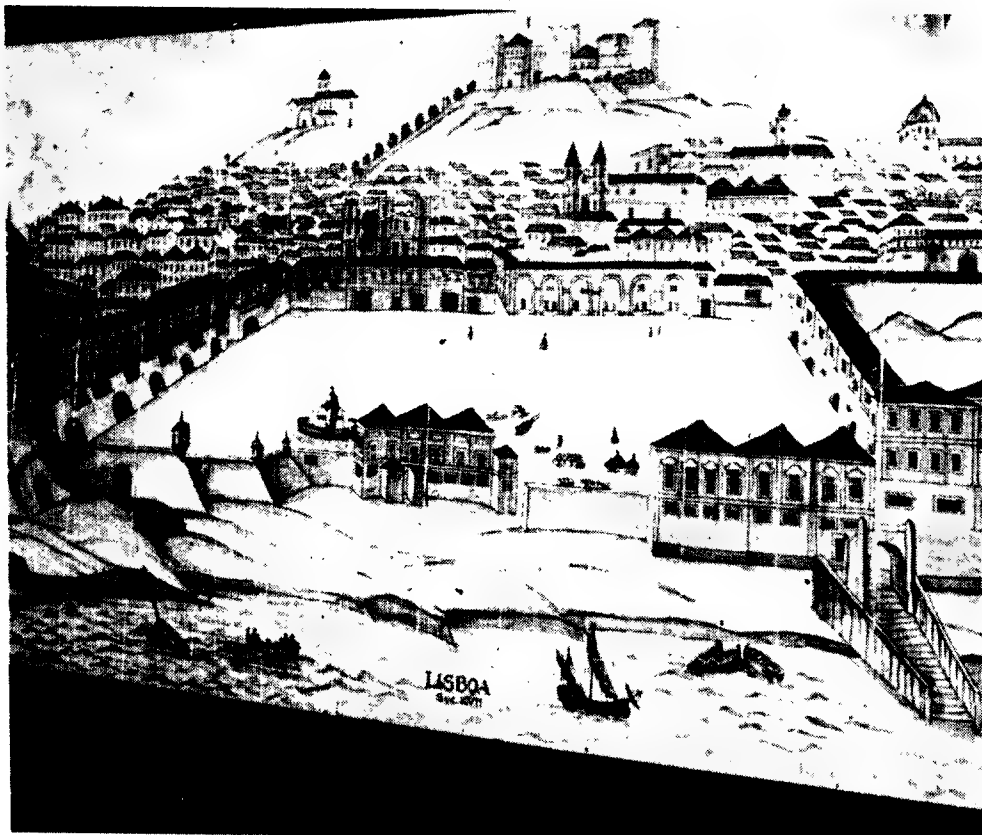
hoje que se estreia a peça «Faz Tudo» na Casa da Comédia. As obras em curso no teatro ainda não estão concluídas e dificilmente se prevê que a peça se possa estreiar antes do dia 20.

«15 Rolos de Moedas de Prata», de Gunther Weisenbor, estará hoje em Vila Viçosa. Como já dissemos, o espectáculo é encenado por Mário Barradas e tem música de Constance Capdeville.

Foi inaugurada, em Paris, uma exposição de pintura de João Dixo. A exposição, que está patente ao público no Centro Cultural Português dessa cidade tem sido visitada por centenas de pessoas.

Tem ido menos gente do que seria de esperar ao Palácio Galveias ver a peça «Tragédia Infantil». Julgamos que isto se deve atribuir ao local, que «não tem corrente», como se diz nos meios teatrais. É de lamentar, porém, que isto aconteça em relação a esta peça de que a crítica realçou a qualidade e que tem incontestável interesse. Porque não experimenta o leitor ir até lá? Julgamos que não se arrependerá.

Está em organização, no Porto — está, mesmo, já na fase da legalização — um novo agrupamento teatral, que tem a forma de uma cooperativa e que se designa «O Realejo». O seu primeiro espectáculo intitula-se «Um serão em nossa companhia» e sobe à cena em Vigo nos dias 20, 21 e 22.



Um painel de azulejos portugueses que faz parte da exposição de cerâmica patente ao público no Casino do Estoril.

Música Aberta

Segunda-Feira

10 de Abril

22 HORAS
ADRIANO
CORREIA
DE
OLIVEIRA
e
AFONSO
DIAS

ZODIACO

R. de Santana à Lapa, 103-B.

Telef. 678285

ZODIACO-BAR
A música, o copo,
o convívio cultural

Um lugar onde a surpresa
é sempre qualidade
Das 18 às 2 da madrugada

Na NAZARÉ o **Diário de Lisboa**
vende-se na TABACARIA BATISTA

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado, o vento era moderado com rajadas fortes em algumas regiões e trovejava ou caíam aguaceiros em vários locais.

TEMPERATURAS DO AR

V. DO CASTELO	10°
BRAGANÇA	5°
VILA REAL	6°
PORTO	10°
F. DOURADAS	0°
COIMBRA	8°
PORTALEGRE	7°
LISBOA	12°
ÉVORA	10°
SINES	14°
BEJA	11°
SAGRES	14°
FARO	15°
P. DELGADA	10°
FUNCHAL	15°

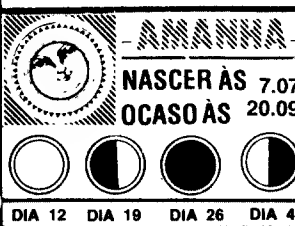
MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

1.56	3,8 m	7.36	1,1 m
14.15	3,8 m	19.48	1,1 m
DIA 11			
2.31	3,9 m	8.07	1,0 m
14.49	3,9 m	20.20	1,0 m
DIA 12			
3.05	3,9 m	8.39	0,9 m
15.22	3,9 m	20.54	0,9 m

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado, vento moderado de Sudoeste por vezes com rajadas fortes, aguaceiros, possibilidade de trovoadas, rotação do vento com diminuição de condições de instabilidade durante o dia de amanhã.



rádio

1.º Programa

17.00: «Trajectória» (Programa da Juventude); 19.00: Música Portuguesa; 19.30: «Jornal da Noite»; 20.00: Retrospectiva; 20.30: «Eternamente Saber»; 20.45: «15 Minutos com...»; 21.00: 10.º Episódio do Folhetim «A Passagem», original de Judite Navarro «Programa da Noite»; 23.00: «Poemas e Poetas»; 24.00: «Último Jornal»; 00.00: «Vida na Noite» (RDP/Centro)

2.º Programa

17.25: Música Sinfónica: — Sinfonia n.º 5, em Fá Maior, de Dvorak; 18.10: Música Religiosa de Schubert — Missa n.º 5, em Lá Maior, D. 678; 19.00: «Terra Viva, Planeta Azul»; 19.30: Música Portuguesa: Três esboços sinfónicos (Joly Braga Santos) e suite rústica n.º 1 (Fernando Lopes Graça); 20.00: Ciclo Haydn: — Sinfonia n.º 85, em si bemol maior «A Rainha» — Quarteto n.º 67, em ré maior, op. 64 n.º 5 «A Cotovia» — Sinfonia n.º 86, em ré maior; 21.15: Solos de Guitarra — Peças de (Tarrega), (Domenico Scarlatti), (Bach), (Leroy), (Fallá) e (Lobell), por Narciso Yepes; 21.45: O «Trio de Arco Italiano», interpreta Trio em si bemol maior, K. 563, de Mozart; 22.30: O Gosto pela Música, pelo dr. João de Freitas Branco; 23.00: «Intercâmbio Musical»: Festival Bach em Marburgo, 1978 — gravações cedidas pela Rádio da Hésia: Concerto de Câmara pelo Trio Bach de Marburgo — Sonata em sol maior, BWV 1027, num arranjo para 3 violoncelos, de W. Thomas — Sonata em ré maior, BWV 1028, numa transcrição para 3 violoncelos, de W. Thomas — Sonata em sol menor, BWV 1029, arranjo para 3 violoncelos de W. Thomas; 23.50: Ópera — 3.º Acto, de «Idomeneu», de Mozart, 01.00: Fecho

Radio Comercial (290 m)

17.03: Contacto, 17.40: «Contacto com a Música»; 18.45: «O Mundo da Fórmula 1»; 19.00: Jornal Notícias; 19.45: «Teatro Trágico» (com: Parodiastes de Lisboa); 20.00: Quando o Telefone Toca, 20.33: Cartaz; 21.00: Novas de Alegria, 21.33: Quando o Telefone Toca; 22.33: O Tema é: 23.00: Projectão, 23.30: Jornal Notícias; 23.50: «Desportivamente»

Emissão Estereofónica

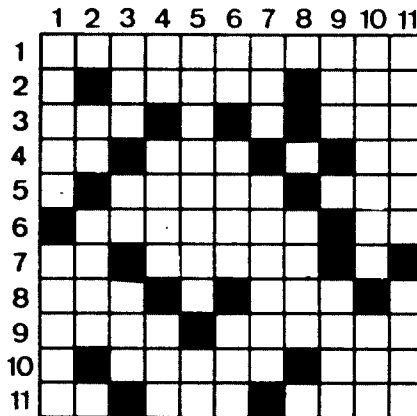
15.03: Rock em Stock, 18.03: Hora de ponta 19.00: Em Órbita, 21.03: Fórum; 22.00: «O Futuro do Dirã»; 23.00: 1.ª A propósito de Carla Bley»

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 309

HORIZONTAIS:

1. Poisariamos no mar o avião.
2. Indivíduo do sexo masculino. Capa sem mangas.
3. Arara. Preposição.
4. Germânio (s.q.). Procedo. Letra grega.
5. Prendera. Cidade da Ucrânia.
6. Dera mairadas. Tempo do verbo ir.
7. Suspro. Encolerizam.
8. Mágoa. Triture.
9. Pegas. Homem casado em relação a esposa.
10. Enxugar. Lista.
11. Ouro (s.q.). Madre. Habita.



VERTICAIS:

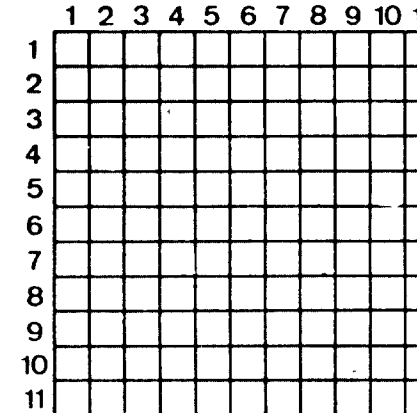
1. Inunda. Arma curta, um pouco maior do que o punhal.
2. Nota musical. Madelais.
3. Azáfama. Em partes iguais. Chefe etíope.
4. Zomba. Tenebrosa. Preposição.
5. Inundaria. Cálculo (s.q.).
6. Rádio (s.q.). Comprar garrotes de um ano para vender daí a dois anos para exportação. Cidade da Índia, na costa de Malabar.
7. Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica. Guarnecer de arames.
8. Paixão.
9. Pedras de moinho. Freguesia do concelho de Barcelos.
10. Realiza. Mágoa.
11. Cidade do México. Planta do pé.

Resolvi completamente este problema?
Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 8369

HORIZONTAIS:

1. Dança popular em Elvas e Campo Maior. Cidade da Argentina.
2. Frutos silvestres. Artérias.
3. Compaixão. Dais urros.
4. Emparelhara. Preposição e artigo.
5. Nome que se dá ao comboio expresso de Paris. Apelido.
6. Post scriptum. Tanto. Ressoa.
7. Macacos americanos. Igual.
8. Nosso Senhor. Ponha longe.
9. Deus dos pastores. Segundo.
10. Sofrer. Gorgulho tropical.
11. Anargo. Abreviatura de Santíssimo.



VERTICAIS:

1. Antiga moeda de Ormuz. Ave pernalta asiática e africana.
2. Temos. Basta.
3. Satélite de Júpiter. Alcool de melado.
4. Induziu. Rádio (s.q.).
5. Apelido da mãe de Luís de Camões. Despidas. Igual.
6. Transprado. Ilha do Pequeno Belt.
7. Duas consoantes desiguais. Prasiódio (s.q.).
8. Conduzir a força.
9. Nome de planeta. Aparelho de cavalgadura (pl.).
10. Rio da Checoslováquia.
11. Destruíremos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º

HORIZONTAIS:

1. Gamão. Acuda.
2. Amama. Tím.
3. Nana. Adiar.
4. Tio. Mac.
5. Ien. Dão.
6. Ramal. Cessa.
7. Um. Are. Oc.
8. Arrumas.
9. BONS. E. MAUS.
10. Avó. Ima. Mas.
11. Rasca. Traia.

VERTICAIS:

1. Gana. Rumber.
2. Ana. Iam. Ova.
3. MANTÉM. Anos.
4. Amaina. Rs.
5. Oaro. Lar. Ia.
6. A. Ruem.
7. Atam. Cem. At.
8. CIDADE. Am.
9. Únicas. Sama.
10. Dia. Oso. Uai.
11. Arrá. Acossa.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º

HORIZONTAIS:

1. Abra. Nazi.
2. Res. Ará.
3. As. Nafio. AR.
4. Natas. Olavo.
5. Após. Alim.
6. Sol. Pós. Avó.
7. Samo. Orá.
8. Somaras.
9. Ai. Iburá. As.
10. Icaro. Ibadá.
11. Regos. Secar.

VERTICAIS:

1. Nana. Nair.
2. Sapos. Ice.
3. Br. Tosas. Ag.
4. Renas. Moiro.
5. Asas. Pombos.
6. Só. Au.
7. Nafio. Sorris.
8. Arola. Rabe.
9. Za. Alais. Ac.
10. Aviva. Ada.
11. Aromo. Isar.

Provérbio: BONS E MAUS, MANTÉM A CIDADE

Teatros

Lisboa

Permanente

PAIS — Rua Abade Faria 22 A, (Alm. D. Afonso Henriques); **SANTO AMARO** — Rua Filinto Elísio 29 A-B, (Alto de Santo Amaro); **BRASILIA** — Av. 5 de Outubro 147 A, (Avenidas Novas); **SIRIUS** — Rua Fialho de Almeida 38 A, (Bairro Azul); **BARRAL** — Rua Augusta 225, (Baixa); **REBOCHO** — Rua Ten. Cor. Ribeiro Reis 12 B, (Calhariz de Benfica); **PINHEIRO** — Rua Campo de Ourique 135, (Campo de Ourique); **ALAMEDA** — Alm. Linhas Torres 102 B, (Lumiar); **FONTOURA DE CARVALHO** — Rua Santos-o-Velho 12, (Santos); **LEITÃO** — Rua Guil. Gomes Fernandes 62, (Odivelas); **CRUZ CORREIA** — Est. Santo Elói 41 A, (Ponteinha).

Reforço

PEREIRA, SUC. — Rua Paraíso 98-100, (Alfama). **BOM SUCESSO** — Rua Bartolomeu Dias 63 A, (Belém); **NOVA** — Rua de Campolide 297 C, (Campolide-Sete Rios); **AVIS** — Av. Roma 56 B-C, (Estados U. América); **MORGADO LOURENÇO** — Lg. D. Estefânia 4-5, (Estefânia); **ANDRADE RIBEIRO** — Av. Infante Santo 66-B, (Infante Santo); **FERNANDES BORGES** — Rua Cidade Benguela Lote 300, (Olivais Sul); **HIGIENICA** — Rua Heliodoro Salgado 20 A, (Penha de França); **MARLUZ** — Cç. da Picheleira 140 BC, (Picheleira); **SÃO MADEIRA** — Rua Escola Politécnica 82 B, (Rato); **CORREIA** — Est. Principal Lote 172, (Branda); **VAZ MARTINS** — Rua António Ferro 6-A, (Barraca); **NOVA** — Rua Acores 11 A, (Oliv. Basto); **MATOS** — Tv. Prioras (Viv. Morgadinho), (Prior Velho).

Outra Banda

ALMADA — Nuno Álvares — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (Tel. 2750504); **COVA DA PIEDADE** — Garcia Reis — R. dr. Alberto Araújo, 19-A; **LARANJEIRO** — Feljó — R. Borges Rego, 7 (Tel. 2490911); **COSTA DA CAPARICA** — Carlos — Av. do Mar, 34-A-Quinta de St.º António; **SESIMBRA** — Lopes — R. Cândido dos Reis, 21 (Tel. 2233028); **BARRAL** — Pimenta — R. Conc.º Joaq. Ant.º Aguiar, 259 (Tel. 2073012); **SEIXAL** — Godinho — L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580); **AMORA** — Matos Lopes — R. 1.º de Maio, lote 401 (Tel. 2216355); **MONTEIRO** — S. Pedro — Av. Camões, 16 (Tel. 2311133); **MOITA** — Silva Rocha — P. da República, 16 (Tel. 239029); **ALHOS VEDROS** — Portugal — Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 204250); **ALCOCHETE** — Nunes — L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137).

Linha de Cascais

ALGÉS — Branco — Av. Comb. G. Guerra, 29 (Tel. 2112081); **ALCABIDE** — Carvalho — Até às 21 horas;

PORTO SALVO — Ferreira Bastos — Até às 21 horas; **CARCAVELOS** — Central — Até às 22 horas; **CARCAVELOS** — Vilar — Até às 24 e das 0 às 9 horas; **S. DOMINGOS DE RANA** — Godinho da Silveira — Av. Saboia, 29-B (Tel. 260085) Até às 21 horas; **PAÇO DE ARCOS** — Pargana — Av. Eng.º Bonneville Franco (Tel. 2435147) Até às 21 horas; **OBRAS** — Oeiras — L. Henrique Paiva Couceiro (Tel. 2430485) Até às 22 horas; **NOVA OBRAS** — Leal — Até às 21 horas; **PARADE** — Macau — R. J. Elias Garcia, 60-C (Tel. 2471785) Até às 24 e das 0 às 9 horas; **PARADE** — Junqueiro-Mendes — Até às 21 horas; **AMOREIRA** — Amoreira — (Tel. 262313/267314) Até às 22 horas; **ESPORIL** — Marques dos Santos — R. Ferreira J. A., 15 (Tel. 260116) Até às 24 e das 0 às 9 horas; **CASCAIS** — Misericórdia — R. Regimento 19,41 (Tel. 280141) Até às 21 horas; **CASCAIS** — R. Conde Monte Real B.º Caixas (Tel. 282407) Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA — Girassol — R. Elias Garcia, 17-C (Tel. 974161) Permanente; **HELÉNICA** — R. Elias Garcia, 2 (Tel. 933613) Até às 22 horas; **DAMAIA** — Confiança — Est. Militar, Lote D (Tel. 9710231); **QUELUZ** — Queluz — Av. Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 9518411); **CAMARATE** — Batalha — R. Avelino S. Oliv.º, 5 (Tel. 2518669); **CACÉM** — Guerra Rico — Entre Cotes, 6 e 7 — Freixo Capitão (Tel. 2944002); **MEM MARTINS** — Miranda Garcia — Est. Mem Martins, 173-B (Tel. 2914103) Permanente; **AGUALVA-CACÉM** — Mira Sintra — P. N. Torre, 310 — Até às 20,30 horas; **MERCÊS** — Cloro Russo — Até às 21 horas; **RIO DE MOURO** — Riomouro — Av. Oscar Mont.º Torres, 8 (Tel. 2960194) Até às 23 horas; **S. PEDRO DE SINTRA** — Valentim — (Tel. 980456) Permanente; **COLARES** — Abreja — (Tel. 299088)

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

MAGALHÃES — Rua de Serralves, 566. Tel. 63561; **CORREIA** — Praça Mouzinho de Albuquerque, 78. Tel. 60869; **CORUJEIRA** — Rua de S. Roque da Lameira, 1473. Tel. 51928; **LAPA** — Rua Antero de Quental, 211 Tel. 48069; **LUSO-FRANCESA** — Rua Sá da Bandeira, 140. Tel. 26134; **CENTRAL** — Rua 31 de Janeiro, 203 Tel. 21684; **GOMES CARNEIRO** — Rua de Cedofeita, 348. Tel. 23420.

(De dia e toda a noite)

FOZ — Rua Senhora da Luz, 380. Foz. Tel. 680127; **COUTO** — Largo de S. Domingos, 106. Tel. 25963; **ALÍRIO DE BARROS** — Rua de Costa Cabral, 240. Tel. 480593; **NOVA DE MONSANTO** — Rua de Monsanto, 148 Tel. 490889.

Coimbra

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

FERRAZ — Rua do Brasil, 70. Tel. 71526; **MACHADO** — Rua Bernardo de Albuquerque. Tel. 23767.

Cineclubes e cinemas

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade
Hoje estreia às 21.30
O CÉU PODE ESPERAR
Colorido — N. ac. men. 13 a.
Hoje às 13.30, 15.30, 17.30 e 19.30
MEAN STREETS
OS CAVALEIROS DO ASFALTO
Hoje e todos os dias
As 23.30 — N. ac. men. 13 a.
2001: ODISSEIA NO ESPAÇO

ALVALADE 897480

Av. de Roma
As 15.15, 18.15 e 21.30 h
VAMOS A ISTO RAPAZES
Com Bud Spencer, Terence Hill
Int. men. 13 anos
2.ª Semana

APOLO 763319

Av. Júlio Diniz, 10-A
As 13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30
MEAN STREETS
OS CAVALEIROS DO ASFALTO
Um filme de Martin Scorsese — Colorido
Não acons. men. 18 anos
2.ª Semana
As 24.00 horas — Não ac. m. 13 anos
2001: ODISSEIA NO ESPAÇO

AVIS 547163

Av. Duque D'Ávila, 45
15.30, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
Nada se pode comparar à magia e «suspense» de
A NOVA AVENTURA DE O LADRÃO DE BAGDAD!
Com Kabir Bedi — Roddy McDowall — Terence Stamp e Peter Ustinov

BERNA 776098

Av. Marques de Tomar
As 13.30, 16.15, 19.00 e 21.30 h
Robert Powell, Anne Bancroft e Ernest Borgnine em
JESUS DE NAZARÉ
Primeira parte
Um filme de Franco Zeffirelli
Para todos — Colorido
2.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande
As 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Walt Disney Productions apresenta
AS AVENTURAS DE PETER PAN
Para todos em Technicolor
Falado em português

CASTIL 580194

Rua Castilho
As 15.30 e 21.30
Colorido
Uma comédia especialmente dedicada aos mais jovens
UM CAROCHA DOS DIABOS
Não acons. men. 13 anos
Hoje não há sessão das 18.30

CINEBOLSO 573407

Rua Actor Taborda, 27-B
As 12.30, 14.30, 16.45, 19, 21.30 h
As imagens jamais vistas dos obcecados do sexo
«DESESPEROS SEXUAIS»
Int. men. 18 anos
As 24.00 — N. ac. men. 13 a.
O PASSAGEIRO DA CHUVA

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15
As 14.15, 16.30 e 21.30 horas
GRAÇAS A DEUS É SEXTA-FEIRA
Robert Klana
Com Donna Summer e os Comodores
Não acons. men. 13 anos
2.ª Semana
As 19.00 — N. ac. men. 18 a.
OS CONTOS DE CANTERBURY

CITY CINE 549999

Rua Tomás Ribeiro, 34
As 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas
Não acons. men. 13 anos
Um milhão de espectadores em Paris já viram
A GRANDE CARRAPATA
Um êxito com Pierre Richard
OS CONTOS DE CANTERBURY
De grande êxito — Pasolini

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2
As 14, 16.30, 19 e 21.30
Int. m/13 anos
OS COMANDOS DA MORTE

DOIS MIL 2100055

Av. Bombeiros Voluntários, Lote 113 - Algés
As 14.00, 16.30 e 19.00 — Para todos
AS AVENTURAS DE PETER PAN
As 21.30 — N. ac. men. 18 a.
OS CAVALEIROS DO ASFALTO

D. JOÃO V 971794

Praça Centro Comercial — Damão
As 21.15
Interdito a men. 13 anos
CUIDADO COM A VOVO

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21
As 13.30, 16.15, 19.00 e 21.30 h
Robert Powell, Anne Bancroft, Ernest Borgnine em
JESUS DE NAZARÉ
Primeira parte
Um filme de Franco Zeffirelli
Para todos — Colorido
2.ª Semana

ESTÚDIO 555134/5

Av. Afonso Henriques, 35
15.30, 18.30 e 21.30
O primeiro filme sobre um problema actual — o «bebé proveta»
Colorido
DE QUEM SOU FILHA?
(Whose child am I?)
Interdito a men. 18 anos

ESTUDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83
As 15.30, 18.30 e 21.30 h
Para todos
JESUS DE NAZARÉ
A grande obra-prima do realizador Franco Zeffirelli

EUROPA 861016

R. Almeida e Sousa, 35
Hoje e Amanhã: 2 sessões: às 15.15 e 21.30 h
(Inter. a menores de 13 anos)
O filme! A música! O espectáculo! A febre!
SATURDAY NIGHT FEVER
(Febre de sábado à noite)
4.ª-feira, às 18.15
«Cinema a Quarta-Feira»
Grupo U (18 anos)
VENHA TOMAR CAFÉ CONNOSCO
Com Ugo Iognazzi e Francesca Romana Colizzi
5.ª-feira, às 18.15
«Eni Quinta-Feira a Tarde»
Grupo U (18 anos)
UM TOQUE DE CLASSE
Com Glenda Jackson e George Segal

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35
15.15, 18.30 e 21.30
O mais espectacular acontecimento da história do cinema
SUPERMAN
3.ª Semana
Um filme de Richard Donner

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A
As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h
Int. men. 13 anos
O melhor retrato de mulher do cinema americano
C/Jill Calyburgh — Alan Bates — Michael Murphy
UMA MULHER SÓ

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha
Atenção ao horário especial para este programa
Hoje e Amanhã 3 sessões: às 15.15, 18.15 e 21.45h
n. acons. m/18 anos
OS COMANDOS DA MORTE
Gregory Peck, Laurence Olivier, James Mason

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrão, 12-A
As 15.15, 18.30 e 21.30 h
CALIFORNIA SMITH
(Um Apartamento na Califórnia)
A mais fabulosa comédia do ano!
com Alan Alda, Michael Caine, Maggie Smith, Jane Fonda
Não acons. men. 13 anos
em 2.ª Semana

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
As 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
Não acons. men. 13 anos
AS HORAS DE MARIA
Um filme de António de Macedo

NOVOCINE 840678

Av. General Rôças, 7
E todos levaram a sua conta
UM POR UM
Com Kam Kong e Yasuaki Kurata
As 15.15 e 21.30 h
Int. men. 18 anos

ODEON 326283/4

R. Condes, 12 e 20
As 15.15, 18.15 e 21.15 Não acons. men. 18 anos
AMANTE MUITO LOUCA
filme brasileiro com os ídolos da TV
Teresa Rachel, Setpan Nercessian e João Soares

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122
As 14, 16.30, 19 e 21.30 horas
Para todos
A TUNICA
Com: Richard Burton, Jean Simmons

POLITEAMA 326305

R. Portas de St.º António
As 14.15, 16.30, 19 e 21.30h n. acons. m/18 anos
Urula Andress em
A MONTANHA DO DEUS CANIBAL
(na esteira do famoso «Último Mundo Canibal»)

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16
SALA-1
As 14.30, 16.45, 19.21.15 e 23.30 p/todos
AS MIL APOTEÓSES DE ZIEGFELD
SALA-2
As 15, 17, 19, 21 e 23 (Interdito m/13 anos)
VIA LACTEA
SALA-3
As 14.30, 16.45, 19, 21.15, 23.30
Não acons. m/18 anos
CAVALEIROS DO ASFALTO
Realiz.: Martin Scorsese
SALA-4
As 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
Não acons. m/13 anos
NOITE DE CHUVA
Realiz.: Lina Wertmüller

RESTELO 610375

Av. Torre de Belém
As 15.30 e 21.30
Não acons. a m. 13 anos
CHAMAVAM-LHE O BULLDOZER
com Bud Spencer, no auge da sua carreira de fabuloso zaragateiro
Um espantoso festival de gargalhadas e accão!

ROMA 887778

Av. de Roma, Lote JRB
As 15.30, 18.30 e 21.30
1.ª semana — N. ac. m/13 anos
Uma divertida aventura com
Anne Girardot e J. P. Marielle
AI SE TE AGARRO!
2.ª Semana

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20
As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
Uma bestial máquina de porrada!
O QUEBRA OSSOS
com Bud Spencer — colorido
N. Acons. men. 13 anos
2.ª Semana

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175
As 15.15, 18.30 e 21.30
Numa história de amor e liberdade!
UMA MULHER IMPLACÁVEL
Filme de Qualidade
«COMES A HORSEMAN»
De Alan Pakula
Não acons. men. 13 anos
2.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61
Em 3.ª semana
4 sessões: 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
Um filme de Lina Wertmüller
O FIM DO MUNDO NA NOSSA CASA
HABITUAL NUMA NOITE DE CHUVA
Projeção do filme 5 minutos após o início das sessões

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
14.30, 16.45, 19 e 21.45
N. ac. m/13 anos
Divertimento em cheio!
A GRANDE CARRAPATA
7.ª semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio
As 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h
O espantoso Louis de Funès no seu melhor filme de sempre!
«O GENDARME E OS EXTRA-TERRESTRES»
com Louis de Funès, Michel Galabru, Maurice Risch
Não acons. men. 13 anos

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Walt Disney Productions apresenta
AS AVENTURAS DE PETER PAN
Para todos em Technicolor
Falado em português

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
14.15, 16.30, 19 e 21.45
Louis de Funès no seu melhor filme!
O GENDARME E OS EXTRA-TERRESTRES
Não acons. men. 13 anos

ZOOACRO 570151

R. Conde de S.º António, 5
SESSÕES: 13, 15, 17, 19 e 21.30 horas
Não acons. a m/13 anos
GRAÇAS A DEUS É SEXTA-FEIRA
Com: Donna Summer Os Comodores
3.ª Semana

Teatros

Lisboa

VARIADADES — «Felizardo e C.º, Modas e Confecções», às 20.30 e 22.45 (13 anos)
PALÁCIO GALVEIAS — «Tragédia Infantil», às 21.15 (13 anos)
A.B.C. — «Direita Volver», 20.30 e 22.45 (18 anos)
MONUMENTAL — «Um Zero à Esquerda», às 21.15 (13 anos)
MARIA VITÓRIA — «E tudo S. Bento Levou», às 20.30 (18 anos)
D. MARIA II — «Os Filhos do Sol», às 21.30 (13 anos)
TEATRO DA GRAÇA — «Feliz Natal Avozinha», 22.00 (13 anos)
ADÔQUE — «1926 Nôvos Fora Nada», às 21.45 (18 anos).

Outros Espectáculos

Lisboa

CAPITÓLIO — «Sexo no Colégio», às 19, 21 e 23 (18 anos)
OLIMPIA — «Introduções», Sessões permanentes (18 anos)
Cinearte — «O Homem de Singapura» 21.30 (18 anos)
ROYAL — «A Fênix de Casta Susana», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA — «A Legião Estrangeira», às 21.15 (13 anos)
PARIS — «O Dragão Ataca», às 21.30 (18 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS — Stadium — «O Processo Dimitrov», 21.30 (18 anos)
PAÇO DE ARCOS — Chaplin — «O

Outros cinemas

Génio do Mal, 21.15 (18 anos)
OBRAS — Oeiras-Cine — «Do Ódio Nasce o Amor», 21.15 (18 anos)
ESTORIL — Casino — «O Comboio dos Duros», às 21.15 (13 anos)
CASCAIS — Impala — «Caravana para a Aventura», 21.30 (18 anos)

Linha de Sintra

AMADORA — Cine Plaza — «A Maldição», 21.30 (18 anos)
AMADORA — Lido — «Superman», 21.15 (13 anos)
MEM MARTINS — Cine Chaby — «O Triângulo de Ouro», 21.15 (18 anos)
SINTRA — Carlos Manuel — «Funeral para um Assassino», 21.15 (13 anos)
AMADORA — Cinestúdio — «O Comboio dos Duros», 21.30 (13 anos)

Outra Banda

ALMADA — Incrível — «O Regresso da 7.ª Companhia», 21.15 (6 anos)
LARANJEIRO — Instrução e Recreio — «100 Maneiras de Amar», 21.15 (13 anos)
SACAVEM — S. José — «Operação Relâmpago», 21.30 (13 anos)
ALHANDRA — Salvador Marques — «Var Goma Chega-lhe», 21.30 (18 anos)
PÓVOA DE ST.º ADRIÃO — S. José — «40 Graus à Sombra do Lençol», 21.30 (18 anos)

Porto

Batalha — Sala Bebé — «O Regresso dos Heróis», 21.00, 23.30 (int. 13 anos)
Carlos Alberto — «Uma Mulher Só», 21.30 (int. 13 anos)
Batalha — «Par ou Ímpar», 21.30, 23.45,

(13 anos).
Águia — «O Quebra Ossos» 21.30 (13 anos)
Charlot — «Amor e Balas» 21.30 (18 anos)
Colheu — «Jesus de Nazaré» 1.ª parte 21.30 (Todos).
Estúdio — «O Segredo do Planeta dos Macacos» 21.45 (13 anos).
FOCO — «Jesus de Nazaré» (2.ª parte) 21.30 (13 anos).
Júlio Diniz — «Fiança de Amor» 21.30 (18 anos).
Lumière — Sala A: «A Grande Carrapata» 21.



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.

- ADMINISTRAÇÃO: RUA CASTILHO, 165-1 - TELÉFONOS 645312/3
- REDACÇÃO: PUBLICIDADE E SERVIÇOS TÉCNICOS: RUA LUIZ SOBRADO, 44 - TELÉFONOS 32154-5, 328279, 377 81-2 - PUBLICIDADE: 388749
- SERVIÇO NOTAS: (OFFICES DAS 21): PRAÇA DO COMÉRCIO, 12 - TELÉFONOS 32154-5, 328279, 377 81-2
- IMPRENTA: RUA TELEFONICA, 100 - TELÉFONOS 32154-5, 328279, 377 81-2
- DISTRIBUIÇÃO: RUA DO ALFAMA, 30-2 - TELÉFONOS 20954-5

Jane Fonda, Jon Voigt e o "Caçador de Veados" ganham os "Óscares"

Jane Fonda e Jon Voigt, a dupla de «O regresso dos heróis», foram os actores premiados ontem a noite com os «óscares» de Hollywood. Após os anos em que Hollywood considerou filmes sobre o Vietname como desastres certos de bilheteira, a guerra e as suas consequências na sociedade americana ganharam assim alguns direitos de cidadania.

Por outro lado «O caçador de veados», também sobre o Vietname, ganhou o «óscar» do filme do ano.

Rodesianos atacam quartel de Nkomo

A Aviação rodesiana atacou esta manhã o quartel-general militar do movimento de guerrilha de Joshua Nkomo, situado a 10 km a oeste de Lusaka, capital da Zâmbia, anunciou um comunicado oficial em Salisbury.

UMA "MÁGICA" DE DEZ MIL CONTOS

A Judiciária à procura de Alladin

A Polícia Judiciária procura activamente Alladin. Trata-se de um cidadão moçambicano de 28 anos que, com Manuel Marques e Maria Elisabete (portugueses), fundou nos fins de 1974 a «Iper-vendas Oeste» com sede na Malveira e armazéns nas Caldas da Rainha.

Segundo a P.J., aqueles três indivíduos começaram por visitar grandes armazenistas do Norte onde efectuaram volumosas aquisições de toda a espécie de mercadorias, as quais eram pagas com letras a 90 dias. Depois de vencidas, as letras eram reformadas por inteiro e mais 90 dias...

O processo permitiu àqueles três adquirir grande quantidade de mercadorias que foram sendo vendidas ao desbarato, no propósito de rapidamente apurarem avultadas importâncias. Entretanto, desapareceram, sem terem pago a nenhum dos fornecedores.

O montante das burlas é superior a dez mil contos.

(Hoje 32 páginas)



Durante aquela madrugada, so os «clochards» que dormem ao relento na margem do Sena terao percebido que algo de estranho estava a ser transportado nos velhos bateloies



Na ultima fase do transporte, depois da «noite parisiense»

EM FRANÇA

"Comboio" nuclear rigorosamente secreto escapa à vigilância dos ecologistas

Os ecologistas não estavam lá: num segredo rigorosamente planeado, as autoridades da Companhia francesa do Gás e Electricidade conseguiram que vários reactores nucleares atravessassem o país sem incidentes. A operação, de que só agora se teve notícia através da divulgação das fotos de um fotógrafo da Sipa Press, decorreu no preciso momento em que ecologistas se manifestavam em Maleville, Flamanville e no Larzac contra a opção nuclear.

No total, foram transportados três geradores e um reactor nuclear, e elementos para torres de refrigeração de vários reactores

situados no vale do Loire, no coração da França.

Só havia 240 quilómetros a percorrer entre Creusot (o ponto de partida) e Dampierre (o mais distante dos reactores). Para iludir a contestação, porém, as autoridades transformaram o «passeio numa viagem de mais de 4 mil quilómetros.

Fabricados em Creusot e nas fábricas Framatome, de Chalons sur Saone, os elementos nucleares desceram o Saone, depois o Ródano até Fosse-sur-Mer. Aí foram embarcados num cargueiro alugado e seguiram a rota marítima que contorna a Península Ibérica em direcção ao Ha-

vre. Só daqui seguiram viagem para Paris, que atravessaram a meio da noite, sendo no dia seguinte alçados sobre camiões especiais, onde atravessaram os campos em direcção ao seu destino.

Para transportar esta carga extraordinária, foi construída uma plataforma com 129 rodas que foi puxada por quatro tractores de 400 cavalos. O conjunto pesava cerca de 330 toneladas e tinha 50 metros de comprimento, 5,80 de largura e 5,80 de altura. No decorrer da viagem, a plataforma foi comboiada por uma «armada» de veículos de segurança e de motocicletas com as

luzes acesas.

Receando problemas criados por manifestantes, o comboio foi, ainda, protegido ao longo do percurso por um exército de «gendarmes» e, durante as paragens noturnas, foi guardado por polícias acompanhados de pastores-alemães.

Ninguém deu pela passagem do comboio senão alguns turistas obrigados a sair da estrada para lhe dar passagem e mesmo esses julgaram estar perante um gigantesco misturador de cimento ou perante uma máquina agrícola de grandes dimensões.

Apenas as populações das localidades situadas ao longo do

percurso se aperceberam do que estava a acontecer e, mesmo esses, de um modo muito vago. Isto era inevitável, dada a quantidade de gente que foi obrigada a proceder a pequenas obras na estrada para garantir a passagem do comboio. Durante meses, trabalhadores das estradas, dos Correios e Telégrafos e das Companhias do Gás e da Electricidade tiveram de trabalhar intensamente reforçando e estabelecendo ligações telefónicas, reforçando certos pontos das estradas e alargando as faixas de rodagem nas aldeias em que as curvas eram excessivamente apertadas para o cumprimento da plataforma. Foram tomadas precauções especiais nas pontes, muitas das quais tiveram de ser reforçadas e construiu-se uma ponte sobre uma auto-estrada que a plataforma rolante tinha de atravessar.

No «grande dia», os habitantes das áreas do percurso percorreram quilómetros para verem passar o monstro que vinha perturbar a vida pacífica dos campos. Para tal, abandonaram os campos, as lojas os escritórios.

Mas poucos se aperceberam do que, exactamente, estava a ser transportado...

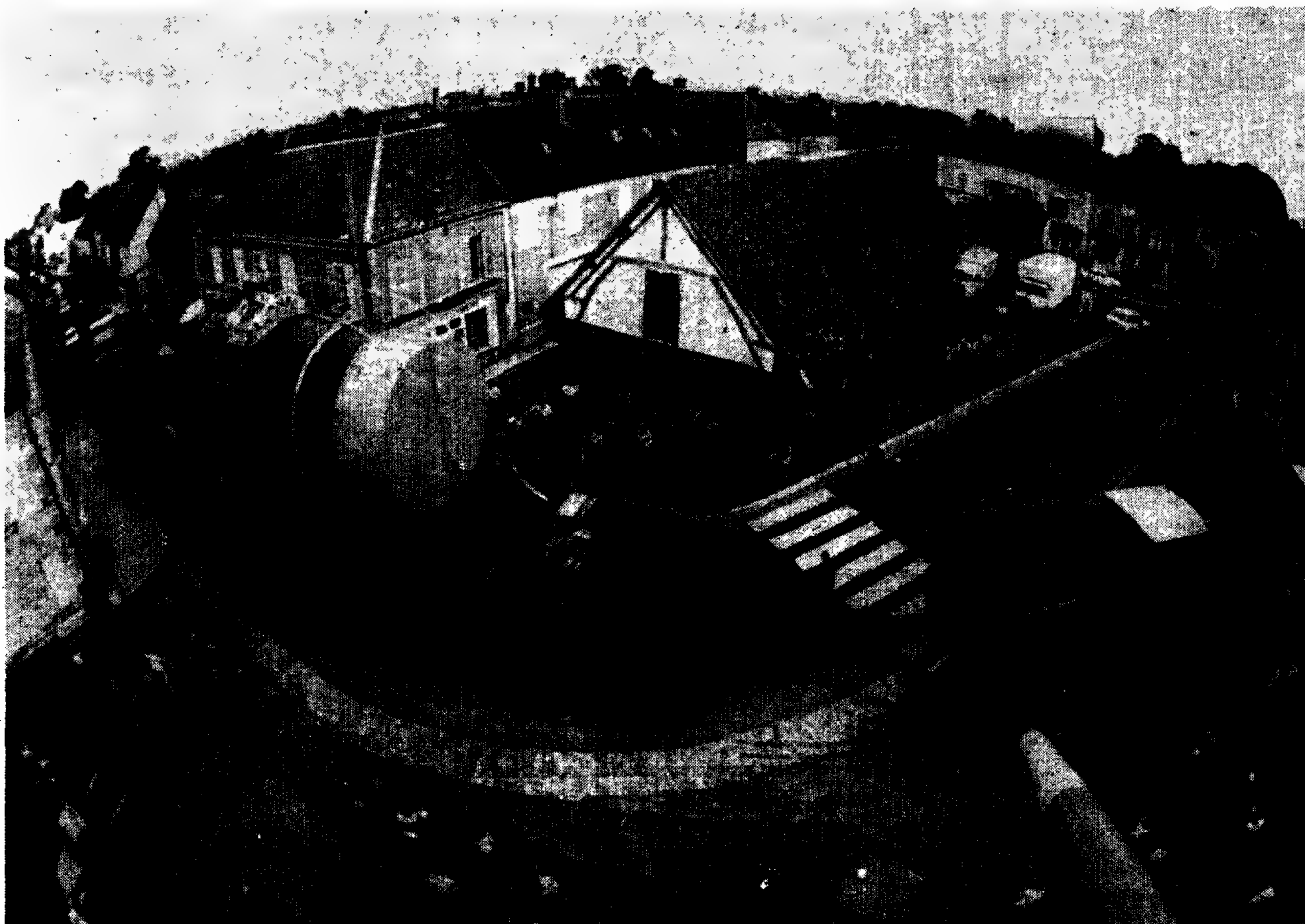
Debate sobre opção nuclear

«Pela Vida, contra o Nuclear» é o tema de um debate que acontecerá no Centro Nacional de Cultura.

Este debate, marcado para amanhã à noite, reunirá, como oradores, o prof. Matos Ferreira, Afonso Cautela e Luís Coimbra.

O debate vem na sequência do acidente recentemente ocorrido na central nuclear de Harrisburg, na Pensilvânia, cujas consequências não foram, ainda, totalmente avaliadas.

O debate é promovido pelas pessoas que, em Janeiro de 1978, tomaram a iniciativa do protesto contra a Central de Ferrel.



As populações pensaram estar perante o transporte de maquinaria agrícola ou industrial «vulgar», embora de grande porte

Checoslováquia: A agricultura no ano dois mil

RFA: Guarda de campo de concentração
candidata às eleições europeias

Inglaterra: O fim do "monopólio branco"

Bangladesh: Um regime em busca de legitimidade

A MORTE NUCLEAR EM BIKINI

■ Pedro Lázaro

□ EFE

Há cerca de um ano o governo dos Estados Unidos anunciou triunfalmente aos expatriados de Bikini que podiam regressar ao seu atol, dado que se tinha dado por terminada, com êxito, a operação de limpeza da primeira zona de experiências nucleares da nossa história. Actualmente, a mesma administração volta a anunciar, em tom contrito, que os repatriados terão que voltar ao exílio, dado que começaram a surgir numerosos casos de contaminação radioactiva.

Esta é uma realidade que contrasta de forma acentuada com a propaganda habitual a favor das centrais nucleares, na qual o argumento principal costuma ser o de que, no caso pouco provável de haver alguma fuga radioactiva, a tecnologia actual pode limpar rapidamente a zona afectada e na sua totalidade. Isto é impossível.

Outra zona utilizada pelo Pentágono para ensaiar os seus carros e mortíferos brinquedos nucleares, o atol Enewetak, perto de Bikini, está a ser objecto na actualidade daquilo que a Agência de Defesa Nuclear qualifica de «a mais complexa (operação de limpeza) do ponto de vista tecnológico, que já alguma vez foi levada a cabo na Terra». Pois bem, ao mesmo tempo que se realiza esta operação a ADN admite que Enewetak não poderá vol-

tar a albergar qualquer forma de vida durante milhares de anos.

Considerando os receios manifestados por inúmeros cientistas, menos entusiastas no que se refere à eficácia das operações de limpeza que os que trabalham para o governo, sobre a conveniência de repatriar os nativos de Bikini, esta repatriação teve lugar há meses. Intervieram nesta operação uma série de motivos políticos. Com efeito, já há mais de trinta anos que os até então felizes nativos de Bikini foram expulsos do seu país «manu militari» e transportados, sem que lhes tivesse sido apresentada qualquer outra opção, para qualquer outro atol mais afastado, no sul do Pacífico, onde vegetam miseravelmente, sem terras próprias, sem indústrias, vivendo da parca caridade do governo de Washington, desprezados pelas populações locais e doentes de nostalgia.

Esta circunstância, dada a extraordinária ressonância que o nome de Bikini tem nesta Era Nuclear, tem sido posta em relevo frequentemente na Imprensa, tanto norte-americana como internacional. Tem havido pressões a muitos níveis para que fossem reconhecidos a estes desgraçados ilhéus, vítimas sem consulta prévia de uma situação de «tutela», dependendo do Grande Pai Branco, os seus direitos humanos e civis mais elementares.

Em primeiro lugar, regressar à sua terra natal e continuar a viver de acordo com os sistemas de vida

ancestrais. São muitos os bikinianos que nestes anos têm morrido devido à idade e às privações. Porém, os jovens, muitos dos quais nasceram já no exílio, a centenas e milhares de quilómetros do lar dos seus antepassados, têm mais empenho em «regressar» que os seus próprios pais.

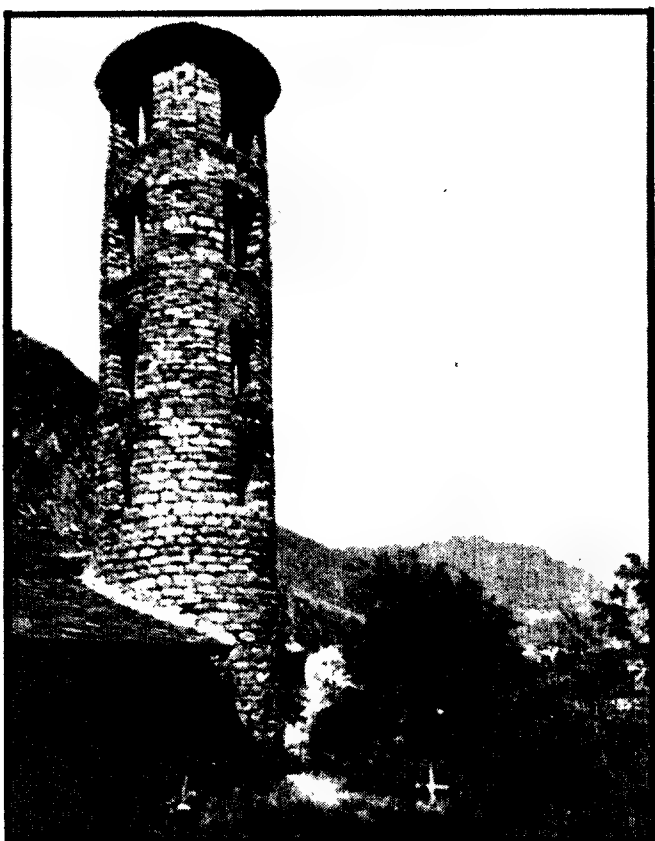
Estas pressões repercutiram-se na decisão de submeter o atol a uma operação de limpeza, eliminar os resíduos radioactivos ainda existentes na zona e permitir o regresso, a título de experiência, de parte da população indígena. Em poucos meses, diversos tipos de doenças cancerosas começaram a surgir entre os repatriados. As análises mostraram sem lugar para dúvidas que aqueles absorveram estrôncio por intermédio dos produtos plantados por eles, num terreno ainda contaminado. A contaminação durará milhares de anos ainda. Os bikinianos podem esquecer-se de Bikini.

Isto é de forma definitiva, demonstrada na prática, o que se pode esperar da manipulação da energia nuclear. No momento em que todo o mundo se entusiasma com a conveniência ou não de fabricar bombas de neutrão, quando se supõe que não só os Estados Unidos possuem esta arma terrível, mas também a França e a União Soviética a possuem, provavelmente, conviria talvez dedicar uma certa reflexão ao assunto, tendo sempre presente o problema dos desgraçados habitantes de Bikini. ●



Os habitantes do atol de Bikini terão que voltar ao exílio porque, segundo a Administração dos EUA, começaram a surgir numerosos casos de contaminação radioactiva.

ANDORRA



Um mini-Estado que quer modernizar-se

■ J. J. Poitiers

□ I.P.S.

PARIS — O desejo de ser finalmente uma nação cresce, dia a dia, entre os andorranos, já fartos de que o seu diminuto país seja um lindo cenário folclórico para turistas estrangeiros. Latente desde há anos, e por vezes fonte de sérias tensões políticas internas, este desejo só em raras ocasiões transcende as fronteiras do mini-Estado. Acaba de dar-se uma dessas ocasiões, com a visita a Paris de uma delegação «opositora» de Andorra, como parte de uma campanha à procura de reformas. Com 453 quilómetros quadrados

apenas e enclavado nos Pirenéus meridionais na fronteira franco-espanhola, Andorra vive há um milénio sob uma espécie de soberania conjunta da França e do bispado espanhol de Urgel. Com efeito, o presidente da França e o bispo de Urgel são «co-príncipes» de Andorra e, como tal, têm voz activa nas decisões políticas importantes do pequeno Estado.

O presidente Valéry Giscard d'Estaing, actual co-príncipe francês de Andorra, confiou a um colaborador a tarefa de atender a delegação visitante encabeçada por Jaume Bartumeu Cassany, fundador e um dos mais importantes dirigentes da única força opositora existente no país.

O agrupamento democrático de Andorra (ADA), surgiu, com efeito, como uma corrente renovadora que, sem pedidos extremos nem pretensões revolucionárias, aspira a modernizar o Estado e a vida política da pequena nação.

Contudo, «modernizar» é já por si uma aspiração revolucionária, numa comunidade como Andorra, cristalizada em práticas feudais que conseguiram sobreviver pouco menos que intactas, não obstante alguns retoques modernistas empreendidos no tempo de Napoleão III.

A oposição esperava que novos retoques derivariam da visita oficial

CHECOSLOVÁQUIA

A agricultura no ano dois mil

■ Alena Helclová

□ ORBIS

Como será a agricultura checoslovaca no ano 2000? Esta e outras perguntas análogas serão respondidas pelos especialistas do Instituto de Investigação da Economia da Agricultura e Alimentação em Praga que elaboraram uma série de perspectivas e prognósticos de desenvolvimento da agricultura checoslovaca até ao fim do milénio.

Exigências e possibilidades

No decurso dos próximos vinte anos verificar-se-á uma alteração gradual dos hábitos alimentares sendo dada preferência à carne, leite, legumes e frutas, ou seja, alimentos de maior valor biológico. O consumo de energia deve reduzir-se, em virtude das inúmeras doenças da civilização originadas ou fomentadas pelo consumo excessivo de calorias, de 3134 Kcal/ano 1976 para 2980 Kcal, ou seja para 12456 KJ por dia no ano 2000.

Prevê-se a redução do consumo de cereais de 108 Kg/ano 1976 para 80 Kg, dado este que se refere ao valor de farinha mais arroz, de batatas de 96,5 Kg para 85 Kg e de gordura de 5,8 Kg para 4,5 Kg por ano.

Aumentará o consumo de legumes de 71,2 Kg/ano de 1976 para 100 Kg e de frutas de 46,1 Kg para 70 Kg. O consumo de carne aumentará mais ou menos para 94 Kg por ano (em 1976 foi de 81 Kg).

Estas alterações programadas são bastante significativas e terão que ser precedidas de alterações correspondentes na estrutura total da produção vegetal e agropecuária.

Face às exigências impostas pelo abastecimento do mercado com produtos agrícolas a previsão considera também as possibilidades com que conta a agricultura e

que são em primeiro lugar devidas à terra. A extensão de terra por habitante que já na época actual é pequena, 0,47 Ha (a título de comparação: Na URSS são 2,2 Ha, nos EUA 2,09 Ha, em França 0,63 Ha, na Dinamarca 0,59 Ha) descerá até ao ano 2000 para 0,40 Ha aproximadamente.

A água será em finais do milénio, em muitos aspectos, o factor decisivo, tanto para a economia nacional, como para a agricultura. Espera-se um consumo três vezes mais alto de água para rega de grandes áreas e no caso da produção agro-pecuária um consumo 50% mais elevado que o actual.

Em virtude do consumo mais elevado de albuminas animais (carne, leite e ovos) na alimentação, a tarefa principal da produção vegetal consistirá em cultivar uma quantidade suficiente de forragens de qualidade para o gado.

Com o propósito de dar ideias concretas sobre o assunto os especialistas do Instituto calcularam quatro variantes da possível estrutura futura da produção vegetal.

Os cálculos demonstraram que no ano 2000 poderá ser alcançada uma produção suficiente de cereais de um rendimento médio por hectare de 5,9/6,1 toneladas. O rendimento de beterraba açucareira deveria oscilar em cerca de 52 toneladas/Ha e de batatas em cerca de 26,5 toneladas/Ha. Conta-se não somente com novas espécies de plantas, mas também com a exploração máxima do potencial produtivo das espécies actuais, a qual exige intervenções técnicas de qualidade, regas, drenagens e recultivo dos terrenos, assim como a aplicação cientificamente controlada de adubos químicos e orgânicos.

Na produção agro-pecuária deverão começar a utilizar-se no ano 2000 os conhecidos limites do potencial biológico do gado. O cálculo orientador assinalou que, quando se alcançar essa fase, não será necessário aumentar demasiado o número de gado de produção.

Este facto é particularmente

atraente no caso do gado vacum de cujo cálculo se concluiu que se alcançará o rendimento óptimo previsto. Os trinta por cento da manada total de gado devem formar grupos com capacidade leiteira. A supremacia pertencerá às raças cárnico-leiteiras e uma proporção insignificante corresponderá a raças de carne. Para a produção de leite serão destinadas extensões de terrenos baixos, perto dos grandes centros de consumo. Conta-se com a capacidade leiteira média de 3600/4500 litros anuais por animal.

Uma condição prévia natural é a constituição de instalações para a reprodução e engorda de gado vacum, suíno e aves com carácter industrial.

O aproveitamento dos novos conhecimentos científicos na prática continuará a ser também a tarefa primordial dos recém-saídos das Escolas Superiores de Agronomia. Porém, o desenvolvimento intensivo da ciência agronómica e as exigências impostas pela agricultura terão de ter ao seu serviço especialistas em ramos diversos, como sejam a matemática, a química, física, biologia e ecologia. Necessita portanto de técnicos com profundos conhecimentos de diversas matérias que terão de saber compor e resolver equações matemáticas, químicas e biológicas de processos postos em prática no sistema agrícola. Este sistema é concebido na ciência actual como um gigantesco processo energético no espaço regional no qual se transforma a energia, acumula e passa de um lugar para o outro e que se desenvolve a nível molecular nas folhas e raízes das plantas, nos estômagos do gado e no solo. O engenheiro-agrônomo terá de elaborar matematicamente todos os processos, terá de medi-los fisicamente, avaliar com muita lógica e pré-determinar assim o resultado necessário. Além do engenheiro agrônomo aparecerão os especialistas em fotossíntese e meteorologia, no cultivo de plantas individuais, etc. ●



OS CASTELOS E PALÁCIOS CHECOS SEIS MILHÕES DE VISITANTES

No período que terminou em 31 de Outubro de 1978, na República da Checoslováquia encontravam-se abertos ao público 120 castelos e palácios. Foram visitados por cerca de seis milhões de turistas, dos quais meio milhão de estrangeiros.

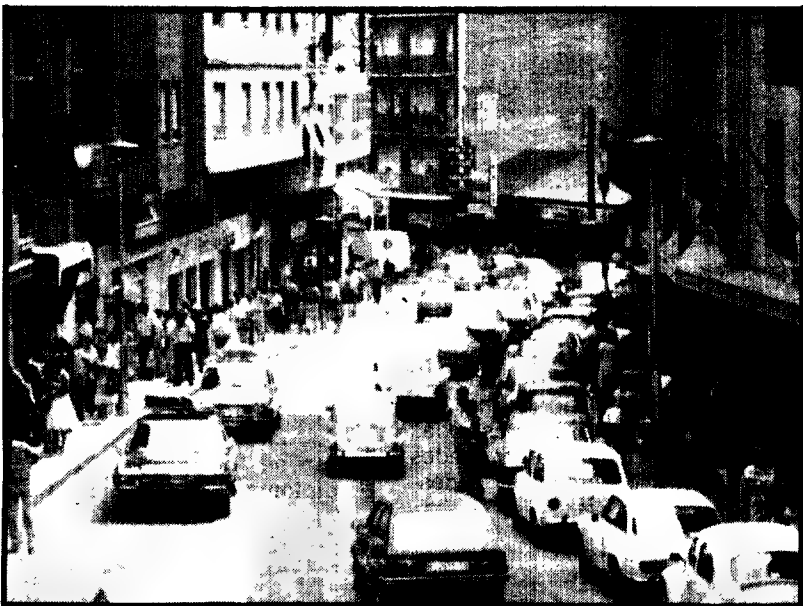
A capital, Praga, goza de um grande interesse por parte dos turistas. Em seguida vêm os castelos de Karlsteín e Krivoklát, os palácios de Hluboká, Orlik, Konopsté e Lednice, assim como uma série de outros monumentos históricos. A Checoslováquia estima o património cultural do passado e o Estado dedica consideráveis meios financeiros para a recuperação, manutenção e utilização dos monumentos históricos.

ANDORRA

que o presidente Giscard d'Estaing efectuara a Andorra em Outubro passado, mas nada mudou no imóvel quadro político do país.

Agora a ADA voltou à carga com a sua visita a Paris. Todavia, os resultados estão para ver-se. Bartumeu e seus seguidores desejam, em síntese, que o co-príncipe galês exerça a sua influência em favor de uma séria mudança que inclua, em primeiro lugar, a criação de verdadeiros partidos políticos em Andorra.

O actual regulamento institucional não prevê organizações deste tipo. A própria ADA se define como um «agrupamento» e carece de um estatuto político específico, que lhe permita transcender os limites de uma entidade privada dedicada a influir como melhor possa sobre os votantes.



Aspecto da cidade de Andorra, zona comercial

Cada quatro anos são eleitos, a título individual, os 234 membros do «Conselho Geral», que constitui o poder legislativo de Andorra. A ADA pode favorecer, informalmente, determinadas candidaturas, mas não pode postulá-las como próprias a título de partido reconhecido.

O «agrupamento» quer agora que esta situação mude e que, como reforma anexa à anterior, se estabeleça um sistema de representação proporcional. Actualmente, os membros do Conselho são eleitos à razão de quatro por cada uma das seis paróquias que compõem o Principado, sistema que — no parecer da ADA — restringe a representação da capital — Andorra-La-Vieille — em favor das paróquias mais conservadoras do «interior», se assim se podem chamar. Por último, a ADA reclama uma «Andorrização» do ensino, eliminando, em favor do catalão — a genuína língua local — o actual predomínio do francês e do espanhol.

Os conservadores temem que um processo de modernização —

que inevitavelmente traria atrelado um certo grau de «desfolclorização» — debilite os atractivos turísticos do Principado, reduzindo, assim, uma das suas principais fontes de receita.

Segundo Bartumeu, este risco deve correr-se para que surja uma verdadeira nação. Ao argumento conservador de que a modernização conspiraria contra a identidade de Andorra, a ADA responde que é precisamente a preservação da identidade nacional — degradada agora num «folclorismo» para turistas — o que se procura, com as mudanças propostas.

«Não queremos ser o Mónaco de Espanha nem uma «boutique» Europa-Livre de impostos», disse numa recente entrevista. «Este sistema levou já os andorrianos a ser uma minoria no seu próprio país. O folclore é simpático, mas já se viu aonde conduz, em política».

Dos escassos 28.000 habitantes, com efeito, só 7.900 são naturais de Andorra. Os demais 900 são espanhóis, 660 franceses e mais de 40 portugueses. ●

Antiga guarda de campo de concentração candidata às eleições europeias

■ Jean Wetz

□ Le Monde

Uma antiga vigilante de campos de concentração nazis, Hildegard Lächert, conhecida por **Brygida a sangrenta**, será candidata às eleições para o Parlamento Europeu. Com um certo «handicap»: é uma das principais acusadas no processo dos guardas do campo de Maidanek, que decorre há mais de três anos em Düsseldorf.

A antiga vigilante foi prometido o primeiro lugar da lista Comunidade de Acção para a Europa Nacional,

organizada por um tal Erwin Schönborn, que preside à Organização de combate dos soldados alemães. Schönborn foi condenado por várias vezes, uma delas por ter difamado o antigo presidente do Bundestag, Gerstenmaier. Este estivera implicado no «complot» de 20 de Julho de 1944 contra Hitler, e Schönborn censurou-o por ter sido cúmplice daqueles que quiseram **assassinar o chefe do Estado**.

UM «IDEALISTA»

Schönborn, intérprete de profissão, apresenta-se ao público como

um «idealista». Publicou vários livros em que afirma, entre outras coisas, que o Diário de Ana Frank é uma falsificação, que nenhum judeu foi executado nos campos de concentração, e que o assassinato de alguns milhões de polacos e ciganos pelos nazis é pura invenção dos propagandistas aliados.

Segundo o **Frankfurter Allgemeine Zeitung**, Schönborn teria justificado a escolha de Hildegard Lächert como primeiro nome da lista do seu partido, por ela lhe ter dado a sua «palavra de honra» de que estava inocente de tudo o que a acusavam de ter feito no campo de Maidanek.

A Inglaterra e o fim do "monopólio branco"

■ René Dabernat

□ Le Monde

As crises sociais que agitam a Europa Ocidental e todas as democracias, tomam, em Inglaterra, um relevo impressionante. Antes de mais na vida quotidiana: famílias houve que tiveram de enterrar os seus mortos devido à greve do pessoal especializado; outras, privadas de água, foram obrigadas, em pleno inverno, a derreter neve para fazer chá; recentemente os ratos invadiram certas ruas de Londres, porque os empregados da limpeza tinham deixado de trabalhar. Mas a verdadeira parada ultrapassa estes inconvenientes lamentáveis e constitui um teste para todos os países europeus.

De que se trata? De saber se a reparação económica, que implica o recuo da inflação, é ou não compatível com os objectivos ambiciosos atribuídos em 1945 ao Estado-providência por Keynes, Beveridge e Atlee. Antes da guerra o capitalismo britânico quase morrera dos seus excessos, da sua cegueira, do seu egoísmo. Hoje, a economia semi-socialista de tipo inglês, torna-se tão pesada, tão dispendiosa, que se arrisca a sobrecarregar sob o peso das cargas públicas e privadas.

A primeira vista, esta parada pode parecer artificialmente aumentada, porque até 1976, poucos dirigentes ocidentais previram as opiniões públicas da vasta mudança em curso no mundo. O contínuo dentro das fronteiras nacionais ou as exportações para mercados privilegiados eram as saídas de socorro tradicionais. Ora tais saídas já não são praticáveis, e os ingleses dão-se dolorosamente conta disso.

A Europa perde progressivamente o monopólio das técnicas

industriais e das exportações para o ultramar, que pôde preservar até 1914, e, nalguns casos, até à Segunda Guerra Mundial. A Ásia (Japão, Coreia, Taiwan, HongKong e Singapura), envia produtos para os mercados europeus, o que antes não acontecia.

A América Latina e a África fabricam parte das mercadorias que antes importavam da velha Europa. O desenvolvimento do Brasil e o do México são conhecidos. Mas saberá muita gente que a Costa do Marfim, que se dizia um país exclusivamente agrícola, está a desenvolver a sua produção industrial, um terço da qual exporta? Também tem a sua própria marinha mercante composta por navios construídos no Japão e em Espanha. A Nigéria, Estado gigante (60 milhões de habitantes, 110 milhões de toneladas de petróleo por ano), dispõe de um enorme potencial económico. O Sudão, o Gâmbia, os Camarões, estão em crescimento.

Os Estados Unidos também querem aumentar nacionalmente as suas exportações. Estas só representam hoje 6% do produto nacional bruto americano o presidente Carter fixou até 1985 um objectivo de 16% principalmente graças à descida do dólar. Como se sabe, a crise do petróleo agrava esta situação.

A Inglaterra foi o primeiro país do Ocidente a sofrer o choque económico da Ásia logo nos anos 30, principalmente em detrimento da sua indústria têxtil. Depois viu reduzidos vários mercados do Commonwealth. E agora é-lhe entre o crescimento do Japão e o impulso americano. Ela é, pois, um caso típico das consequências económicas e sociais da mutação mundial.

Como responde ela a este desafio?

A Inglaterra quis fazer simultaneamente, depois da guerra, duas políticas demasiado ambiciosas. No interior, pôr de pé um amplo Estado-providência, encarregando-se dos cidadãos desde o nascimento à morte. No exterior, seguir como se nada tivesse mudado, objectivos de superpotência com os meios de potência de segunda. O fardo era demasiado pesado.

É certo que a Inglaterra tinha em 1945 melhores trunfos do que os outros países europeus. A sangria do segundo conflito mundial foi grave, com 264 000 mortos e 277 000 feridos, nas as perdas de 1914-16 tinham sido respectivamente três vezes e seis vezes mais elevadas. Para mais, o reino, embora severamente atingido pelas bombas alemãs (um terço dos edifícios atingidos ou prejudicados, centenas de fábricas atingidas ou destruídas, frota enfraquecida), conservava um potencial humano e material superior ao dos outros países beligerantes, à excepção dos Estados Unidos. Foi também a Grã-Bretanha o país que teve maior auxílio estrangeiro. Ora apesar disso, a Alemanha, o Japão, a França e até, durante algum tempo, a Itália, ultrapassaram-na.

A Inglaterra foi, no século passado, a encarnação do «monopólio branco», e foi-o também, em vários domínios, até 1939. Ela regia o mais vasto império jamais conhecido: 27% das terras emersas, um quarto da população mundial, de brancos, amarelos e negros, todas as religiões, todas as variedades imagináveis de produtos. O desmembramento imperial, a sacudida provocada pela Segunda Guerra Mundial, tinham que tornar difícil, senão impossível a realização simultânea da ambição política



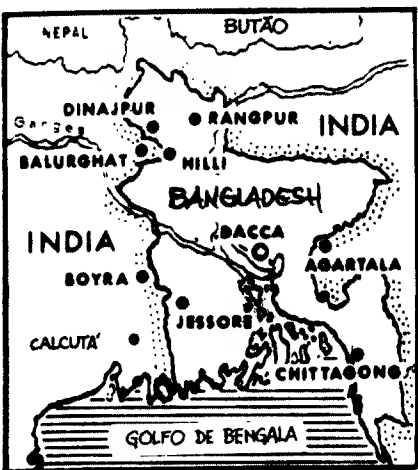
O alce, sedento da Primavera, é um dos maiores habitantes das florestas russas



Da RDA, mais propriamente da mundialmente famosa empresa de alta costura Plauener Spitze, chega-nos este modelo de vestido de noite. Há 17 anos que esta empresa nacionalizada começou a sua produção, e, ao longo deste tempo, ganhou reputação internacional, firmando-se como um dos maiores centros europeus do seu ramo. A empresa produz toda a espécie de vestuário e tem uma importante secção de decoração. A sua sede fica na cidade Karl Marx Stadt, capital do distrito do mesmo nome.



Mildred Scheel, esposa do presidente da RFA, Walter Scheel, recebe regularmente no palácio presidencial as esposas dos diplomatas acreditados em Bona. A foto dá-nos uma imagem desses habituais «chás diplomáticos», no qual compareceram (da esquerda para a direita) Odette Top (Guiné), Asmah Ariff (Malásia), Marie-Ange Fischbach (Luxemburgo), Maria Julia Guyer (Bélgica), Mildred Scheel, Lidia Semjonowa (URSS), Al Bayrakdar (Irão), Djenane Sirry (Egipto), Fatima Iraqui (Marrocos) e Patricia Chiang (Singapura).



DEMOCRATIZAÇÃO

■ Gerard Viratelle

□ Le Monde

1. Um regime em busca de legitimidade

Dacca veste-se de novo. As suas ruas são alargadas, os carros importados, há vias delimitadas para os ciclo pousos, e passeios para os peões. Polícias de belos uniformes controlam a circulação. A avenida do Aeroporto, dantes cheia de pequenas lojas miseráveis, terá, dentro de poucos anos, sedes sociais de sociedade e um hotel, muito carro, de cinco estrelas. Os bairros de lata, autoritariamente empurrados sob o regime de Mujibur Rahman não reapareceram no centro da cidade: estendem-se pela periferia. O campo de corridas, lugar de eleição dos ajuntamentos políticos, terá em breve um simples reduto destinado aos tribunais populares. Está transformado em parque tropical desenhado por um paisagista que nem por isso deixou de mandar cortar algumas árvores centenárias que estavam perto, «para evitar que alguns atiradores ali se escondessem», diz-nos, aborrecido, um natural do país. E acrescenta: «Instala-se na capital iluminação a «neon», antes mesmo de as aldeias terem electricidade.»

Claro que o regime que assim embeleza a capital quer mostrar que já não se considera «interino». Levado ao poder por um golpe de Estado, em Novembro de 1975, e tendo feito face desde então a várias amotinacões mais ou menos sérias, o general Ziaur Rahman foi confirmado nas suas funções de chefe do Estado a 3 de Junho de 1978, na primeira eleição presidencial por sufrágio universal.

Nomeado oficialmente chefe do Estado em Abril de 1977, plebiscitado — de modo contestável — em Maio, o general tentou em seguida fazer à sua volta a mais ampla união das forças políticas. Sem êxito. Encorajou então os seus partidários a formar, com seis partidos representando diversas correntes da burguesia urbana (da esquerda de simpatias pró-chinesas à direita tradicionalista, uma frente tradicional e democrática. Ávido de legitimidade fez-se eleger antes mesmo de ter sido formado esse «partido do presidente» e publicou o esboço da Constituição. Após uma campanha apagada e, aparentemente, sem aposta nacional, a população foi de novo chamada a votar, a 18 de Fevereiro, para eleger uma Assembleia Legislativa, última pedra do edifício institucional bengalês.

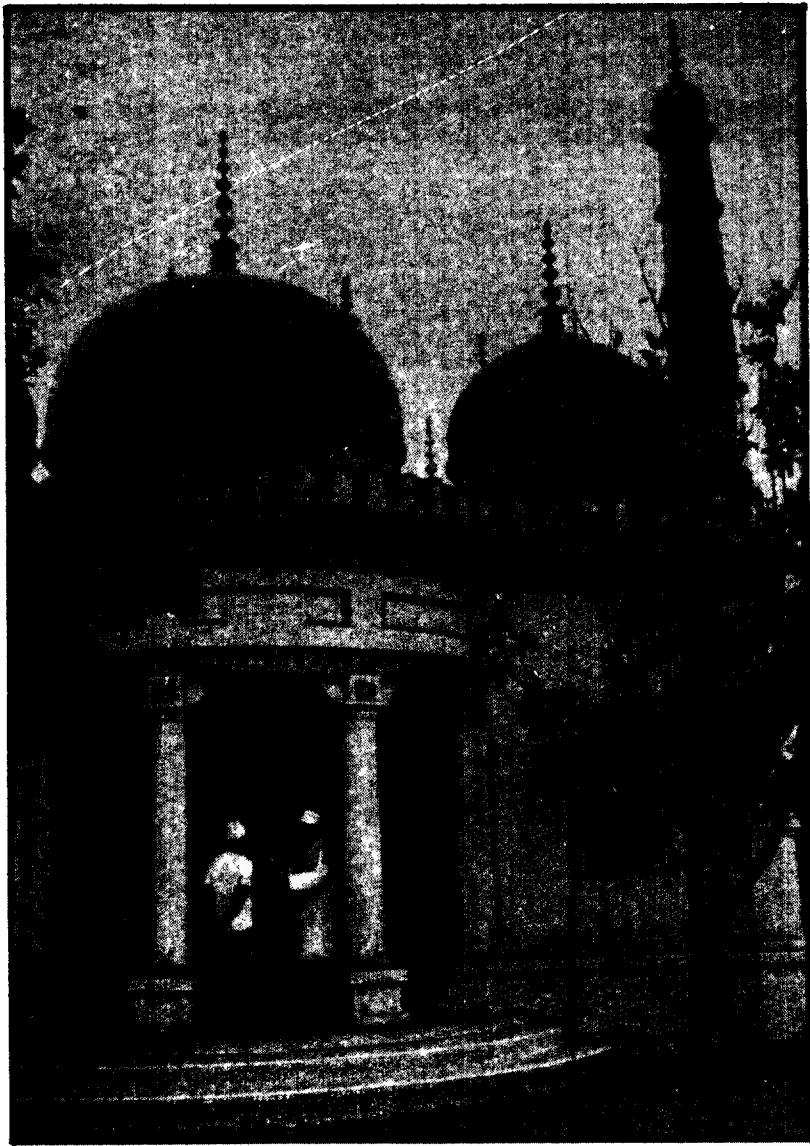
Duas palavras dominam a acção e o vocabulário dos dirigentes de Dacca: estabilidade e desenvolvi-

mento. E para os assegurar, afirmam, que dotam o país de órgãos que lhe dêem uma fachada democrática. O regime também deve ter uma base política. Há poucas nações em que o poder supremo esteja nas mãos de militares que tenham entrado, tão prontamente, na via da «democratização». Essa pressa relativa explica-se antes de mais pela necessidade de oferecer um exatário aos debates políticos e, paradoxalmente, reforçar o controlo do executivo sobre um exército turbulento. Deve-se também ter em conta a oportunidade de aproveitar uma situação económica relativamente favorável, depois de várias colheitas sucessivas bastante boas. Há, enfim, o desejo de satisfazer as exigências dos países ocidentais e do Japão que, sob a égide do Banco Mundial, apoiam a economia do Bangladesh.

«Deixar o Uniforme no Vestiário»

«Democratização não é democracia. Quisemos que o Zia (é por esse nome que o chefe do Estado é geralmente conhecido) tenha uma legitimidade popular indiscutível para que não governe à maneira tradicional dos militares do Terceiro Mundo, e, em especial, do Paquistão», explica-nos um dos seus conselheiros, Mandovd Ahmed, ministro das Comunicações. E acrescenta: «Quisemos depois instaurar um sistema que não seja nem uma ditadura nem um Parlamento irresponsável, mas que tenha em conta as tradições (multipartidarismo) em vigor no subcontinente. O regime escolhido devia pois ser presidencial e democrático, mas afastar os elementos de instabilidade». O ministro, que é um jurista, tem sempre junto de si a Constituição francesa, que serviu, como exemplo, para as emendas na Lei fundamental já existente desde o regime Mujibur Rahman (1971-1977). O presidente, ao mesmo tempo chefe do executivo e do governo, terá, em todo o caso, um vice-presidente a fim de evitar os inconvenientes de uma eventual sucessão precipitada».

Embora sem aceitar todas as condições postas pelos adversários, o regime fez, em todo o caso, algumas concessões. E marcou



Uma mesquita em Dacca

pontos a seu favor. Deu a impressão de acentuar a liberalização, mas a lei marcial foi simplesmente «suspensa» e, em princípio, só será levantada uma semana depois da instalação da Câmara, em meados de Março. As disposições que podem ser contrárias aos direitos fundamentais e se mostram pouco compatíveis com uma consulta eleitoral também estão suspensas... como uma espada de Dâmocles.

As interdições aos partidos políticos foram levantadas, e o pequeno partido comunista pró-soviético, assim como o seu aliado, o partido nacional Awami, de Muzaffar, que haviam apoiado o regime Mujibur Rahman, anunciaram que entrariam no jogo eleitoral. Embora certas regras ainda limitem o direito de publicação, a imprensa tem maior liberdade e os jornais da oposição criticam, por vezes abertamente, a política governamental. Por fim, o general Ziaur Rahman não renunciou, como lhe pediam os seus adversários, ao comando das Forças Armadas. Limitou-se a nomear um chefe de Estado-Maior.

A oposição pedia, como é normal, a libertação de todos os presos políticos. Vários dirigentes da liga Awami, o antigo partido governamental entre eles Abdul Rahman, que foi ministro dos negócios estrangeiros e Zikur Rahman, foram postos em liberdade. Mas os dirigentes de outro partido de oposição, o Partido Socialista Nacional, Rab e Jali, ambos heróis da guerra da libertação, e o antigo presidente da República Mochta-

que Ahmed, todos eles condenados a pesadas penas, continuam presos, assim como alguns marxistas-leninistas.

A «liberalização» favoreceu um florescimento de grupos, e aprovou a metamorfose do «partido do presidente», constituído em Setembro de 1978: o Partido nacionalista do Bangladesh (PNB). Os elementos «esquerdistas» pouco tempo passaram no regime. Recuperaram ser «recuperados» e preferiram deixar o governo.

Um as forças armadas divididas e indisciplinadas

O PNB é um cômputo de elementos muito heterogêneos vindos de todas as correntes moderadas. «Vinho velho em garrafa nova», dizem alguns conservadores. Movimento de direita, o «partido do presidente» representa, tal como a liga Awami, a burguesia bengalesa, mas o seu nacionalismo é islâmico e não laico ou bengali. A rapidez com que se constituiu a formação governamental não lhe permitiu criar um aparelho. Mas apoia-se amplamente no aparelho do Estado. Em tais condições não se compreende como o PNB poderia vir a ser o instrumento de uma renovação da classe política, e favorecer reformas socioeconómicas, apesar da personalidade do seu presidente e de conservadores esclarecidos como Mordord Ahmed e Manshiur

Rahman. Este, outrora próximo do dirigente camponês e populista Bashani, já falecido, poderia ver o seu oportunismo recompensado com a atribuição do lugar de primeiro ministro.

Um dos trunfos do partido oficial reside talvez no grande número, de partidos — uns trinta — e das divisões que existem entre eles. Na primeira fila está, como é evidente, a liga Awami, influente nos meios do ensino, sindicais, e na função pública. A liga divide-se em duas tendências: a mais importante, que se diz ortodoxa, é presidida por Ukil e inclina-se para uma certa forma de socialismo e pelo estabelecimento de elos privilegiados com a Índia e a URSS. A outra, liberal, parece próxima do PNB.

No essencial, o frente a frente limita-se ao novo e ao antigo partido governamental. O retrato de «Zia» domina todos os cartazes eleitorais dos candidatos do PNB e o chefe de Estado visita pessoalmente as cidades incitando as populações a escolher a «estabilidade».

A extrema-direita muçulmana — que foi hostil ao nascimento do Bangladesh — e a extrema esquerda não estão ausentes da consulta. À esquerda, o Partido Socialista Nacional, o Partido de Unidade Popular e vários grupos do partido nacional Awami (de tendência Bashani) formaram uma aliança que apresenta numerosos candidatos. Embora não se mostrem abertamente hostis à consulta, a maioria dos movimentos marxistas-leninistas, saídos da clandestinidade, combinaram (à excepção do grupo de Toaha) não participar nela. Em contrapartida tentam cerrar fileiras e formar um «movimento de massas». Os grupúsculos revolucionários tiveram pouca influência, até agora, nas campanhas, porque tanto os seus quadros como os seus militantes provêm essencialmente de meios urbanos intelectuais ou pequeno-burgueses. A falar verdade poucos deles respondem às preocupações do campesinato, que constitui a grande massa da população. Há 40% de camponeses sem terra, geralmente iletrados, e 55% de menos de vinte anos procuram empregos com que alimentem imensas frustrações.

De todos os levantamentos que agitam as Forças Armadas, nenhum foi conduzido por oficiais superiores. Todos eles foram obra de jovens militares de meios sociais modestos, revoltados pelas condições de vida privilegiadas dos membros da sua hierarquia e da burguesia citadina, sumariamente politizados e dispostos a voltar as armas contra os superiores.

Sete anos depois do fim da guerra da independência, o Exército do Bangladesh continua a estar repartido entre estes antigos combatentes das forças de libertação e os militares repatriados depois de haverem servido no Exército paquistanês. Não se fez a fusão das duas tendências. Os primeiros constituem uma permanente fonte de instabilidade; os segundos, mais disciplinados e com melhor formação, não têm possibilidades de impor a sua autoridade sobre o grosso das tropas que fizeram a guerrilha ou foram recrutadas depois de 1972.

Paradoxalmente, o general

ÃO NO BANGLADESH

2. A ideologia do "desenvolvimento"

Ziaur Rahman, que em 1971 proclamou unilateralmente a independência tem de se apoiar nos elementos que combateram essa mesma independência, a fim de impor a sua autoridade num exército prejudicado por motins e golpes de Estado, que causaram a morte, desde 1975, a várias dezenas de oficiais. Mas se os soldados e os oficiais que levaram «Zia» ao poder foram duramente reprimidos, os que derrubaram o regime Mujibur Rahman e assassinaram vários amigos seus, foram deixados em liberdade ou colocados em lugares diplomáticos...

Embora os seus efectivos sejam calculados entre 30.000 a 100.000 homens (incluindo as forças paramilitares) e tenha conseguido material mais moderno, o Exército não é capaz de defender o território (em face da Índia) nem mesmo de governar. Não é raro cruzarmos em Dacca ou nas estradas do interior do país com veículos militares carregados de ... famílias numerosas. O acantonamento de Dacca, onde reside o chefe de Estado, parece um oásis, próximo da capital e dos seus dois «bairros luxuosos», onde os novos ricos do Bangladesh (funcionários, homens de negócios, oficiais) mandam construir amplas vivendas. Claro que a aparência da legalidade é escrupulosamente salvaguardada, mas nenhum negócio pode ser feito completamente às claras.

Não que a corrupção seja um fenómeno específico no Bangladesh, mas causa espanto que o general Ziaur Rahman, cuja integridade ainda ninguém pôs em causa (reduziu mesmo o seu ordenado em 10%) não tente lutar contra os abusos dos funcionários, dos oficiais e de certas pessoas altamente colocadas que, de resto, incitam a população a «trabalhar duramente» para sair da miséria.

«Não há substituto para o trabalho», proclama um cartaz governamental singularmente idêntico a um dos «slogans» lançados na vizinha Índia, sob estado de emergência, durante o regime de Indira Gandhi. «Pede-se às pessoas que trabalhem mas ninguém lhes garante um emprego», diz-nos um jovem. Isto explica que, segundo um economista, quase metade das pessoas em idade de trabalhar, não tenham uma actividade permanente. «Tanta gente desocupada quanto há tanto para fazer», já disse René Dumont num relatório às autoridades. No entanto, quase um milhão de funcionários de todas as categorias, esquecendo o facto de serem privilegiados, fizeram greve, no passado mês de Abril, por não aceitarem a nova escala de salários imposta pelo Governo, e que no entanto, trazia aumentos de 50% e às vezes de 100% para os mais modestos (o salário de varredor passou, por exemplo, de 70 para 225 takas por mês).

Estes movimentos reivindicativos, em princípio interditos sob a lei marcial, haviam tomado amplidão perto das eleições. Querendo evitar a prova de força, as autoridades foram deixando correr e até se prestaram a negociações. A administração é o primeiro fornecedor de empregos permanentes neste país essencialmente agrícola. O sonho de todas as famílias é ter, ao menos, um filho funcionário, e é com esse objectivo que as crian-

ças, sempre que é possível, são mandadas à escola.

Os responsáveis menos atraídos, pelas fórmulas de mobilização colectiva, começam a perguntar a si próprios se não será possível arranjar soluções para o problema do emprego, nos grandes trabalhos. É certo que a única acção que tem dado, nos últimos anos, fontes razoáveis, embora passageiras, de lucros — ou de viveres — a dezenas de milhares de trabalhadores, foi a operação «alimento por trabalho». Esta, principalmente apoiada pelo programa alimentar, é certo que contribui para melhorar a sorte dos camponeses pobres que trabalham na construção dos canais ou no reforço dos diques, mas também dá uma mais-valia às terras que se encontram perto dessas obras.

Outra operação é actualmente muito bem vista: a emigração de mão-de-obra para os países do Golfo. Os dirigentes encorajam a espatrição embora sem tomar em consideração, ao que parece, as consequências da partida de técnicos qualificados ou de especialistas (médicos, engenheiros) cuja formação custou bastante dinheiro e que fazem muita falta em sectores vários.

O regime de Dacca fez do «desenvolvimento» o seu programa. «A política é a da economia», disse o general Ziaur Rahman. «Não queremos polémica ideológica, o que queremos é dotar o país de uma infra-estrutura e

gastar o máximo de recursos nas regiões rurais», assegura-nos um dos conselheiros do chefe do Estado. Todos os «medias» são mobilizados, em grande parte para transmitir a mensagem do «desenvolvimento».

A salvação na agricultura

Publicado o ano passado, o Plano de dois anos (1978-80), define os objectivos e a estratégia em matéria económica e social. Tem em vista desenvolver a economia

rural para lutar contra a pobreza endémica e reduzir, em princípio, a dependência perante, o auxílio alimentar estrangeiro.

«O general Ziaur Rahman compreende que a salvação da Nação reside na sua agricultura», declara-nos o ministro da Agricultura Azizul Huq.

Três colheitas normais sucessivas e os progressos da cultura do trigo no Inverno, afastaram, durante algum tempo, o espectro da dieta, mas o Bangladesh previa, em todo o caso, receber 1,3 milhões de toneladas de cereais um décimo da sua produção como ajuda alimentar, durante o ano fiscal de 1978-79.

O crescimento dessa produção é contrariado pelo aumento demográfico, e revela-se, por fim, menos forte do que o das importações de cereais. Por outro lado, vários estudos mostraram recentemente que o auxílio alimentar não seria geralmente para fornecer as populações rurais mais necessitadas, mas que era distribuído nas cidades e principalmente na capital, para evitar todo e qualquer descontentamento na pequena e na média burguesia.

O ministro da Agricultura dá o exemplo ao transformar o seu jardim em horta. «Foi preciso lutar com o jardineiro que só estava habituado a semear flores e relva», diz-nos ainda o senhor Huq, que queria favorecer um crescimento da produção de produtos agrícolas e também de juta para exportação.

Na realidade, a política agrícola e de desenvolvimento rural é a sugerida para lutar contra a pobreza, principalmente pelos peritos do Banco Mundial e da Comissão trilateral: crescimento da produtividade das culturas do arroz, trigo e juta, aumentando-lhes a irrigação, uso de sementes de grande rendimento, adubos (em parte importados ou fornecidos pelos Estados Unidos), cooperativas e crédito rural. Sem uma repartição mais equitativa das terras — 10% dos seus exploradores têm mais de metade, e 40% dos camponeses não possuem absolutamente nada, — essa política leva a um agravamento das desigualdades, das tensões sociais, e do reforço do poder local dos possidentes. É certo que o regime se apoia nestes, melhor armados para beneficiar com os créditos, financiar as inovações, colher os frutos e ainda controlar as cooperativas. Por exemplo, os empréstimos para as culturas de elevado rendimento e para a piscicultura são atribuídos, pela força das circunstâncias aos camponeses que já tinham qualquer coisa de seu. Como emprestar dinheiro, pensa-se, aos que são ignorantes e nada têm, nem sequer instrumentos de trabalho, e que não oferecem, portanto, nenhuma garantia?

As técnicas mais experimentadas ou mais modernas não contribuem pois para melhorar a sorte do camponato, se a maioria dos seus membros não tiver acesso a elas. Neste domínio, as acções do regime seguem métodos e não estruturas. A constituição de uma comissão que, no entanto, era de natureza a mandar para as calendas gregas os problemas da reforma agrária, foi mesmo afastada.



BRASÍLIA

Uma cidade que decepciona os seus habitantes

■ Francisco Guemes

□ EFE

Ao perfazer 18 anos da sua inauguração oficial, Brasília «a capital do ano 2.000» o desafio gigantesco de construir do nada uma grande capital na meseta central brasileira, afastada dos grandes centros económicos do país, só em parte conseguiu os seus objectivos iniciais. O «distrito federal» que engloba Brasília propriamente dita e as suas oito cidades-satélites, conta hoje com mais de um milhão de habitantes, ultrapassando o projecto dos seus criadores, que previa albergar 500.000 pessoas.

Indubitavelmente, a capital brasileira converteu-se no centro indiscutível do poder político e administrativo do país e actualmente disputa com São Paulo o poder de decisão económica.

Por outro lado, a criação de Brasília contribuiu também para o repovoamento das zonas interiores da nação, em especial a zona que ladeia a estrada que liga Brasília a Belém, primeira etapa para a conquista da Amazônia, na qual desde há cerca de 15 anos se têm vindo a instalar mais de dois milhões de pessoas.

A um adolescente

É certo que a nível nacional, Brasília é um facto irreversível, um indiscutível sucesso do seu futuro, o ex-presidente Juscelino Kubitschek; porém como cidade, após 18 anos da sua inauguração a «cidade do ano 2.000» não passou da adolescência e procura indubitavelmente a sua identidade.

A nova capital brasileira tem suscitado e continua a suscitar polémicas e insatisfações originadas pelo seu crescimento demasiado rápido e pelo seu afastamento cada vez maior do projecto original

dos seus criadores, o arquitecto Oscar Niemeyer e o urbanista Lúcio Costa.

Numa recente viagem efectuada a Brasília, Niemeyer lamentou as construções desordenadas que surgem por todo o lado e que têm destruído a unidade arquitectónica da cidade. «Como é possível que se tenha autorizado a construção de um restaurante chinês na Praça dos Três Poderes?», perguntou surpreendido. Porém as suas críticas mais acerbas referem-se ao aspecto social de Brasília uma cidade construída para o povo, mas onde impera actualmente um lamentável espírito de discriminação. Segundo Niemeyer, o «espaço» de Brasília tem sido utilizado em proveito dos ricos, que vivem confortavelmente no centro da cidade ou em sumptuosas vivendas construídas em volta do lago que rodeia a capital, enquanto que três quartas partes da população está aglomerada nas cidades-satélites.

Os contrastes sociais que caracterizam a sociedade brasileira começaram a afligir Brasília, «a capital da esperança», como prematuramente a qualificou André Malraux. De acordo com as estatísticas oficiais, a capital conta com dezenas de milhares de crianças abandonadas. Em algumas das cidades-satélites, como a de Ceilândia — a mais miserável das oito — os seus habitantes vivem em condições infra-humanas.

Vida difícil

Por outro lado, os inúmeros problemas ligados à concepção de Brasília, a sua situação geográfica e o seu crescimento desordenado, tornam tão difícil a vida como em qualquer outra cidade populosa do

mundo sem uns planos tão estudados como os da capital brasileira.

Os seus habitantes lamentam-se de que os transportes públicos são insuficientes e a circulação automóvel é demasiado densa, criando engarrafamentos. A vida é cara e a especulação imobiliária sobe em flecha. A juntar a isso há os caprichos das condições meteorológicas tropicais: durante a estação das grandes chuvas, largas zonas da cidade ficam paralisadas e inundadas. A vida cultural e desportiva praticamente não existe: ainda não foi inaugurado o Teatro Nacional e num país onde o futebol é o desporto nacional, Brasília só conta com um estádio por acabar.

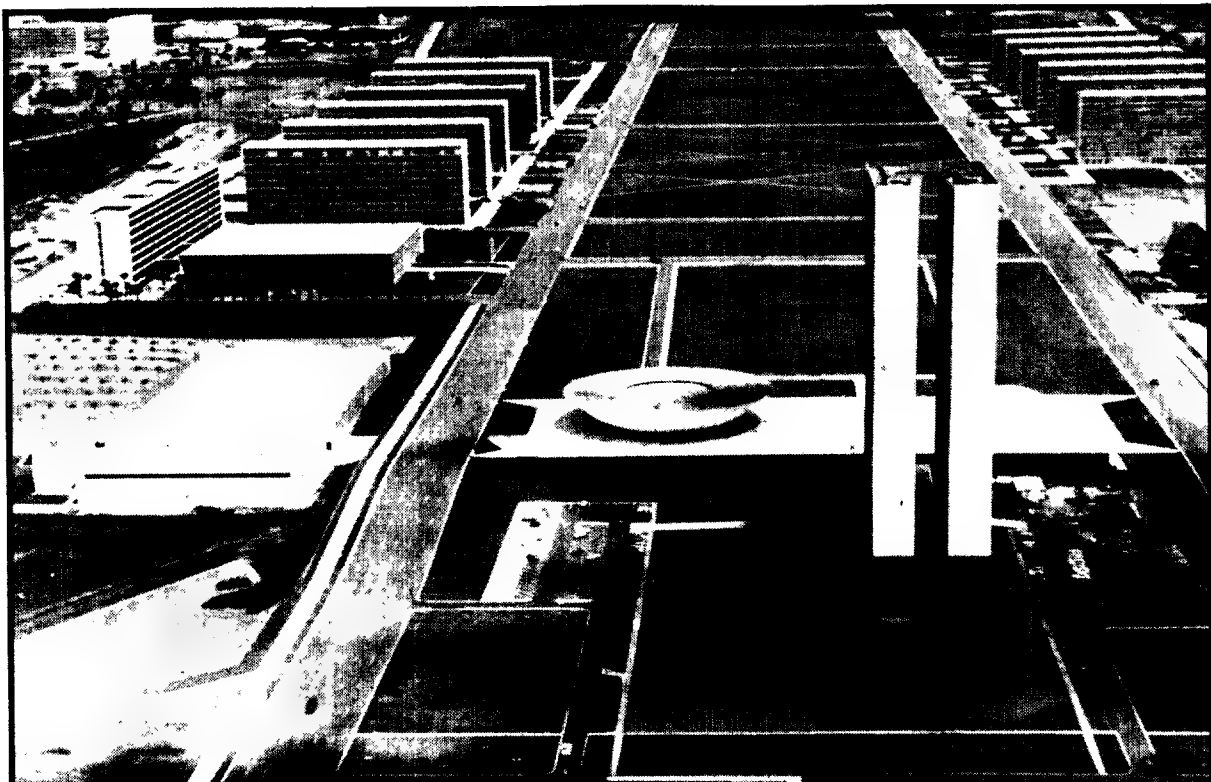
Sentimento de decepção

Em virtude de todos estes inconvenientes, existe um sentimento generalizado de insatisfação entre a população que não se contenta com as vantagens que a cidade oferece: calma, ausência de contaminação e clima relativamente clemente, que facilitem a vida ao ar livre com os seus amplos espaços verdes.

Os sociólogos brasileiros têm-se ocupado do estudo dos fenómenos de Brasília, capital sem alma, de aspecto desumano e muitos dos seus habitantes sentem-se como exilados. Talvez por isso, Brasília

converteu-se num dos maiores centros de espiritismo do país.

Aos 18 anos de vida (Brasília foi inaugurada oficialmente em Abril de 1960), o balanço que a cidade apresenta não é demasiado atraente. Os seus fundadores, que não puderam acabar a sua obra por causa das suas relações difíceis com o regime militar brasileiro, preferem ser optimistas sobre o futuro de Brasília. Oscar Niemeyer reconheceu recentemente que actualmente estão a empregar-se grandes esforços para humanizar a cidade: «Um dia — declarou — Brasília será devidamente restaurada para corresponder às justas aspirações dos seus habitantes» ●



Aspecto parcial de Brasília «a capital brasileira do ano 2000». Têm surgido construções que destroem a unidade arquitectónica projectada pelos seus criadores: Oscar Niemeyer e Lúcio Costa. Na cidade existe um sentimento geral de insatisfação por razões diversas, e em especial devido à especulação imobiliária.

Democratização no Bangladesh

5 ▶

«É um problema muito delicado», disse o presidente.

A engrenagem da dependência

Um grupo de economistas moderados, ao analisar o esboço do plano, concluiu, severamente que os responsáveis «não têm uma visão clara da sociedade que querem construir». Eles interrogam-se sobre a vontade que o Governo tem de reduzir de futuro a dependência do auxílio exterior.

Na verdade o regime Zia faz dessa dependência um dos pilares da sua política. Uma das pessoas mais importantes dos nossos dias, em Dacca, é o «director dos recursos externos da comissão do Plano» A.M. Muhit, que está en-

carregado de convencer os Estados ocidentais e o Japão a dar um auxílio crescente ao seu país: 1,25 biliões de dólares para 1978-79. Depois da independência, 77% das despesas públicas foram financiadas com auxílio externo e esta percentagem não diminuirá durante os próximos anos. Em 1978-79, o auxílio será de perto de 60% do orçamento total e cobrirá quase totalmente as despesas de desenvolvimento. «Esta dependência não tem importância», diz-nos Muhit. «Quanto mais elevado, for o auxílio, mais investimentos haverá e mais rapidamente seremos auto-suficientes». Visão optimista que se apoia no facto de os investimentos aumentarem desde que a assistência aumente. A esperança em tal assistência parece colocar em segundo plano a necessidade de

mobilizar os recursos internos. Logo após a sua eleição, o presidente Zia anunciou o montante do auxílio com que contava para poder dispensá-lo mais tarde. O exemplo da Índia vizinha convida antes a perguntas se a engrenagem do auxílio não levará Dacca a aumentar gradualmente as suas dívidas.

É certo que mais de metade do auxílio é concedido sob forma de donativos, e o Bangladesh pediu a todos os seus credores e obteve da maioria deles (mas não da França) uma anulação das dívidas públicas e uma suavização das condições de crédito (prazos longos, juros baixos).

Os credores do Bangladesh incitam-no a dar uma maior atenção do controlo dos nascimentos. No ano 1978 havia oitenta e quatro milhões de habitantes num território cuja área é quase a de um quarto da França.

Várias organizações internacionais financiam programas por vezes concorrentes dos serviços de saúde em meios rurais. No entanto, a principal iniciativa até agora tomada, a realização de um sistema de informação das famílias sobre prevenção de nascimentos e cuidados às crianças, é prejudi-

cado por falta de fundos, apesar de também haver nesse domínio importantes auxílios externos. A influência dessa informação só poderá vir a sentir-se daqui por alguns anos. Mas espera-se em Dacca que «depois das eleições» sejam tomadas medidas mais energéticas.

A sua sujeição económica ao Ocidente não impede o Bangladesh de manter a cooperação com a União Soviética sensivelmente ao nível em que se encontrava quando do derrube do regime de Mujibur Rahman. Moscovo conseguia conservar uma representação diplomática relativamente forte em Dacca. As relações com Nova Delhi também são realistas principalmente depois da queda da senhora Gandhi. O Bangladesh só pode perserver a sua independência nacional, em face da Índia, por via política e diplomática, como aconteceu em Novembro de 1977, com o arranjo bilateral provisório sobre a partilha das águas do Ganges. A soberania do pequeno Estado, enclavado na bolsa oriental do seu poderoso vizinho, depende dessas relações. Por isso alguns grupos maoístas acham que Zia está na vanguarda do «combate contra os expansionismos indiano e soviético.»

De facto, as visitas multiplicam-se e desenvolve-se o comércio entre Dacca e Pequim.

A China vai instalar uma fábrica de adubos e uma refinaria de açúcar no Bangladesh, e também dará início a trabalhos de irrigação e drenagem. Esta cooperação está de acordo com os interesses geopolíticos dos dois países. A China deseja de comer o peão da URSS e o Bangladesh de contrabalançar a omnipresença da Índia.

O regime Ziaur Rahman também estabeleceu boas relações não só com os países vizinhos e principalmente os da Associação das nações do Sudeste asiático (Singapura, Tailândia, Malásia, Indonésia e Filipinas), mas também com os Estados islâmicos, em especial aqueles que dispõem de petrodólares ou aceitam mão-de-obra.

O desejo de ser amigo de todos e a sua moderação permitiram a este país que só tem pobreza para oferecer, ser admitido no Conselho de Segurança, onde já pode ter um papel de mediador durante o debate sobre o Camboja. O regime de Dacca pensa que foi assim reconhecido internacionalmente. Só lhe resta conseguir, no plano interno, duração, meios, e estabilidade ●

O RAIO LASER SOLUCIONA MUITOS PROBLEMAS DA MEDICINA PRINCIPALMENTE DE OFTALMOLOGIA

Os olhos são um aparelho de percepção e transmissão de imagens visuais que fornecem ao homem 95% da sua informação. Compreende-se portanto a importância que adquire a profilaxia de tratamento das lesões oculares.

Este problema coloca à oftalmologia muitas questões. A sua solução tornou-se hoje em dia possível, em grande medida, graças ao raio laser, uma das maiores invenções do século XX. Implantado solidamente na medicina e sobretudo na oftalmologia, permitiu realizar operações micro cirúrgicas muito delicadas, totalmente impossíveis ainda num passado recente.

Desde 1964, o Instituto de Doenças Oculares Gelmgolte, de Moscovo, efectua operações com ajuda do laser-coagulador do argon. Elaboraram-se métodos de tratamento das doenças inflamatórias, vasculares e virulentas dos

olhos e fizeram-se grandes progressos no tratamento de tumores malignos e da retinotopia diabética, muito difundida actualmente.

O instituto realiza diariamente

perto de quinze intervenções cirúrgicas. A operação não é dolorosa e dura apenas algumas fracções de segundo. Regra geral, a vista restabelece-se à primeira ten-

tativa e o paciente nem sequer tem necessidade de ser hospitalizado.

Para além deste trabalho, o Instituto procede a investigações no campo da oftalmologia clínica e

experimental. Muitos especialistas estrangeiros contribuem para esta actividade, vindo estagiar ou simplesmente estudar para aquele centro de investigações.



A INGLATERRA E O FIM DO "MONOPÓLIO BRANCO"

3

no exterior e da ambição social no interior.

Em poucos anos, os «tommies» regressavam sem barulho de Aden, dos Emiratos do Golfo Pérsico, de Singapura. Da antiga estrada das Índias só resta Gibraltar, desejada pelos espanhóis, e Chipre e Malta, cuja importância foi decrescendo com o tempo nesta era de foguetões, algumas ilhotas no Índico, espécie de porta-aviões naturais, como a de Diego Garcia, no arquipélago de Chagos.

Paralela a este, um livro branco militar de 1967, reduz o orçamento militar e concentra o seu essencial na defesa europeia, no quadro atlântico. Depois será a adesão ao Mercado Comum, pedida por Wilson e obtida por Heath, então líder conservador, que lhe sucede em 1970. Assim, o reino, depois de se ter julgado durante tanto tempo separado dos outros países europeus, isto é, diferente e superior, reconhece, por sua vez, que o seu futuro passava pela Europa.

Já não são só os conservadores que se preocupam com o peso desnecessário do Estado-providência e com o poder sindical que enana

de leaders não eleitos pelo povo, e que fazem frente aos parlamentares de Westminster. Os leaders trabalhistas James Callaghan, Denis Healey e até, por vezes, dirigentes do Trade Union Council, também se preocupam. O novo exa-me vai tão longe que o arcebispo de Canterbury, prínaz da igreja anglicana, não hesita em declarar: «O direito à greve é utilizado de um modo irresponsável». Ele visa, com estas palavras, os excessos de certos delegados de oficinas e de pequenos grupos de operários, que actuam à margem dos seus sindicatos ou contra eles, para «modificar a sociedade» num sentido muitas vezes marxista.

A ampliação do desemprego leva, claro está, o Labour Party a certas concessões em matéria de salários. Mas o objectivo é o mesmo: tornar os encargos sociais, fiscais e para-fiscais mais suportáveis a uma economia que deve responder não só ao desafio americano, mas também ao dos povos de cor, saídos da sombra do esquecimento.

Esta lição vem-nos de uma Inglaterra, mergulhada em blitz social, embora depois do fim do monopólio branco, a Europa não tenha escolhido: ou se adapta ou se apaga.

Atentado muçulmano

A IGREJA MAIS ANTIGA DO CAIRO DESTRUIDA POR UM INCÊNDIO

■ J. P. Peroncel-Hugoz

□ Le Monde

A igreja copta ortodoxa da Virgem, situada no bairro popular e turístico do velho Cairo, foi completamente destruída pelo fogo na noite de 19 para 20 de Março. Diversos indícios e testemunhos deixam supor, com certa margem de segurança, que se tratava de um atentado.

A imprensa caiota não disse palavra sobre o incêndio, facto que uma personalidade do Governo nos explicou dizendo que «as autoridades, de acordo com o patriarcado copta ortodoxo, procuraram não envenenar a situação». Este silêncio suscita, no entanto, versões rocambolescas do sinistro, no seio do milhão de cristãos que vivem na capital. Nestes últimos anos vários templos coptas têm sido atacados na província, mas é a primeira vez de há muito que tal acontece na capital. Além disso, a igreja da Virgem do velho Cairo era um local de peregrinação multissecular.

Fiel à política de apaziguamento que mantém em questões religiosas, o raio recebeu logo no dia a seguir o ministro Makram-Obel, que, conjuntamente com Butros Ghali, é um dos membros religiosos do gabinete. Depois os jornais anunciaram que tinha sido autorizada a construção de uma igreja em Khanka, localidade próxima do Cairo, onde os muçulmanos des-

truíram em 1972 um local de culto cristão.

O incêndio da igreja Virgem, que se seguiu à explosão de uma bomba no Hotel Sheraton do Cairo deve, no entanto, ser analisado num plano que extravasa dos incidentes confessionais. É evidente que elementos integristas islâmicos cujos representantes oficiosos no Parlamento e cujas publicações não se têm privado nestes últimos dias, de expor a sua total oposição «à paz com os judeus», procuram, por todos os meios, causar dificuldades e embaraços ao Governo. As igrejas e mesquitas, únicos edifícios públicos que no Cairo não são guardados por homens armados, apresentam-se como alvos mais fáceis dos seus ataques.

No país africano de mais antiga tradição cristã, a igreja da Virgem também denominada Al-Damchirieh, por alusão a um benfeitor era um dos testemunhos mais interessantes do passado. Demolido uma primeira vez em 785, segundo o historiador árabe Makrizi, o santuário da Virgem foi reconstruído em 800 sob o reinado de Harun Al-Rachid. Foi depois restaurado no século XVIII. A igreja era célebre pelos seus capitéis, todos diferentes e as suas colecções de velhos ícones e manuscritos coptas. O fogo destruiu tudo, não deixando pedra sobre pedra.



LIVRO DE UM BISNETO DE KARL MARX SOBRE A CHECOSLOVAQUIA

A direcção da editorial «Cope» deu a conhecer numa conferência de Imprensa, realizada no Luxemburgo, o livro «No Coração da Europa», cujo autor é o jornalista francês Robert-Jean Longuet. O preâmbulo do livro foi escrito por Jeanette Thorez-Vermeersch, viúva de Maurice Thorez.

O autor do livro, que é bisneto de Karl Marx, relata os acontecimentos que tiveram lugar na Checoslováquia em 1968, as suas causas e consequências. A base desta ampla reportagem são as entrevistas que Longuet manteve, durante a sua estada na Checoslováquia, com as pessoas nas fábricas, escolas, nos campos e nos organismos públicos.

Longuet realçou na conferência de Imprensa que a liberdade de imprensa na França é muito limitada, sendo testemunho dessa realidade o facto de que o seu livro tenha sido impresso quatro anos depois da sua conclusão e não na França, mas no Luxemburgo.

A autora do preâmbulo condena «a forma como escreve a imprensa burguesa, ainda dez anos depois, sobre os acontecimentos na Checoslováquia e também sobre o desenvolvimento deste país». Ela realçou: «É tempo que sobre a Checoslováquia se escreva a verdade no Ocidente».

UMA CRIANÇA EM DEZ NÃO CHEGARA À IDADE DE UM ANO

«Dos cento e vinte milhões de crianças nascidas em 1978, doze milhões (isto é, uma criança em dez), a maioria naturais do terceiro mundo, morrerão antes de terem atingido a idade de um ano», declarou o director geral da Organização Mundial da Saúde (O.M.S.), Halfdan Mahler, num relatório tornado público no dia 23 de Março.

Segundo Mahler, estas mortes prematuras são a parte visível do iceberg, porque, declara, «um grande número de sobreviventes não terão boa saúde e não atingirão as suas plenas capacidades humanas».

A maioria das crianças (mais de 80%) vivem, com efeito, em meios caracterizados por má nutrição, falta de água pura, doenças, insuficiência de cuidados, diz o relatório da O.M.S. que pede, nas suas conclusões que se tomem medidas imediatas em seu favor: as crianças que nascerem até ao ano 2.000 representarão um terço da população mundial no princípio do próximo século.



SORRISOS AMARELOS...

O casal Carter e o presidente Sadat mantêm um sorriso para a fotografia, para a posterioridade, a pensar na almejada paz para o Médio Oriente. Mas a paz americana não parece ser uma verdadeira paz, tal como os sorrisos parecem mais sorrisos amarelos... do que sorrisos confiantes e tranquilos. A História o dirá!



VELHAS TRADIÇÕES QUE PERDURAM NA HUNGRIA

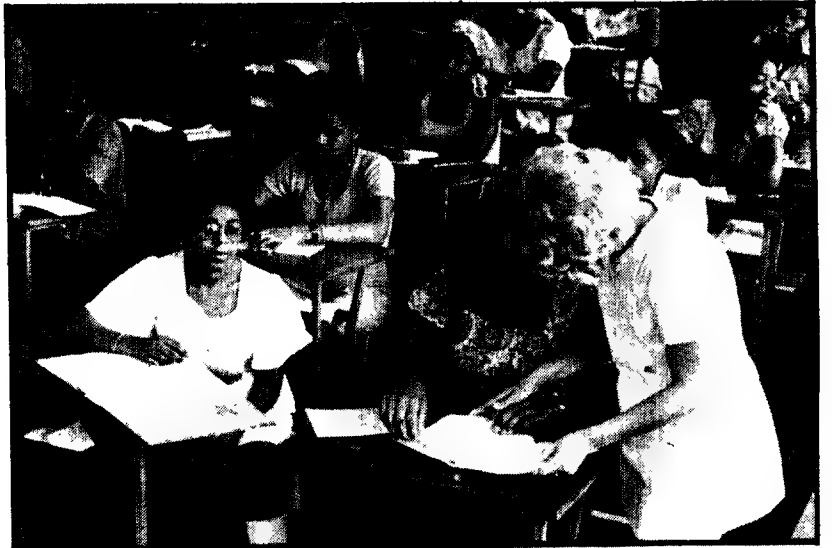
O folclore húngaro é extraordinariamente rico. Algumas das manifestações da cultura milenária do solo húngaro mantêm-se ainda vivas, embora representem crenças há muito ultrapassadas. Um dos costumes mais espectaculares é o que se observa em Mohács, no Sul do país: é a ronda dos «busó». Jovens vestidos com peles de animais dão a volta pela aldeia. O elemento característico do seu disfarce e a máscara assustadora que representa a cabeça de uma fera ou de um monstro

Brasil

GOVERNO CONTRA JORNALISTAS

Onze jornalistas de diferentes meios de comunicação brasileiros, todos eles membros do Sindicato de Jornalistas da Brasília, viram recusadas as credenciais pedidas para fazerem a cobertura da visita do chanceler Helmut Schmidt à capital brasileira.

O Movimento Democrático Brasileiro (MDB) protestou contra este acto «que cava um fosso desagradável entre a credibilidade do presidente e o povo, ansioso de ver este país convertido numa democracia». Por sua vez, o Sindicato dos Jornalistas de Brasília divulgou uma nota de protesto, onde dizia a dado passo: «Este facto não constitui novidade. O exercício de arbitrariedade contra os jornalistas e o cerceamento da liberdade de trabalho, que constitui um flagrante atentado contra a Constituição, mostram cabalmente os limites da falsa abertura que o Governo pretende impor ao povo». Uma cópia deste protesto foi entregue a membros da delegação alemã, incluindo o porta-voz do próprio chanceler Schmidt, Klaus Boelling.



ALFABETIZAÇÃO DOS POVOS AFRICANOS

A alfabetização foi, desde o início, uma tarefa dos professores cubanos em África. Num continente, dominado pelos colonialistas, o analfabetismo atinge taxas assustadoras. Quando se tornam Nações livres e independentes, o ensino torna-se uma questão prioritária

“BANDEIRA DA PAZ”

De 15 a 25 de Agosto deste ano decorrerá na Bulgária a maior realização mundial comemorativa do Ano Internacional da Criança: a Assembleia das Crianças «Bandeira da Paz», na qual participarão crianças vindas de todo o Mundo. Esta reunião é co-patrocinada pelo secretário do CC do PC búlgaro e presidente do Conselho de Estado, Todor Jivkov, e pelo director-geral da UNESCO, Amado M'Bow

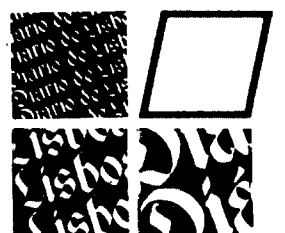
Durante dez dias, em Sófia e noutras cidades do país, os pequenos hóspedes da Bulgária terão a possibilidade de desenhar juntos, compor versos, cantar, participar em alegres brincadeiras e conhecer o país visitado. Mil e quinhentas crianças, vindas de 144 países, juntar-se-ão para participarem num amplo programa no qual se inclui o encontro dos futuros pintores e a exposição da criação artística infantil; o encontro dos pequenos músicos e o festival de interpretação e composição musical infantil e o

encontro de futuros escritores e certamente da criação literária infantil.

Decorrerá também em Sófia um simpósio sobre «problemas da formação e desenvolvimento harmonioso e criador do indivíduo, o papel e o lugar da arte e da cultura no Mundo actual e a educação das crianças», no qual participarão destacados cientistas, pedagogos e personalidades da cultura mundial. Todos eles entrarão em contacto com crianças presentes na «Bandeirada Paz».

EXCLUSIVO

N.º 15/79



Diário de Lisboa

Número avulso: 30 CENTAVOS

Administrador e editor

MANZONI DE SEQUEIRA

ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.

Endereço Telegráfico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANSO

SECRETARIO DA REDACÇÃO

ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 48

TELEFONES (Direcção : T. 152

Redacção: T. 153 e 154

Endereço telegráfico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O «CHRISTO» DE COLUMBANO



Primeiro estudo para o quadro «Christo» do pintor Columbano, que actualmente se encontra no atelier do grande mestre português

Diário de Lisboa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor:
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO — Rua de Nam, 57, 2.
Endereço Telegrafico: DEBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANZO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da **EMBAIXADA GRATUA**
Redacção, composição e impressão:
RUA LUZ SORIANO 48
TELEFONES / Direcção: 7. 153
Redacção: 7. 163 e 164
Endereço telegrafico: DEBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

NO CASTELO DE S. JORGE

A revolta da noite passada e a concentração das tropas fleis

NO PARQUE EDUARDO VII

Ontem, ao fim da tarde, sob uma atmosfera intensa de boatos, que penetrava nas redacções dos jornais, cafés e quartéis fechados, desenhou-se um movimento revolucionario, que ás 21,15 teve o seu inicio, com três tiros de peça, disparados do Castelo de S. Jorge. Diz-se que uma inconflência deu ensejo ao Governo de conhecer, três horas antes, o que se preparava. Imediatamente as entidades afectas á actual situação tomaram as medidas que se usam em casos tais. Vedetas da infantaria da G. N. R. em postos estrategicos, policiamento das ruas, recolha rapida de automoveis, electricos e outros veiculos, e concentração do ministerio no quartel de Artilharia 3—Campolide. O sr. general Carmona conservou-se nas Necessidades.

Ao cair da noite, quando uma aragem fresca soprava sobre a cidade, ouviram-se com grande fragor três tiros de peça.

Quando o sr. tenente coronel Bandeira de Lima e outros officais do Batalhão pretendiam ali entrar, os revoltosos não lho permitiram.

Durante a noite

Artilharia 3 tomou posições nas terras do Parque Eduardo VII, respondendo com cinco granadas aos tiros do Castelo. A parte baixa da cidade estava ás escuras. Em varios pontos, Praça de Camões, Bairro Alto, viam-se forças de cavalaria da G. N. R. e "camions" peados de tropas. Os quartéis fecharam com a ordem da mais severa prevenção. Nas ruas proximas, vedetas, que de vez em quando disparavam para o ar, amedrontando os raros curiosos que se atreviam a sair.

Na Rotunda, pelas 21,30, concentrava-se a força disponível de Sapadores de Caminhos de Ferro. Dois carros blindados da G. N. R., com metralhadoras e holofotes, concentraram-se no Rio de Janeiro, escoltados por cavalaria. Percorreram parte da cidade, tendo feito nutrido fogo.

O cerco ao Castelo

Às 23 horas foi dada ordem á Guarda Republicana, do quartel de Cabeço de Bola, para avançar para o Castelo, a fim de submeter os revolucionarios. As praças escalonaram-se pela rua da Madalena, Mouraria, rua Augusto Rosa e esquinas do Rossio, fazendo fogo. Das imediações

do Castelo, grupos de revolucionarios, postados pelos telhados e pelas esquinas, ripostaram com bombas.

Numa sortida, dirigida pelo sr. comandante Gonçalves e capitão Constantino, os revolucionarios apoderaram-se do quartel da G. N. R., dos Loios, tendo a frontaria ficado crivada de balas. Foi ferido nessa ocasião, com um tiro no peito, o segundo sargento Francisco Augusto da Cunha, que defendia aquele quartel. Pouco depois as forças governamentais, apoiadas por um automovel blindado, conseguiram desalojar as torças de caçadores 7, sendo preso o sr. comandante Gonçalves, que foi levado para a Rotunda pelo sr. tenente coronel Pestana Lopes.

41 prisões

Durante a noite, a Polícia de Informações prendeu os srs.:

José da Apresentação, José Augusto Costa, João Antonio Paiva, Ventura dos Santos, Alberto Dias Pombo, Miguel da Silva, Francisco Valente, Raul de Almeida, Delfim Rodrigues, Carlos Araújo, Martiniano Pereira, Joaquim Baptista, Augusto Costa Lopes, João Franco, Luis Bombarda Sá, Manuel Mota Junior, João Nobre Madeira, Bernardino Paiva, Antonio Catarino, Manuel Gonçalves da Silva, Cesar Manuel, Antonio Santos Serra, Alfredo Braz, Antonio Rodrigues, Francisco Rocha, Artur Belo, Carlos Ferreira, Manuel Camacho Boticas, Virgilio Moreira, Joaquim da Silva, Alvaro Andrade, Silvino Santos, Manuel Baptista, Manuel Salgado, Acacio Pereira da Silva, João Baltazar Junior, Antonio José Correia, Arnaldo Araújo, Vasco Martins Pinheiro, Justino de Jesus e João Ramos.

Um destacamento mixto

Por ordem do Governo, constituiu-se um destacamento mixto com as forças da calçada da Ajuda e, pela meia noite de ontem, os regimentos de infantaria 1 e cavalaria 2 e 7, sob o comando superior do sr. coronel Bernardo do Canto, saíram dos seus quartéis, deixando ali apenas as forças indispensaveis para, em cooperação com a companhia da G. N. R. aquartelada em Telegrafistas de Campanha, os defenderem. O destacamento mixto, á hora referida, subiu a calçada da Ajuda, desceu a da Tapada e, atravessando Alcantara-Terra, seguiu para a rua Maria Pia, em direcção a Campolide.

O Governo declara que se trata dum movimento politico, mas que tem a ordem assegurada.

Foi reforçada a guarda do Palacio das Necessidades.

No Castelo de S. Jorge, na residência do comandante, caiu um grana-da incendiaria, que comunicou fogo ao madeiramento, tendo o incendio sido extinto a baldes de agua pelos bombeiros do quartel n.º 5, da Graça.

A attitude da marinha

Recebemos a informação de que os navios de guerra, "Ave", "Tamega", "Vouga" e "Guadiana", que ontem á tarde entraram no Tejo, por determinação superior, saíram novamente. Ao que parece, fundearam em Setubal. Durante a noite de ontem, os barcos de guerra que se encontravam no Tejo fizeram constantes sinais luminosos.

O que diz o comandante de caçadores 7

Conseguimos esta tarde avistarmos com o sr. coronel Bandeira de Lima, comandante de Caçadores 7. O Castelo oferecia a esta hora um ar de tranquillidade, relativo á agitação da noite.

—Como teve conhecimento do movimento?

—Ontem circularam boatos. Não lhes lixei grande importancia, por não termos ordem de prevenção. Às 6 da tarde, como não tivesse serviço aqui, fui para casa. Às 8 menos um quarto dois officais deste batalhão foram a minha casa avisar-me de que a revolta ia estalar, e o sinal seria feito com tiros dados no Castelo.

—Uma surpresa...

—Absolutamente. Eu tinha a maior confiança nos officais. E tanto, que nunca exigi palavra de honra a officais do meu comando. Ha tempo constou-me que capitão Gonçalves e o tenente Quilhó conspiravam. Chamei-os, visto que soube que iam ser transferidos. Garantiram-me eles que não conspiravam, e, em vista disso, intercedi junto do ministro para lhes ser anulado o castigo imminente.

—E quanto soube do que se ia passar?

—Apresentei-me imediatamente. Quando cheguei junto do portão, vi muitos civis, e o portão fechado a cadeado, com correntes. Pretendi impôr a minha autoridade, para entrar. Apareceu-me um tenente, que me intimou a desistir do meu intento. Era contingente insistir...

—E que attitude tomou?

—Fui ao ministerio da Guerra, onde não encontrei ninguém. Dirigi-me então para artilharia 3, e comuniqui o que se passava ao chefe do gabinete do ministerio da Guerra. Era pouco mais de 8 horas da noite.

—E as medidas tomadas?

—As mais rapidas que se pode imaginar. Para o Parque Eduardo VII seguiu logo artilharia 3 e obuses. O ataque iniciou-se com peças de sete e meio e morteiros. Os primeiros tiros que se ouviram não foram do Castelo, mas do Parque. Ao mesmo tempo o sr. coronel Farinha Beirão organizou uma columna com forças mixtas de caçadores 5, metralhadoras, sapadores do caminho de ferro, que fez o cerco ao Castelo. No Tejo foram colocadas 2 peças e obuses. E o resto—já sabe. Depois de intenso fogo, os revoltosos renderam-se.

—Vítimas?

—Apenas morreram dois soldados. Foram presos os capitães Gonçalves, Betencourt, Abel Baptista da Silva, os tenentes Silva, Barreto e Neves, e os aspirantes Gaspar e Gonçalves. Foram presos outros officais, mas não eram da unidade. Os sargentos foram todos presos, com excepção de 4. Civis, prendemos muitos, entre os quais o dr. Jacinto Simões.

Um official informa completamente:

—Como medida de precaução tinhamos escondido os techos das peças, mas os revoltosos fizeram-nos substituir.

Outro official elucida:

—O capitão Tudela comandante da bateria 1 das nossas metralhadoras foi preso pelos officais de unidade, quando saia com a bateria. Informamos tambem o comandante Bandeira de Lima que a aviação de Alverca, com o comandante Sarmento Beires á frente, se revoltou. Foi o comandante Brito Pais quem, depois de uma tentativa inutil, conseguiu parlamentar com o capitão Pinheiro Correia, este official conversou com os seus colegas, e momentos depois Alverca rendeu-se. E tivemos a confirmação que algumas isoladas insurreições se deram, tendo sido dominadas.

O que se passa na provincia

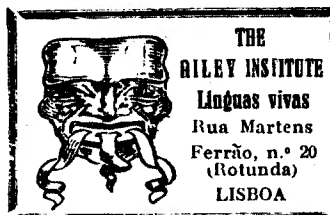
Segundo informações officais, no país não se registou, até a hora, que escrevemos qualquer acontecimento grave. Tentámos comunicar com varias terras do país, não o conseguindo, possivelmente pela abundancia de serviço official.

O titular da pasta da Guerra transmitiu aos comandantes das Regiões Militares a seguinte circular:

"O Governo desmente os boatos. Maus patriotas pretenderam ataiçar a Patria e a Republica, com o fim de prejudicarem o seu ressurgimento, o que não conseguiram.

Toda a guarnição de Lisboa se mantém fiel ao Governo, com excepção de uma pequena parte de caçadores 7, que será forçada a entregar-se ao romper do dia.

Viva a Patria. Viva a Republica. (a) Morais Sarmento, ministro da Guerra.



ULTIMAS NOTICIAS



O EXERCITO E AS MEDIDAS DE SALVAÇÃO NACIONAL

"Se não fizermos a revolução de cima para baixo ela virá de baixo para cima contra tudo o estabelecido,"

declarou hoje

O MINISTRO DAS FINANÇAS

Realizou-se hoje, ao meio dia, a anunciada manifestação de apoio dos comandantes das unidades da guarnição de Lisboa ao sr. ministro das Finanças pela obra que este tem levado a efeito.

A cerimonia efectuou-se na sala de Conselho de Estado e a ela assistiram, além do homenageado, os titulares das pastas do Interior, da Guerra e da Instrução Pública.

A manifestação de apoio foi prestada pelos comandantes de todas as unidades aquarteladas na capital.

* * *

Usou da palavra, em primeiro lugar, o sr. coronel Moraes Sarmento que disse:

— Nos cargos difíceis que nós desempenhamos, nem sempre se encontram apenas amarguras e dissabores. Ha momentos de justificação e de consolação extrema que servem, exactamente, para compensar as horas incertas e dolorosas.

«Encontramo-nos aqui para exprimir perante V. Ex.ª, sr. ministro das Finanças, o nosso apreço, respeito e consideração pela obra que V. Ex.ª está realizando.

«Prestamos, por ela, a V. Ex.ª as nossas mais sinceras homenagens.

«E' conveniente, entretanto, dizer-se que vindo aqui, nós não praticamos um acto de força. Praticamos, muito simplesmente, um acto de consciencia.

«Porque o Exercito não é uma casta, nem uma seita. O Exercito é uma parte esclarecida da opinião que assim deseja manifestar-se.

«Nós apenas aspiramos a sacrificar-nos e a morrer, em qualquer campo, com honra.

«Posso assegurar que V. Ex.ª encontrará no Exercito a força em que pôde apoiar-se para realizar a obra de ressurgimento nacional que preconisa.

«Para tanto asseguramos nós a V. Ex.ª que a ordem ha-de ser mantida. A ordem ha-de ser mantida, e a obra ha-de realizar-se».

E concluiu:

— Estão aqui, manifestando este desejo, apenas os comandantes das unidades da guarnição de Lisboa, porque eu entendi que assim devia ser.

«Mas é como se aqui estivesse todo o Exercito, e é como chefe de todo o Exercito que eu acabo de falar a V. Ex.ª

* * *

Falou, depois, o sr. Vicente de Freitas. Poucas palavras.

— Associo-me, disse, a esta manifestação. Associo-me a ela de todo o coração. Em pouco tempo eu tenho podido apreciar a importância do esforço dispendido pelo sr. ministro das Finanças. Esse esforço vai até ao sacrificio consciente da propria saude.

«Estive só oito dias no ministerio das Finanças. Esses me bastaram. Porque para saber o que aquilo é, é preciso por lá ter passado».

O sr. dr. Oliveira Salazar falou por ultimo. Disse o seguinte:

— A vossa manifestação confunde-me por imerecida. Agradeço, do coração, o que ela representa de simpatia por mim. Quanto á obra a que aqui se tem feito referencias, ela não é minha, mas sim do Governo de que faço parte.

«Quizeram V. Ex.ª, decerto, comemorar a data de 28 de Maio trazendo-me o vosso apoio e o vosso incentivo. E dá-se a circunstancia curiosa de eu ter sido o primeiro ministro das Finanças saído do movimento de 28 de Maio. Estive então cinco dias nessa pasta, não permitindo

os acontecimentos, que então se desenvolveram, que eu lá continuasse.

«Estou certo de que V. Ex.ª me não conhecem e nada me custa fazer a minha propria apresentação em meia dúzia de palavras. Sou um modesto professor da Universidade de Coimbra, e nem sequer sou dos melhores nesse conjunto de personalidades distintas. Fugi sempre da politica. Fui um dia deputado e cinco dias ministro. O que quero dizer que, em materia politica, o meu passado não autoriza grandes entusiasmos. Suponho ter, porém, uma qualidade: é saber servir quando me mandam servir.

«Tenho um lema na minha vida: não provooco, não fujo. Estou aqui porque recebi, para tanto, um convite do Chefe do Estado. Mais do que tudo estou aqui por uma imposição da minha consciencia. Se assim não fôsse, creiam V. Ex.ª que não estaria.

«Um homem que está nestes termos, tem de estar enquanto a consciencia lhe não mostrar que deve sair.

«A obra a que V. Ex.ª têm feito referencia será grande ou pequena, conforme o tempo que nos derem para a realizar».

E acentuou com energia:

— E' preciso fazer uma grande revolução nos nossos costumes politicos e na nossa crise administrativa. Essa revolução, necessaria e fatal, ou será feita dentro da ordem, como nós queremos, ou será feita dentro da anarquia.

«Quanto a mim, é melhor fazê-la dentro da ordem. A revolução assim será feita de cima para baixo e dentro dos quadros tradicionais da nossa civilização.

Mas, no caso de assim não ser, creiam que a revolução se fará de baixo para cima e contra todos os principios assentes e estabelecidos».

* * *

O sr. dr. Oliveira Salazar continuou assim o seu discurso:

— E' á volta do ministerio das Finanças que hoje gira toda a nossa vida.

«Sou partidario, ninguém o ignora, de uma politica rigorosa de equilibrio orçamental. Sem resolvermos esse problema, nenhum outro problema poderemos resolver. E' a essa politica que opõem a chamada politica de fomento, animadora de economia nacional. Ora a verdade é que não ha crédito, grande ou pequeno, para um Estado que tem as suas contas permanentemente desequilibradas.

«Sinto no ministerio, profundamente, os erros do passado. Mas sinto já também os resultados de uma esperança, que começa a esboçar-se, em melhores dias. Lá de fóra pergunta-se se este nosso esforço agora é a sério, se o que estamos fazendo é a valer e é para ficar.

«Mas só sendo a sério, a valer e para ficar nós poderemos arranjar a colaboração de capitais, nacionais e estrangeiros, que nos ajudem a fazer tudo aquilo de que carecemos.

«Não ha, meus senhores, que opôr ás duas politicas que citei. Ha que seguir, rigidamente, a politica de equilibrio de contas, base daquilo que temos a fazer.

«Sou o primeiro a reconhecer a importância dos sacrificios que imponho. Ninguem que quizesse fazer carreira pela politica, faria o que eu estou fazendo.

Na primeira página deste suplemento que recorda o «Diário de Lisboa» de 1928, o primeiro estudo para o quadro «Cristo», do grande pintor Columbano. Estava, então, o quadro no «atelier» do mestre. O «Diário de Lisboa» deu-lhe toda a primeira página, mais do que o desejo de o revelar ao leitor, quiz-se homenagear o grande pintor que foi Columbano.

Na segunda página do suplemento: a revolta da noite passada, o 20 de Julho. A resistência á Ditadura militar repetia acções

militares de grande valentia mas sem sucesso. O ministro das Finanças começava a impor as suas opiniões doutrinárias e os seus conceitos económicos, financeiros e políticos. Os comandos militares davam-lhe apoio em cerimónias que eram, na realidade, actos de vassalagem. Um homem, uma vontade politica, emergiam na confusão situacionista.

E, para harmonisar o quotidiano com a ideologia dominante, a ordem vinha: circular pela direita.

GARAGE

Previnem-se os Srs. Proprietarios d'Automoveis que abre no proximo dia 1 de Junho uma nova garage de recolha na Rua Thomaz Ribeiro.

ANTIGA COCHEIRA DA CASA GRANDELA

Por isso mesmo terminado que seja o meu papel, desaparecerei da scena politica.

«Analisando detalhadamente o estado das contas publicas, eu sinto sempre uma grande satisfação sempre que constato que a administração está, de facto, muito mal. E dizendo-o, não faço blague. Porque isso me dá a certeza de que a situação melhorará rapidamente e duradouramente».

* * *

Declarações finais do sr. dr. Oliveira Salazar:

— Estou convencido de que o imposto de salvação publica não terá de ser cobrado durante muito tempo. E depois talvez se possa até melhorar a condição dos servidores do Estado.

«A politica de sacrificios é um castigo imposto ao país pelos seus proprios erros e culpas.

«Enganam-se os que supõem que, legislando como legislo, eu não tenho sensibilidade. Mas não posso e não devo deixar-me guiar pelos impulsos do meu coração. Nenhum pai á cabeceira do seu filho perigosamente doente, adiará, por uma hora sequer a operação salvadora que a sciencia lhe impuzesse».

«Mas a politica que eu preconizo tem de ter fortes pontos de apoio. O ponto de apoio moral que requeiro, sei que se encontra na nação. Esta quer apenas paz e trabalho. A força material de que essa politica carece para se apoiar tem de ser o Exercito. E isto não é casual.

«Porque a politica que preconizo é a de sofrer e servir. E a estas duas coisas se reduz também a psicologia do militar.

«Todos temos o direito de viver. Mas o Exercito tem o dever de se sacrificar e de morrer. O Exercito é mesmo uma força que existe para morrer.

«Por isso eu me dirijo e apelo para ele.

«Agradeço a todos os que aqui vieram prestar-me esta manifestação de consideração e de estima.

«O sr. ministro da Guerra fez, em conselho de ministros, a afirmação de que o Exercito fará todos os sacrificios que se tornarem necessarios. E' assim que se fará

«Quando a autoridade superior que me convidou a vir para este lugar me disser que devo ir-me embora, ir-me-hei embora: quando a consciencia me indicar que outro melhor deve vir ocupar o meu cargo, saberei abandoná-lo.

«Mas só nessas circunstancias. Em nenhuma outras deixarei de cumprir, até ao fim, o meu dever».

O sr. ministro das Finanças, no final, apertou a mão de todos os officiais presentes.

Odeon

telefone

N. 3703

Soirée ás 21,15 horas

EM MONTE CARLO

Legitima Defeza

Actualidades M. G. M. n.º 57

Progr. Metro-Goldwyn-Nayer

Org. sob a dir. de René Bohet

Brevete: A BOHEMIA

Alpargatas com solas de borracha
FABRICANTES: REPENICA-
DO & BENGALA, LTD. — Sede
CASTELO DE VIDE. Depósito
em Lisboa: Rua dos Sapateiros,
85, 1.º. Telefone 1591-C. e no
Porto: Rua de Santo Ildefonso,
356, 1.º. Telefone 1743. — Deposi-
tários em Lisboa e Porto: C.
REIS, LTD.

ULTIMAS NOTICIAS

**Companhia de Seguros
LEX**
R. de S. Paulo, 78, 2.º

Seguros de vida, contra
desastres no trabalho
e outros ramos

PELA DIREITA!

"Se não se cumprirem as disposições de trânsito as nossas estradas serão utilizadas por suicidas,,

Não ha confusão nenhuma. Não exa-
geramos. Está tudo muito bem.
Toda a gente sabe qual é a sua mão
direita.

Agora ha que saber qual é a mão es-
querda. E não ha mais nada senão isto.
De resto, os electricos ensinam. Pas-
sam a rodar ao contrario do que é até
aqui. E como é para toda a gente, para
todos os generos de viação, para toda a
cidade, para todo o pais, para toda a
Península hispanica—está certo. Não ha
que discutir, está certo.

O leitor estava, talvez, habituado, co-
mo frequentador assíduo dos electricos,
a olhar para certa janela quando descia
a Avenida, de manhã, ao entrar no es-
critorio. Um pequeno entretenimento—
admitamos.

Passa a olhar quando fôr jantar, e a
inversa é também admissivel. Mudança
de horario.

Estava habituado, gentilmente, a dar
a direita. De a esquerda, que não deixa
de ser "gentleman". Guarde a sua mão
direita para quando casar. Passe a ter
mais tom. Só se dá a direita no altar.
E' um privilegio, que oferece excepção;
isto é: categoria.

A gente via os predios, as igrejas, os
jardins, as montanhas, os "placards", os
passeios tudo á nossa direita; entramos
noutra vida: passemos a ver pela es-
querda.

Estamos em afirmar que o leitor não
conhecia a Avenida do lado do Tivoli e
da Companhia das Aguas, o Rossio do
lado das lojas de modas, a Rua Augusta
de lado nenhum, por que ia sempre a
ler o jornal da manhã.

Agora, quando voltar para casa—vê
alguma cousa de novo.

Esta mudança é uma inovação simpá-
tica; uma novidade. Era monotono ir
sempre pelo mesmo lado. Passa a ver a
cidade de outra maneira. Outro horisonte,
outra perspectiva, outra gente.

Parece que não é nada. Pois é. Isto de
mudar a direcção do trânsito, pode tra-
zer á vida uma contra directriz.

Descer a rua da Palma de electrico ou
de automovel! Nunca ninguém desceu.

Quem sabe se a nossa vida agora pas-
sa, pela esquerda, a ir um pouco mais
direita?

Olhem que ás vezes...

Exemplificando, na Baixa, que é o que
dá leis á Cidade, embora os baírristas
protestem:

Sobe-se:

— A rua Augusta e rua dos Fanquei-
ros, a rua Nova do Carmo, o Arco do Mar-
quês de Alegrete, a rua de Santo Antão,
a calçada de S. Francisco.

Desce-se:

— A rua do Ouro e a rua da Prata, a
rua Nova do Almada, a rua de Príncipe,
a rua da Palma, a rua do Crucifixo.

Atravessa-se no sentido de S. Pedro
de Alcantara para a rua das Pretas, isto
é: no sentido da Avenida para a Praça
da Figueira.

— A rua do Jardim do Regedor, a arte-
ria do Rossio, defronte do Arco do Ban-
deira, a rua de Santa Justa, as da Vito-
ria e de S. Nicolau, a de S. Julião, a rua
do Amparo.

Ao contrario: atravessa-se a arteria do
Rossio defronte do Teatro Nacional, as
ruas da Assunção e dos Retrozeiros, a
rua da Betesga, a travessa nova de S.
Domingos, a rua Silva e Albuquerque.

Tem trânsito nos dois sentidos as ruas

A mudança do sentido de marcha que se
efectua esta noite, ás 0 horas, em todo o
pais, excepto em Lisboa, e ás 5 da ma-
drugada na capital, constitui o assunto
mais palpitante. E isso nos levou a ouvir
esta tarde um distinto automobilista que
hoje pertence ao Conselho Superior de
Viação, e que nos disse, não só sobre es-
te aspecto do Codigo da Estrada, mas so-
bre todo este importante diploma:

— O Codigo da Estrada não é só a mu-
dança de mão: — o Codigo da Estrada
são todas as disposições relativas ao
trânsito, e todas interessam igualmente
o Conselho Superior de Viação. A mudan-
ça do sentido de marcha, como já expôs
ao *Diário de Lisboa* o sr. dr. Oliveira
Monteiro, era uma necessidade, e portan-
to, faz também parte do Codigo da Estrada.
Mas no Codigo ha muitos outros as-
suntos que também vão ter applicação ri-
gorosa e esperamos que, a pouco e pouco,
e dentro dum curto praso, todos os con-
dutores de veículos e bem assim os peões
se convencerão de que se não cumprirem
todas as disposições de trânsito, as estradas
reparadas só servirão para nelas transi-
tarem, ou os loucos que se quizerem
suicidar, ou os arrojados que quizerem
ter a sensação da morte em todas as es-
quinas... Para exemplo, basta ver a série
de accidentes que têm sucedido na estrada
de Sintra... é uma amostra evidente.
Ora é preciso que tal estado de loucura
acabe e que todos se convençam de que ha
disposições para se cumprirem, custe o
que custar, e isto tanto para os automo-
veis como para as carroças, peões, etc.
Informações que interessam a toda a
gente:

— As placas de inscrição dos automo-
veis têm de obedecer ás disposições do
Codigo, de forma que os numeros e le-
tras sejam facilmente legiveis. A illumina-
ção das mesmas placas tem de ser de tal
forma, que de noite se vejam claramente,
e dentro em breve far-se-ha cumprir ri-
gorosamente esta disposição, pois ha
muitos automoveis que nem sequer tra-
zem lanterna na retaguarda. A partir de
20 de Junho todos os carros com as letras
W. W. têm de ser registados definitiva-

do Arsenal, da Alfandega, o Terreiro do
Paço, parte da rua do Comercio, onde
alguns quarteirões têm variantes, e cal-
çada do Carmo, que leva á Estação, a
rua Garrett, o largo de D. João da Ca-
mara, defronte da Estação e a Avenida.

Este trânsito nos dois sentidos quere
dizer: direita onde dantes era esquerda,
e esquerda onde dantes era direita.

Nada mais simples; é uma questão de
a gente se habituar. Os chauffeurs, são
habeis, e ao fim de oito dias até extra-
nam—terem extranhado.

E a subida e descida para os electri-
cos? Muito simples. O passageiro apeia-
se simplesmente ao contrario. Sempre
gostavamos de saber se a perna esquer-
da não é capaz de fazer o que faz a per-

mente, acabando-se com mais esta sé-
rie...

— Nos cruzamentos e ultrapassagens...
— Todos os veículos terão de guardar
o seu lado pois, doutra forma, quem fôr
fora do seu lugar é considerado culpado
em qualquer accidente que provoque.

— Os electricos...

— Ficam também sujeitos ás disposi-
ções do Codigo, como os automoveis. To-
dos os automoveis destinados ao servi-
ço de passageiros em comum, serão ins-
pccionados, e não se consentirá que cir-
culem sem licença especial, e os que não
oferecerem as condições de segurança e
comodidade não poderão empregar-se
neste serviço. Não ha direito que se de-
xem andar por essas estradas verdadeiras
carroças com motor que, de vez em quan-
do, atiram por ribanceiras os desgraça-
dos que nelas se metem.

Mais aspirações, justas:

— E' preciso acabar com os *chauffeurs*
cadastrados pelos crimes de furto, em-
briaguez, abuso de confiança, burla, aten-
tados pessoais, etc. E' indispensavel que
se fiscalizem as estradas reparadas, es-
pecialmente as de turismo, a fim de se
evitarem verdadeiros abusos, porque as
estradas são de todos e não só de meia
duzia de... pretensos azes do volante... Es-
tes que não contem com as Companhias
de Seguros para lhes garantir as suas
proezas, porque breve serão conhecidos,
e nenhuma Companhia poderá tomar a
responsabilidade das suas loucuras... Aos
condutores que causem qualquer aci-
dente e não parem imediatamente para
prestar socorro, e aos que causem
qualquer accidente por transgressão das
disposições de trânsito, em que se lhes
reconheça culpabilidade, ser-lhes-ha cas-
sada a carta, até resolução definitiva dos
tribunaes.

E a concluir:

— Emfim, deem tempo ao tempo, e ve-
remos se com boa vontade e energia, se
conseguirá o que todos desejam: ordem e
cumprimento rigoroso das disposições do
Codigo, para segurança de quem transi-
ta.

na direita. Claro que é. Ha tempo de se
fazer á ginastica com mandam as re-
gras, não desenvolvendo mais um lado
do que outro. Fica-se habilitado a pe-
gar a qualquer das extremidades, e
aqueles que se gabam de que tem um
forte sóco esquerdo, com o tempo pas-
sam a não constituir nenhuma rapa-
láparte.

Apertar a mão, cumprimentar, tirar o
chapau: tudo pela esquerda.

Na Avenida, confessamos, ha de ser
um pouco mais difficil entrar no habito.
O marido espera-se no electrico que su-
bia; enfim, é uma expectativa a menos.
Mas tudo é compensação: aqueles que
do lado do cinema Condes e do teatro
Avenida não tinham o goso de esperar

ninguem, á hora do jantar, vindo do
Rossio—passam a ter uma felicidade
nova. "Ele trará realmente a encomenda
que eu lhe pedi?"

O que é indiscutivel é que Lisboa vai
ser outra. A gente passa a não encon-
trar ás mesmas horas as mesmas pes-
soas, porque o trânsito dos peões é mu-
tua função do trânsito dos "taxis" e dos
electricos.

Certamente os cafés do Rossio não
vão mudar para o lado de lá. Mas, á tar-
dinha, o espectáculo do assalto aos car-
ros é todo do lado da Loja do Povo,
que — cremos crer — não vai aumentar
os preços por esse motivo.

Quem ia para o Lumiar de electrico,
espera agora do lado onde se esperava
Bemfica. E vice-versa. Mudança do "flirt"
para o lado do coração.

"A" noite é que vai ser mais difficil,—
diz-se. Qual historia! Vem aí cinco mil
candieiros novos.

Lisboa estava insuportavel, igual. De
amanhã ás 5 horas da manhã—vida nova.
Sobem os que desciam, e descem os que
subiam sempre.

Já era tempo.

PELA DIREITA

A direcção do A. C. P. (Automo-
vel Club de Portugal) avisa todos
os seus consocios, os automobi-
listas em geral e ainda todos os
condutores de veículos que cir-
culam no pais, de que, a partir da
MEIA-NOITE de hoje, excepto em
Lisboa, onde só começará aman-
hã, ás 5 horas da manhã, a cir-
culação geral muda, fazendo-se
ao contrario do que está prece-
tuado, isto é, todos os veículos
civis e militares passam a rodar
pela direita, dando a esquerda ao
centro das estradas e ruas, em
todo o territorio do continente e
ilhas adjacentes.

A ultrapassagem far-se-ha pela
esquerda do veículo a ultrapas-
sar.

Troca de cartas e livretes

Com a maior rapidez trata-se das 10
da manhã ás 12 e das 13 ás 18, todos os
dias na rua da Emenda, 100 (á esqui-
na da rua da Horta Seca).

Odeon

telefone

N. 3703

HOJE, ás 21,15 horas

Grandioso super-filme

A BOHEMIA

Grande successo de King Vidor,
o realizador de **GRANDE PA-
SADA**, com John Gilbert, Lil-
lian Gish, René Adoré, K. Dane

Actualidades e um fim comico

Progr. Metro-Goldwyn-Mayer

Adaptação musical

sob a direcção de René Bohet

O DIARIO DE LISBOA é o jornal da
noite de maior circulação.